

# **As Mulheres no Mercado de Trabalho Brasileiro: Informações qualitativas e quantitativas**

## **Relatório de Pesquisa**

### **As Trabalhadoras Domésticas e as Mulheres Dedicadas aos Afazeres Domésticos nas cidades de São Paulo e Salvador**

---

*Convênio Nº 072/2010 - Secretaria de Políticas para as Mulheres/PR e DIEESE*

**Abril de 2011**

**DIEESE**  
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE  
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

<b>Apresentação</b>	5
<b>Introdução</b>	7
<b>Capítulo 1 – As trabalhadoras domésticas no mercado de trabalho brasileiro</b>	15
1.1 O trabalho doméstico remunerado no Brasil	15
1.2 O trabalho doméstico remunerado nas Regiões Metropolitanas	21
<b>Capítulo 2 – O que disseram trabalhadoras e empregadoras nos grupos focais</b>	29
2.1 Características das trabalhadoras domésticas presentes nos grupos focais	29
2.2 O que disseram as trabalhadoras domésticas mensalistas e diaristas	44
2.2.1 Um quebra gelo revelador	45
2.2.2 Profissão e identidade: porque ser trabalhadora doméstica	48
2.2.3 Condições de vida	54
2.2.4 Condições de trabalho	58
2.2.5 A organização sindical	74
2.2.6 Direitos Sociais	79
2.2.7 Avaliação	82
2.3 Características das empregadoras de trabalhadoras domésticas presentes nos grupos focais	84
2.4 O que disseram as empregadoras de trabalhadoras domésticas	90
2.4.1 Quebra gelo	90
2.4.2 O trabalho doméstico na sua vida	91
2.4.3 Proteção social e legal para o trabalho doméstico	101
2.4.4 Avaliação	109
<b>Capítulo 3 – Mulheres dedicadas aos afazeres domésticos: quem cuida das donas de casa?</b>	110
3.1 Características das donas de casa no Brasil e nas Regiões Metropolitanas de São Paulo e Salvador	111
3.2 Características das mulheres donas de casa presentes aos grupos focais em São Paulo e Salvador	119
3.3 O que disseram as mulheres dedicadas aos afazeres domésticos nos grupos focais	125
3.3.1 Quebra-gelo	126
3.3.2 Identidade e trabalho doméstico não remunerado	128
3.3.3 Avaliação	137
<b>Capítulo 4 – Principais conclusões</b>	138
4.1 Algumas questões de expressão	139
4.2 As Trabalhadoras Domésticas	140
4.3 Empregadoras de Trabalhadoras Domésticas	141
4.4 Donas de Casa	142
4.5 Considerações Finais	143
<b>Bibliografia consultada</b>	145
<b>Anexos metodológicos</b>	147

**ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS**

GRÁFICO 1 - Estimativa do número de trabalhadores domésticos por sexo - Brasil 2004 – 2009	16
GRÁFICO 2 - Estimativa do número de trabalhadores domésticos por cor/raça - Brasil 2004 – 2009	16
TABELA 1 - Distribuição dos ocupados por sexo, segundo setor de atividade econômica - Brasil 2009	17
TABELA 2 - Distribuição das mulheres ocupadas por setor de atividade, segundo raça/cor - Brasil 2009	18
TABELA 3 - Rendimento médio real mensal das mulheres ocupadas, por raça/cor, segundo setor de atividade - Brasil 2009	18
TABELA 4 - Distribuição das empregadas domésticas, por raça/cor, segundo nível de escolaridade - Brasil 2009	19
TABELA 5 - Número e proporção das empregadas domésticas por situação de contribuição à previdência social no trabalho principal da semana de referência, segundo cor/raça - Brasil, 2009	20
TABELA 6 - Rendimento médio das empregadas domésticas por situação de contribuição à previdência social no trabalho principal da semana de referência, segundo cor/raça - Brasil 2009	20
TABELA 7 - Participação do Emprego Doméstico no Total da Ocupação, por Sexo e Raça/Cor - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2009	21
TABELA 8 - Distribuição dos Ocupados, por Sexo e Raça/Cor, segundo Setor de Atividade Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo - 2009	22
TABELA 9 - Distribuição das Empregadas Domésticas, por Raça/Cor, segundo Atributos Pessoais - Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo – 2009	24
TABELA 10 - Distribuição das Empregadas Domésticas, por Raça/Cor, segundo Posição na Ocupação - Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo – 2009	25
TABELA 11 - Distribuição das Empregadas Domésticas, por Raça/Cor, segundo Tempo de Emprego, Tempo Médio e Mediano de Permanência no Trabalho Principal - Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo – 2009	26
TABELA 12 - Rendimento real médio do total dos ocupados e das mulheres ocupadas por raça/cor segundo setor de atividade - Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo – 2009	27
TABELA 13 - Rendimento real médio mensal das empregadas domésticas, por raça/cor, segundo tributos pessoais e posição na ocupação	28
TABELA 14 - Perfil das Participantes dos Grupos Focais Trabalhadoras Domésticas Mensalistas – São Paulo	31
TABELA 15 - Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais Trabalhadoras Domésticas Mensalistas – São Paulo	32
TABELA 16 - Perfil das Participantes dos Grupos Focais Trabalhadoras Domésticas Diaristas – São Paulo	34
TABELA 17 - Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais Trabalhadoras Domésticas Diaristas – São Paulo	35
TABELA 18 - Perfil das Participantes dos Grupos Focais Trabalhadoras Domésticas Mensalistas – Salvador	38
TABELA 19 - Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais Trabalhadoras Domésticas Mensalistas – Salvador	39
TABELA 20 - Perfil das Participantes dos Grupos Focais Trabalhadoras Domésticas Diaristas – Salvador	41
TABELA 21 - Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais Trabalhadoras Domésticas Diaristas – Salvador	42
TABELA 22 - Características das empregadoras de trabalhadoras domésticas – São Paulo	85

TABELA 23 - Características das empregadoras de trabalhadoras domésticas – Salvador	88
TABELA 24 - Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais por condição de atividade e dedicação a afazeres domésticos - Brasil, 2009	112
TABELA 25 - Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais por condição de ocupação e dedicação a afazeres domésticos. Brasil, 2009	112
TABELA 26 - Distribuição das mulheres de 16 anos ou mais, que cuidavam dos afazeres domésticos, por horas semanais dedicadas ao afazeres domésticos, condição de atividade e ocupação - Brasil, 2009	113
TABELA 27 - Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por faixas de rendimento mensal de todas as fontes - Brasil, 2009	114
TABELA 28 - Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que se cuidavam dos afazeres domésticos, por faixas de rendimento mensal familiar per capita - Brasil, 2009	114
TABELA 29 - Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por cor/raça - Brasil, 2009	115
TABELA 30 - Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por faixa etária - Brasil, 2009	115
TABELA 31 - Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por tipo de família - Brasil, 2009	116
TABELA 32 - Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por escolaridade - Brasil, 2009	117
TABELA 33 - Estimativa de mulheres inativas, total e com afazeres domésticos na semana de referência, de 16 anos ou mais Regiões Metropolitanas e Regiões Metropolitanas de São Paulo e Salvador – 2009	117
TABELA 34 - Distribuição das mulheres inativas de 16 anos ou mais, por atributos pessoais e realização de trabalho excepcional e valores dos rendimentos médios - Regiões Metropolitanas de São Paulo e Salvador - 2009	119
TABELA 35 - Características das Donas de Casa que Participaram dos Grupos Focais – São Paulo	121
TABELA 36 - Características das Donas de Casa que Participaram dos Grupos Focais - Salvador	123

## APRESENTAÇÃO

O DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – celebrou com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, em junho de 2010, o Convênio de Cooperação Técnica 072/2010 – processo nº 00036.000455/2010-06, intitulado *As Mulheres no Mercado de Trabalho Brasileiro: informações qualitativas e quantitativas*. O convênio tem como objetivo central a produção de informações e a coleta e organização de dados sobre as perspectivas e dificuldades das mulheres no mundo do trabalho, com vistas a subsidiar a elaboração de políticas públicas voltadas para a eliminação da desigualdade de gênero no trabalho e na vida das mulheres.

Para isso, o convênio possui duas linhas de pesquisa:

A primeira é dedicada à realização de um estudo qualitativo sobre dois grupos específicos – as trabalhadoras domésticas e as donas de casa, ou seja, mulheres que se dedicam aos afazeres domésticos, sem vínculos com o mercado de trabalho e sem a presença de uma trabalhadora doméstica em seus domicílios.

A segunda linha de pesquisa dedica-se à produção de um Anuário<sup>1</sup> sobre as mulheres, publicação com o objetivo de reunir informações e estatísticas nacionais e também internacionais, incorporando temas como população, fecundidade, família, domicílios, indicadores sociais e de mercado de trabalho como participação, remuneração e desemprego, informalidade, previdência social, por exemplo.

Este relatório apresenta os resultados da linha de pesquisa 1, que realizou uma pesquisa qualitativa com empregadas domésticas, empregadoras de trabalhadoras domésticas e donas de casa nas cidades de São Paulo e Salvador, para ouvir, a partir delas mesmas e de suas experiências, quais são seus principais problemas, aspirações e expectativas em relação à vida e ao trabalho e a suas relações com o âmbito doméstico, também indagando e registrando suas críticas e sugestões em relação às políticas públicas existentes no país.

O trabalho doméstico possui enorme importância social, pois é o trabalho que cria cotidianamente as condições essenciais para a vida de todas as pessoas – provê cuidado, asseio, alimentação, vestimenta às pessoas e a seus lares. Paradoxalmente, tanto quando exercido de forma remunerada como de forma não remunerada, está entre aqueles que são menos valorizados. Há todo um contexto de relações sociais, de legislação e de políticas que é útil agregar à discussão para melhor situar o ambiente e os temas tratados pelas

---

<sup>1</sup> O DIEESE vem produzindo, desde 1993, o Anuário dos Trabalhadores, pequeno livro de bolso que apresenta um conjunto dos principais indicadores socioeconômicos e do trabalho nacionais e internacionais. Ao longo do tempo, tornou-se necessário realizar o mesmo trabalho para temas específicos de interesse do movimento sindical brasileiro e de toda a sociedade. Assim, foram publicados também Anuários temáticos tais como o Anuário para o setor rural e agrícola, sobre o sistema público de emprego brasileiro e outros. Os Anuários têm se mostrado um meio de comunicação e consulta eficaz para o público sindical, acadêmico, de comunicação, estudantes e todos aqueles que necessitam encontrar e usar informações de modo simples, claro e prático, atestado por sua grande aceitação e difusão nestes 17 anos de existência.

mulheres que participaram da pesquisa. Esta foi realizada utilizando a técnica de grupos focais. Estes temas são apresentados na Introdução.

A situação das mulheres trabalhadoras domésticas é contextualizada no Capítulo 1, que traz alguns dos principais indicadores de trabalho desta categoria profissional para o país e nas regiões escolhidas para os grupos focais. Buscou-se, na medida do possível, dada a dificuldade de mensurar através das pesquisas existentes no país, também agregar alguns dados e características das empregadoras, que se apresenta no Capítulo 2, no item reservado às empregadoras de trabalhadoras domésticas. A caracterização dos dois grupos de mulheres é feita com base nos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED, realizada pelo convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e instituições regionais e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, realizada pelo IBGE.

O Capítulo 2 apresenta os relatos dos grupos focais realizados com as trabalhadoras domésticas diaristas e mensalistas e com as mulheres que empregam trabalhadoras domésticas.

No Capítulo 3, apresenta-se o relato dos grupos focais realizados com as mulheres que se dedicam às tarefas domésticas de forma não remunerada, além de buscar quantificar o universo das donas de casa e algumas de suas principais características, também com base nas informações coletadas pela PED e pela PNAD.

Ao final, encontram-se as principais conclusões da pesquisa, organizadas com vistas a reunir o conjunto das falas das mulheres que participaram dos grupos focais e destacar as sugestões para a elaboração de políticas públicas e de iniciativas que possam contribuir para a melhoria das condições de vida e trabalho destas que representam, reunidas, parcela expressiva da população adulta do país.

Está incluídos neste relatório um anexo metodológico, para informação sobre o processo de realização dos grupos focais.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende lançar um olhar sobre o trabalho doméstico nas duas formas como se apresenta no mundo contemporâneo: como trabalho doméstico remunerado e como trabalho doméstico não remunerado – as duas faces da concretização de um conjunto complexo de relações simbólicas e concretas que respondem pela realização das tarefas reprodutivas na sociedade.

O trabalho reprodutivo consiste na realização de todos os cuidados e providências necessários à vida e sua manutenção e desenvolvimento em seu âmbito mais pessoal: comer, dormir, vestir, descansar, ter um domicílio, ir à escola, receber afetos e atenção, receber cuidados nas enfermidades, poder dirigir-se ao mercado de trabalho e permanecer nele. As teorias clássicas, hoje amplamente questionadas, situaram o trabalho reprodutivo no polo oposto ao outro trabalho, realizado no mercado de trabalho e chamado de produtivo, pois dele resultam bens e serviços com valor monetário. Mas, somente é possível que haja trabalho produtivo se existirem seres humanos para realizá-lo, o que somente o trabalho reprodutivo pode fazer. Esse é o questionamento atual<sup>2</sup>.

O trabalho doméstico é exercido majoritariamente por mulheres, tanto na sua forma remunerada como não remunerada. Em 2005, realizavam tarefas domésticas 90,6% das mulheres e 51,1% dos homens ocupados, segundo dados do IBGE. Seu tempo se dividia, em média, entre 42,9 horas por semana dedicadas ao trabalho remunerado e 9,8 horas semanais às tarefas domésticas, no caso dos homens. As mulheres ocupadas destinavam 34,8 horas semanais ao trabalho remunerado e 25,2 horas por semana às tarefas domésticas. A situação não é diferente quando se agregam as mulheres que estão fora do mercado de trabalho e aquelas que estão desempregadas, como mostram os dados e se verá também no Capítulo 3 deste Relatório. Ao contrário, é ainda mais marcante o tempo dedicado pelas mulheres nessas situações ao cuidado doméstico.

As muitas mudanças que ocorreram no mundo nas últimas décadas mostraram alguns pontos cruciais das sociedades modernas: o ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho e a contestação das situações de desigualdade e subordinação impostas a elas tornaram claras as conexões entre a vida doméstica e o mundo do trabalho. Há uma relação de dependência entre ambos e como as mulheres estão, agora, nestes dois mundos, é necessário criar as pontes inexistentes entre os dois espaços e nele incluir os homens para estabelecer situações reais de igualdade.

Além disso, o envelhecimento progressivo da população também mostra como o cuidado dos mais velhos, assim como das crianças, necessita e irá necessitar ainda mais de um amplo compromisso social para sua realização.

---

<sup>2</sup> Pereira, Hildete; Considera, Claudio Monteiro; Di Sabbato, Alberto. 2003.

Nos últimos anos, no Brasil e no continente latino americano, em especial, foram realizados enormes investimentos para a erradicação da pobreza e para a inclusão social. Esse objetivo é particularmente importante para as mulheres, pois são elas as mais vulneráveis à pobreza em razão das situações de discriminação de gênero que vivem. A essa vulnerabilidade, como hoje já é amplamente conhecido, somam-se também as dificuldades criadas pela discriminação racial, particularmente importantes no Brasil, onde metade de sua população é negra.

É neste contexto que o trabalho doméstico passa a ser objeto de interesse crescente – da ciência, das organizações de mulheres, do movimento sindical e das políticas públicas.

Do ponto de vista científico, há um grande esforço sendo realizado por feministas e estudiosos em geral para a produção de conhecimento sobre o trabalho doméstico remunerado e não remunerado e seu lugar no mundo moderno.

Em seus movimentos, as mulheres buscam organizar-se e criar massa crítica em torno do tema, para trazê-lo à atenção pública, de forma a gerar as mudanças e iniciativas necessárias. Além disso, vêm criando e propondo soluções para a promoção da igualdade - constituição de bens e serviços públicos, de sistemas de proteção social e de normativas legais não discriminatórias. No âmbito do trabalho, a crescente participação das mulheres e a atenção aos trabalhos mais precários vêm se traduzindo também na incorporação crescente das trabalhadoras domésticas ao movimento sindical. As trabalhadoras domésticas do continente têm uma longa história de organização sindical que ainda é pouco conhecida e divulgada, inclusive com várias iniciativas de negociação coletiva.

Em muitos países, vêm sendo desenvolvidas iniciativas do poder público que visam o combate a todas as formas de discriminação, de ampliação da proteção social, de promoção do trabalho das mulheres e do trabalho doméstico, por meio de políticas públicas ou de aperfeiçoamento dos marcos legais<sup>3</sup>.

As possibilidades de construção de sociedades mais justas e igualitárias estão diretamente vinculadas à solução de problemas que envolvem a redistribuição do trabalho social produtivo e reprodutivo e de investimentos para a conciliação entre o trabalho, a família e a vida pessoal, em uma ótica da responsabilidade de todos: homens e mulheres, estado e sociedade<sup>4</sup>. Esses investimentos deveriam dirigir-se a áreas-chaves como o aperfeiçoamento das normas e relações de trabalho; a existência de serviços e equipamentos públicos adequados a essas necessidades; ampliação da proteção social e políticas de incentivo e educação da sociedade para o compartilhamento de tarefas e responsabilidades.

Este é, então, o panorama mais amplo onde se insere esta pesquisa e também sua razão de ser.

---

<sup>3</sup> OIT, 2010.

<sup>4</sup> OIT, PNUD, SPM. 2009.

O trabalho doméstico é realizado pelas donas de casa, mulheres que cuidam exclusivamente dos afazeres domésticos nos domicílios, e que permanecem dedicadas a estas tarefas por uma escolha ou por uma contingência. Estas mulheres vivem um papel tradicional em uma sociedade moderna – são cônjuges e, às vezes, chefes de família – na maioria dos casos sem renda própria e em uma rotina de trabalho extenuante e invisível como todo o trabalho doméstico. Elas são as que “não trabalham” e “só cuidam do lar e da família” e carecem de proteção social e de reconhecimento social de sua contribuição. Poucas são as iniciativas públicas voltadas para elas.

O trabalho doméstico também é realizado pelas mulheres que estão no mercado de trabalho como ocupadas ou como desempregadas. Nas situações de desemprego, as mulheres dividem sua jornada diária entre a busca pelo trabalho e a realização de um longo período de horas dedicados às tarefas domésticas.

As mulheres ocupadas, nas diversas atividades e como trabalhadoras domésticas remuneradas diaristas ou mensalistas, utilizam arranjos variados para responder à dupla responsabilidade. Para suprir essas necessidades, a alternativa privada de resolução do problema de conciliação entre o trabalho e a família é o trabalho doméstico remunerado, ou seja, a contratação de uma outra mulher para assumir o cuidado da casa e de seus membros. No entanto, a utilização desta alternativa requer recursos que muitas mulheres, entre elas as próprias trabalhadoras domésticas, não dispõem. Por isso, lançam mão de alternativas mais precárias, como outras mulheres da própria família (mães e filhas), redes de ajuda mútua ou mesmo o pagamento de outras mulheres para ficarem com seus filhos, por exemplo.

Assim, as mulheres que contratam as trabalhadoras domésticas, na maioria dos casos, o fazem para contar com a realização das tarefas e cuidados domésticos que elas não estão disponíveis para realizar. No entanto, longe de valorizar este trabalho, reproduzem em larga medida a desvalorização da qual elas mesmas são vítimas, porque também são mulheres. Vivem, assim, uma contradição permanente entre o que pensam ser e o lugar que lhes está reservado na hierarquia social de gênero. Muitas vezes, também carecem elas mesmas de informações e de orientação em relação ao trabalho que contratam e estão mal preparadas para o debate social em torno das *responsabilidades compartilhadas* e do papel que as políticas públicas podem ter para a promoção da igualdade.

As trabalhadoras domésticas remuneradas sofrem as consequências de muitas circunstâncias que lhes são adversas – são oriundas das camadas mais pobres da população e por isso têm menos escolaridade; no Brasil, são em sua maioria negras o que lhes acrescenta a discriminação racial e o peso de uma herança escravagista ainda não superada completamente; possuem menor acesso às informações sobre seus direitos e encontram muitas dificuldades para sua organização, em grande parte pelo isolamento em que trabalham. Sua ocupação caracteriza-se, no Brasil e no mundo, pelos baixos salários, longas jornadas, graves acidentes de trabalho, alta frequência de assédio moral e sexual, pouca proteção social e frequente descumprimento dos direitos trabalhistas.

Para a OIT, apesar de sua importância, o trabalho doméstico remunerado está entre os trabalhos com o maior déficit de trabalho decente.<sup>5</sup>

Apesar da urgente necessidade de ampliação da participação dos homens, o âmbito do trabalho doméstico é ainda feminino em sua esmagadora maioria e continua pertencendo a esta esfera menos valorizada do trabalho social também por sua associação com o feminino. Donas de casa, empregadoras de trabalhadoras domésticas e as próprias trabalhadoras domésticas são mulheres em mais de 90% dos casos, como demonstram as estatísticas.

É por esta razão que os grupos focais foram realizados somente com mulheres e as informações quantitativas que serão aqui mostradas, a não ser quando expressamente informado, referem-se apenas às mulheres.

### **a) A legislação brasileira sobre o trabalho doméstico**

A legislação brasileira, de forma semelhante a de muitos países no mundo, define o trabalho doméstico remunerado como aquele “realizado por pessoa maior de 16 anos que presta serviços de natureza contínua (frequente, constante) e de finalidade não-lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas”<sup>6</sup>. Na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, o trabalho doméstico, nas suas várias modalidades, tem descrita a relação de atividades a ele associadas.<sup>7</sup>

As diferentes modalidades do trabalho doméstico são:

*“cozinheiro(a), governanta, babá, lavadeira, faxineiro(a), vigia, motorista particular, jardineiro(a), acompanhante de idosos(as), entre outras. O(a) caseiro(a) também é considerado(a) empregado(a) doméstico(a), quando o sítio ou local onde exerce a sua atividade não possui finalidade lucrativa.”<sup>8</sup>*

A profissão de empregada/o doméstica/o foi regulamentada inicialmente pela Lei nº 5.859 de 11 de dezembro de 1972, que especificou os principais direitos para a profissão, que eram: a) férias de 20 dias úteis a cada 12 meses de trabalhos prestados; b) benefícios assegurados pela lei orgânica da Previdência Social – aposentadoria, acesso à saúde, auxílios previdenciários; c) pagamento de 8%, tanto para a/o empregada/o quanto para empregador/a com vistas a custear os benefícios da previdência social e multas por não cumprimento desse pagamento, variando entre 10% e 50% do valor do débito.<sup>9</sup>

Em 9 de março de 1973, foi editado o Decreto Lei nº 71.885, que mantém os principais direitos estabelecidos na lei de 1972, detalha a forma do contrato de trabalho e determina que as divergências entre empregada/o doméstica/o e empregador/a, relativas às férias e

---

<sup>5</sup> OIT. 2010.

<sup>6</sup> MTE. [www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br)

<sup>7</sup> Sanches, 2006. p.3

<sup>8</sup> MTE. [www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br)

<sup>9</sup> DIEESE. 2006

anotação na Carteira do Trabalho e Previdência Social, ressalvadas as competências da Justiça do Trabalho, seriam dirimidas pela Delegacia Regional do Trabalho.

Em 19 de dezembro de 1985, foi regulamentado o Decreto nº 92.180, que instituiu o vale-transporte e o garantiu também para as/os trabalhadoras/es domésticas/os.

A Lei Nº 10.208, aprovada em 23 de março de 2001, facultou o acesso, para a/o empregada/o doméstica/o, ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS - e ao seguro-desemprego. No entanto, como esse direito foi definido como opcional, somente uma parte bastante pequena dos empregadores/as inscreveu o/a trabalhador/a doméstico/a no FGTS e um número muito pequeno tem acesso ao seguro-desemprego.

Em 19 de julho de 2006, foi promulgada a Lei nº 11.324, que estimula a formalização dos contratos de trabalho doméstico ao permitir a dedução no imposto de renda das pessoas físicas, das despesas com o pagamento da contribuição do empregador ao INSS, bem como estende os direitos trabalhistas das domésticas que passam a incorporar também férias de 30 dias, estabilidade para a gestante, direito aos feriados civis e religiosos e a proibição dos descontos no pagamento com moradia, alimentação e produtos de higiene pessoal utilizados no local de trabalho.

O período recente vem sendo marcado por um número crescente de legislações e iniciativas de ampliação de direitos das trabalhadoras domésticas no Brasil e no continente latino americano, com destaque para a Lei do Trabalho Doméstico, do Uruguai, promulgada em 2006, que estende todos os direitos trabalhistas à categoria, em igualdade de condições com o conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras do país.

No entanto, o Tribunal Superior do Trabalho, em 28 de abril de 2009, julgou que o reconhecimento do vínculo empregatício com o empregado doméstico está condicionado à continuidade na prestação dos serviços, o que não se aplica quando o trabalho é realizado durante apenas alguns dias da semana. O entendimento foi aplicado pela Sétima Turma do Tribunal Superior do Trabalho em julgamento envolvendo uma dona de casa de Curitiba (PR) e uma diarista que lhe prestou serviços, a princípio, três vezes por semana e, posteriormente, duas vezes. Essa decisão tem como consequência um retrocesso no crescente reconhecimento da necessidade de registro em carteira do trabalho das diaristas que vinha sendo aplicado pelos juízes de outras instâncias.<sup>10</sup>

## **b) A organização sindical das trabalhadoras domésticas**

Há uma larga tradição de organização sindical das trabalhadoras domésticas latino americanas, em que pese todas as dificuldades que enfrentam.

A primeira associação de empregadas domésticas do Brasil foi criada em 1936, por Dona Laudelina Campos Melo, no estado de São Paulo. Hoje, a principal organização sindical de

---

<sup>10</sup> TST. 2009. [http://: www.tst.gov.br](http://www.tst.gov.br)

trabalhadoras domésticas no país é a Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas - Fenatrad -, fundada em 1997 e que conta com 35 sindicatos filiados.

Nas palavras de sua presidente, Creuza de Oliveira:

*“A Fenatrad desenvolve ações de valorização do trabalho doméstico por meio de campanhas que mostram que o trabalho doméstico também é profissão. Além de lutar contra o trabalho infantil doméstico; trabalha também pela visibilidade da categoria; por medidas como a que concede ao empregador o direito de abater gastos com o trabalhador doméstico no Imposto de Renda, caso ele assine a carteira de trabalho; a luta contra o preconceito racial, porque a grande maioria das trabalhadoras domésticas são mulheres negras; a luta pela ampliação dos direitos trabalhistas e a inclusão da profissão na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Existe uma maior facilidade em regiões com maior organização sindical. E, junto com os parceiros, temos várias campanhas contra o trabalho infantil doméstico, como "Diga Não ao Trabalho Infantil Doméstico", "O respeito começa em Casa", "Ela não brinca em serviço", além de outras formas de conscientização.”<sup>11</sup>*

Em 30 de março de 1988, realizou-se o I Encontro de Trabalhadoras no Serviço Doméstico, em Bogotá, Colômbia, que criou a Confederação Latino-Americana e Caribenha de Trabalhadoras Domésticas (Colactraho<sup>12</sup>) e também o Dia Internacional do Serviço Doméstico. No Brasil, este dia é comemorado em 27 de abril.

No Brasil, há registro de tentativas de realização de processos de negociação coletiva por parte das trabalhadoras domésticas. No entanto, aquelas que chegaram a algum termo, como a realizada pelo Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas e região tiveram seus resultados anulados pela Justiça do Trabalho, que entendeu que esta não constitui categoria profissional com direito a negociar uma vez que não se trata de atividade econômica que gere lucro para o empregador.

As trabalhadoras domésticas enfrentam muitas dificuldades para organizar-se sindicalmente, pois trabalham isoladas nos domicílios, seus baixos salários dificultam a sindicalização e, conseqüentemente, os sindicatos da categoria enfrentam enormes dificuldades financeiras.<sup>13</sup>

### **c) Políticas públicas para o trabalho doméstico remunerado e não remunerado**

Não existe ainda no país um conjunto articulado de políticas voltadas para o trabalho doméstico remunerado e não remunerado.

<sup>11</sup> Entrevista no sítio Cidadania na internet “Trabalho infantil doméstico é violação de direitos”, em 26/4/2006 18:00:00, [http://www.cidadania.org.br/conteudo.asp?conteudo\\_id=5749&secao\\_id=99](http://www.cidadania.org.br/conteudo.asp?conteudo_id=5749&secao_id=99). Apud: Sanches, 2009.

<sup>12</sup> Em espanhol: Confederación Latinoamericana de Trabajadoras del Hogar.

<sup>13</sup> Sanches, 2009.

No entanto, nos anos recentes, foram dados passos importantes nesse sentido, com medidas em várias dimensões:

- a) **Estímulo à formalização dos contratos de trabalho:** a Lei nº 11.324/2006, estimula a formalização dos contratos de trabalho doméstico através da possibilidade de dedução no imposto de renda das pessoas físicas das despesas com o pagamento da contribuição do empregador ao INSS.
- b) **Extensão de direitos trabalhistas:** a mesma Lei nº 11.324/2006 estende às trabalhadoras domésticas também o direito à férias de 30 dias, estabilidade para a gestante, direito aos feriados civis e religiosos e a proibição dos descontos no pagamento com moradia, alimentação e produtos de higiene pessoal utilizados no local de trabalho.
- c) **Inclusão do trabalho infantil doméstico na lista das piores formas de trabalho infantil:** o Decreto nº 6.481, de 12 de junho de 2008, regulamenta os artigos 3º, alínea "d", e 4º da Convenção nº 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que trata da proibição das piores formas de trabalho infantil e da ação imediata para sua eliminação, aprovada pelo Decreto nº 3.597, de 12 de setembro de 2000. O país compromete-se, assim, a retirar do trabalho doméstico todas as crianças e jovens até os 18 anos.
- d) **Criação do Programa Trabalho Doméstico Cidadão:** iniciado em 2005 pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em conjunto com outros ministérios e organizações, dentre os quais se destacam a Secretaria de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial (Seppir), a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), o Ministério das Cidades e o Ministério da Educação (MEC), OIT e Unifem, além da participação ativa da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad) desde sua concepção e durante todo o seu desenvolvimento. O Programa é uma proposta integrada de qualificação social e profissional, elevação de escolaridade, ampliação da proteção social e fortalecimento da representação sindical das trabalhadoras domésticas, desenvolvido por meio de um Plano Setorial de Qualificação – Planseq, no âmbito do Plano Nacional de Qualificação do Ministério do Trabalho e Emprego. A partir de 2007/2008, a Seppir passou a coordenar os esforços institucionais para a ampliação e consolidação do Programa. No plano estadual, o Programa Trabalho Doméstico Cidadão possui uma iniciativa realizada pelo estado da Bahia desde 2009.

As iniciativas mencionadas mostram a amplitude do tema e a diversidade das medidas necessárias. No plano internacional, essa mesma conclusão levou a OIT a propor, a partir da solicitação do grupo dos trabalhadores, que fosse examinada a possibilidade de elaborar um instrumento internacional de proteção ao trabalho doméstico. Assim, em junho de 2010, a 99ª Conferência Internacional do Trabalho (CIT) discutiu o tema do trabalho decente para

trabalhadores/as domésticos/as com os representantes de trabalhadores, empregadores e governos dos países que fazem parte da OIT.

Segundo o informe publicado pelo Escritório da OIT no Brasil, na ocasião, foi aprovada a elaboração de um instrumento internacional de proteção ao trabalho doméstico, que deveria tomar a forma de uma convenção acompanhada por uma recomendação.

“Posteriormente, uma proposta de conteúdo para a convenção e a recomendação foi preparada pela OIT e enviada aos países membros, em agosto de 2010, para considerações por parte dos governos, organizações de trabalhadores e de empregadores. O documento resultante destas consultas será apreciado na próxima Conferência Internacional do Trabalho, a ser realizada em junho de 2011, na forma de projetos de instrumentos de proteção ao trabalho doméstico. Caso o projeto de convenção obtenha aprovação de 2/3 dos delegados e delegadas presentes, o instrumento será adotado para posterior ratificação pelos países. A ratificação é um ato soberano dos países e deverá respeitar os procedimentos definidos em nível nacional.”<sup>14</sup>

Ainda no campo das iniciativas voltadas ao aumento da proteção para o trabalho doméstico, a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República instituiu, através da Portaria nº 63, de 26 de Maio de 2010, um Grupo de Trabalho para realização de estudos sobre os impactos socioeconômicos de uma proposta de ampliação dos direitos assegurados aos trabalhadores e trabalhadoras domésticas, previstos na Constituição Federal. O Grupo de Trabalho é integrado por representantes da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (coordenadora); Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República; Ministério do Trabalho e Emprego; Ministério da Previdência Social; Secretaria Geral da Presidência da República; Central Única dos Trabalhadores; Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços; Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas; Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Participam também do Grupo, a convite da SPM, o DIEESE, a OIT, a Unifem e o IPEA.

---

<sup>14</sup> OIT/SPM. 2010

**CAPÍTULO 1****AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO**

É expressivo o número de mulheres ocupadas no trabalho doméstico remunerado/ emprego doméstico/ serviços domésticos. Este capítulo tem como objetivo apresentar o perfil das trabalhadoras e as características dessa ocupação no Brasil e nas duas regiões analisadas no projeto – São Paulo e Salvador.

Os dados apresentados para o Brasil são produzidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, relativos ao ano de 2009. As informações das regiões metropolitanas de São Paulo e Salvador foram obtidas pela Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED, realizada pelo Convênio DIEESE – SEADE (Fundação Sistema e Estatística de Análise de Dados do estado de São Paulo) - MTE/FAT e instituições regionais. Na Bahia, faz parte do convênio a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, do governo do estado da Bahia.

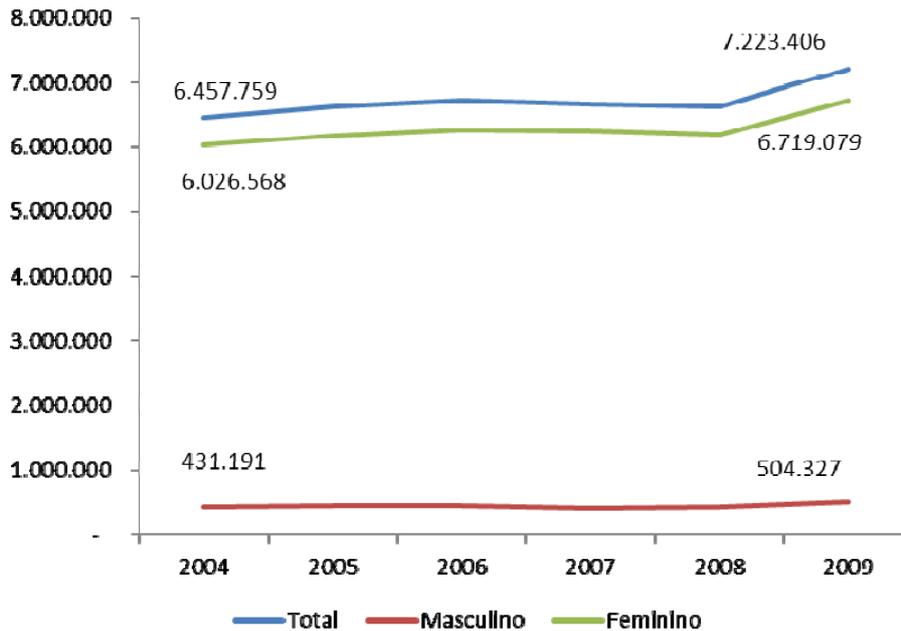
**1.1 O TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO NO BRASIL**

O trabalho doméstico remunerado cresceu nos últimos anos no país: em 2004, empregou 6.458 mil pessoas e em 2009, 7.223 mil, o que significou um aumento de 11,9%. Apesar de pouco expressiva, a ocupação masculina foi a que mais cresceu no período, 17%, enquanto a feminina aumentou 11,5%.

Em 2009, 6.719 mil trabalhadores eram mulheres, o que representa 93% dos ocupados no trabalho doméstico, enquanto os homens eram apenas 504 mil, confirmando que o trabalho doméstico é, fundamentalmente, uma ocupação feminina (Gráfico 1 e Tabela 1).

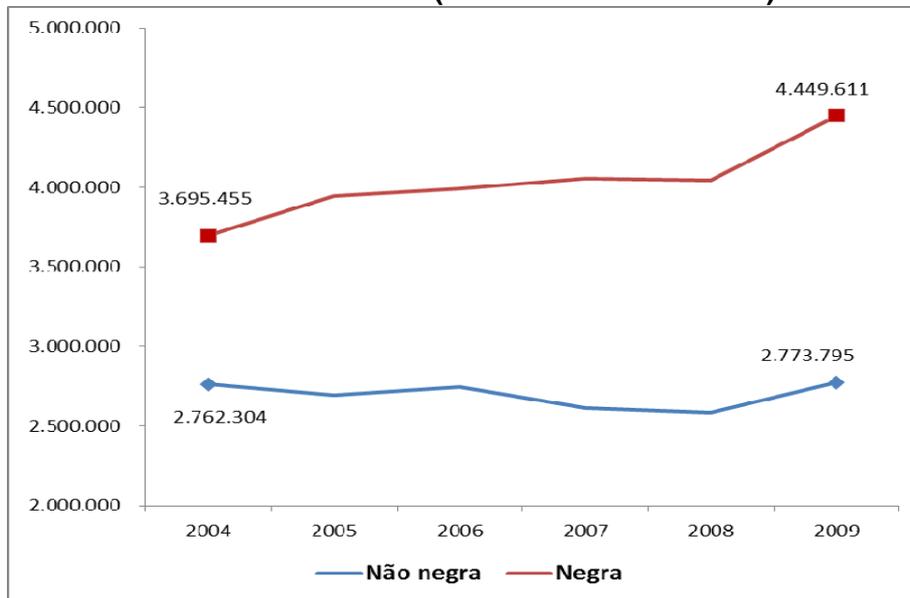
A participação da população negra (pretos e pardos) no trabalho doméstico cresceu 20,4% entre 2004 e 2009, enquanto a não negra (brancos e amarelos) se manteve praticamente no mesmo patamar (Gráfico 2). Em 2009, os negros representavam 61,6% da mão de obra nos serviços domésticos.

**GRÁFICO 1**  
**Estimativa do número de trabalhadores domésticos por sexo**  
**Brasil 2004 – 2009 (em números absolutos)**



Fonte: IBGE PNAD  
 Elaboração: DIEESE

**GRÁFICO 2**  
**Estimativa do número de trabalhadores domésticos por cor/raça**  
**Brasil 2004 – 2009 (em números absolutos)**



Fonte: IBGE PNAD  
 Elaboração: DIEESE

Obs.: Negros=pretos e pardos; não negros =brancos, amarelos e indígenas.

As 7.223 mil ocupações no emprego doméstico registradas em 2009 representavam 7,8% do total de ocupados e foi responsável por 17,0% de toda a ocupação feminina, seguido do

setor de comércio e reparação (16,8%) e educação, saúde e serviços sociais (16,7%) (Tabela 1).

**TABELA 1**  
**Distribuição dos ocupados por sexo, segundo setor de atividade econômica**  
**Brasil 2009**

Setor de atividade econômica	Homens	%	Mulheres	%	Total
Agrícola	10.892.325	69,3	4.822.396	30,7	15.714.721
Outras atividades industriais	671.655	85,9	110.664	14,1	782.319
Indústria de transformação	7.923.570	61,8	4.891.791	38,2	12.815.361
Construção	6.702.145	97,2	192.556	2,8	6.894.701
Comércio e reparação	9.855.706	59,8	6.628.735	40,2	16.484.441
Alojamento e alimentação	1.709.343	47,2	1.913.480	52,8	3.622.823
Transporte, armazenagem e comunicação	3.826.837	86,3	609.131	13,7	4.435.968
Administração pública	2.876.671	60,5	1.876.985	39,5	4.753.656
Educação, saúde e serviços sociais	2.073.216	23,9	6.608.184	76,1	8.681.400
Serviços domésticos	504.327	7,0	6.719.079	93,0	7.223.406
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1.579.189	40,2	2.349.183	59,8	3.928.372
Outras atividades	4.394.071	61,5	2.755.580	38,5	7.149.651
Atividades mal definidas	187.421	92,6	15.013	7,4	202.434
<b>Total</b>	<b>53.196.476</b>	<b>57,4</b>	<b>39.492.777</b>	<b>42,6</b>	<b>92.689.253</b>

Fonte IBGE PNAD  
Elaboração: DIEESE

Em razão da composição majoritariamente feminina do setor, justifica-se analisar a partir deste ponto, exclusivamente dados das mulheres empregadas nos serviços domésticos.

Do total de mulheres ocupadas nos serviços domésticos, 61,7% eram negras e 38,3% não negras. Dentre todos os setores de atividade econômica no país, foi onde se verificou a maior proporção de mulheres negras<sup>15</sup> (Tabela 2).

O rendimento médio real das trabalhadoras domésticas em 2009 (R\$386,45) situava-se em patamares inferiores à média dos rendimentos do total de ocupados (R\$ 748,47), abaixo inclusive do salário mínimo em vigor no período, de R\$ 465,00. Somente as trabalhadoras rurais e aquelas ocupadas no item atividades mal definidas apresentavam remuneração média inferior a das domésticas. Em todos os setores de atividade econômica, o rendimento das mulheres negras é sempre inferior ao auferido pelas mulheres não-negras e no emprego doméstico não foi diferente: a trabalhadora negra recebeu em 2009 R\$ 364,84 e a não negra R\$ 421,22 (Tabela 3).

<sup>15</sup> Sem contar as atividades mal definidas, onde 62,7% das mulheres ocupadas nestas atividades são negras.

**TABELA 2**  
**Distribuição das mulheres ocupadas por setor de atividade, segundo raça/cor**  
**Brasil 2009**

Setor de atividade	Negra		Não negra		Total N°
	N°	%	N°	%	
Agrícola	2.879.029	59,7	1.943.367	40,3	4.822.396
Outras atividades industriais	41.332	37,3	69.332	62,7	110.664
Indústria de transformação	2.064.400	42,2	2.827.391	57,8	4.891.791
Construção	76.852	39,9	115.704	60,1	192.556
Comércio e reparação	2.986.700	45,1	3.642.035	54,9	6.628.735
Alojamento e alimentação	1.005.346	52,5	908.134	47,5	1.913.480
Transporte, armazenagem e comunicação	215.230	35,3	393.901	64,7	609.131
Administração pública	795.617	42,4	1.081.368	57,6	1.876.985
Educação, saúde e serviços sociais	2.695.976	40,8	3.912.208	59,2	6.608.184
Serviços domésticos	4.142.932	61,7	2.576.147	38,3	6.719.079
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1.134.287	48,3	1.214.896	51,7	2.349.183
Outras atividades	981.886	35,6	1.773.694	64,4	2.755.580
Atividades mal definidas	9.405	62,6	5.608	37,4	15.013
<b>Total</b>	<b>19.028.992</b>	<b>48,2</b>	<b>20.463.785</b>	<b>51,8</b>	<b>39.492.777</b>

Fonte IBGE PNAD

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas, amarelas e indígenas

b) Exclui as pessoas sem declaração de rendimento

**TABELA 3**  
**Rendimento médio real mensal das mulheres ocupadas, por raça/cor,**  
**segundo setor de atividade**  
**Brasil 2009**

Setor de atividade econômica	(em R\$)		
	Negras	Não negras	Total
Agrícola	68,16	139,06	96,72
Indústria	528,90	853,19	716,31
Construção	916,73	1.348,43	1.171,34
Comércio e reparação	535,41	842,60	703,67
Alojamento e alimentação	499,23	739,17	612,29
Transporte, armazenagem e comunicação	873,41	1.459,56	1.250,45
Administração pública	1.288,96	1.985,16	1.688,01
Educação, saúde e serviços sociais	907,57	1.361,52	1.175,37
Serviços domésticos	364,84	421,22	386,45
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	554,14	882,11	723,01
Outras atividades	923,66	1.488,09	1.284,82
Atividades mal definidas	306,79	491,37	380,46
<b>Total</b>	<b>534,68</b>	<b>949,06</b>	<b>748,47</b>

Fonte IBGE PNAD

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas, amarelas e indígenas

b) Exclui as pessoas sem declaração de rendimento

A diferença de escolaridade das negras e não negras seria um dos argumentos que justificaria a desigualdade salarial observada, mas este argumento não se sustenta quando se verifica que o nível de escolaridade entre trabalhadoras domésticas é semelhante por cor/raça (Tabela 4). Em 2009, cerca de 65% das domésticas tinham, no máximo, o fundamental completo, entre as negras, esta proporção foi de 64,6% e entre as não negras, 65,3%. A baixa escolaridade destas trabalhadoras é um dado preocupante e que fornece uma importante informação para as políticas públicas dirigidas ao setor.

A contribuição à previdência social é um mecanismo importante de acesso a direitos sociais básicos. Em 2009, do total de trabalhadoras domésticas, apenas 30,0% contribuíram para a previdência. Do total de trabalhadoras domésticas, 26,3% tinham carteira de trabalho assinada e contribuíram para a previdência e 3,6% não tinham sua carteira assinada, mas pagaram a previdência. 70,0% das trabalhadoras não contribuíam para a previdência e 44,6% das trabalhadoras não contribuíram para a previdência em 2009, não tinham carteira de trabalho assinada e eram negras (Tabela 5).

O menor rendimento médio mensal foi verificado entre aquelas trabalhadoras que não contribuíam para previdência e não possuíam carteira de trabalho assinada (R\$ 311,48), muito inferior ao registrado entre as que não tinham carteira assinada, mas contribuíam para a previdência (R\$ 507,97). Os rendimentos médios daquelas que têm seu contrato de trabalho formal e contribuem para a previdência social foi o maior observado (R\$ 568,65) (Tabela 6). Mais uma vez, a comparação entre os rendimentos de negras e não-negras na mesma situação revela que os rendimentos das trabalhadoras negras são sempre inferiores aos das não negras.

**TABELA 4**  
**Distribuição das empregadas domésticas, por raça/cor,**  
**segundo nível de escolaridade**  
**Brasil 2009**

Nível de escolaridade	Negra		Não negra		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Fundamental incompleto	2.184.059	52,7	1.334.860	51,8	3.518.972	52,4
Fundamental completo	491.749	11,9	347.981	13,5	839.742	12,5
Médio incompleto	344.762	8,3	176.634	6,9	521.404	7,8
Médio completo	636.532	15,4	469.246	18,2	1.105.793	16,5
Superior incompleto	12.883	0,3	14.012	0,5	26.895	0,4
Superior completo	20.070	0,5	31.383	1,2	51.453	0,8
Não determinado	29.881	0,7	15.597	0,6	45.479	0,7
Sem instrução	406.748	9,8	172.087	6,7	578.845	8,6
<b>Total</b>	<b>4.142.932</b>	<b>100,0</b>	<b>2.576.147</b>	<b>100,0</b>	<b>6.719.179</b>	<b>100,0</b>

Fonte IBGE PNAD

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas, amarelas e indígenas

b) Exclui as pessoas sem declaração de rendimento

**TABELA 5**  
**Número e proporção das empregadas domésticas por situação de contribuição à previdência social no trabalho principal da semana de referência, segundo cor/raça Brasil, 2009**

Situação de contribuição	Contribui para a previdência		Não contribui para a previdência	
	Nº	%	Nº	%
<b>Trabalhadora doméstica com carteira de trabalho assinada</b>	<b>1.769.311</b>	<b>26,3</b>	-	-
Negras	1.019.366	15,2	-	-
Não negras	749.945	11,2	-	-
<b>Trabalhadora doméstica sem carteira de trabalho assinada</b>	<b>245.121</b>	<b>3,6</b>	<b>4.704.647</b>	<b>70,0</b>
Negras	128.647	1,9	2.994.919	44,6
Não negras	116.474	1,7	1.709.306	25,4
Sem declaração	-	-	422	-
<b>Total</b>	<b>2.014.432</b>	<b>30,0</b>	<b>4.704.647</b>	<b>70,0</b>

Fonte IBGE PNAD

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas, amarelas e indígenas

b) Exclui as pessoas sem declaração de rendimento

**TABELA 6**  
**Rendimento médio das empregadas domésticas por situação de contribuição à previdência social no trabalho principal da semana de referência, segundo cor/raça Brasil 2009**

(em R\$)

Situação de contribuição	Contribui para a previdência	Não contribui para a previdência
<b>Trabalhadora doméstica com carteira de trabalho assinada</b>	<b>568,65</b>	-
Negras	560,09	-
Não negras	580,26	-
<b>Trabalhadora doméstica sem carteira de trabalho assinada</b>	<b>507,97</b>	<b>311,48</b>
Negras	499,84	292,55
Não negras	516,95	344,66
<b>Total</b>	<b>561,23</b>	<b>311,48</b>

Fonte IBGE PNAD

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas, amarelas e indígenas

b) Exclui as pessoas sem declaração de rendimento

## 1.2 O TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO NAS REGIÕES METROPOLITANAS

O emprego doméstico é uma importante ocupação nas regiões metropolitanas pesquisadas pela PED - Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo e o Distrito Federal.

Em 2009, o trabalho doméstico representou 9,3% do total de ocupações na região metropolitana de Fortaleza, a maior porcentagem registrada entre as regiões, seguida de Recife e do Distrito Federal, com 8,5%. A menor participação foi verificada na região metropolitana de Porto Alegre, com 6,1% (Tabela 7).

A forte presença de mulheres no trabalho doméstico foi verificada em todas as regiões, bem como a baixa participação dos homens nesta ocupação: o maior percentual foi observado em Fortaleza, 0,9% .

As proporção de negras ocupadas no trabalho doméstico é muito superior a de não negras em todas as regiões. Apenas na de Porto Alegre a participação de mulheres não negras foi maior e na de São Paulo, o percentual foi semelhante. Estes dois resultados têm estreita relação com a distribuição populacional segundo cor/raça encontrada em cada um dos locais, embora a tendência geral seja sempre a sobrerrepresentação das mulheres negras no trabalho doméstico.

**TABELA 7**  
**Participação do Emprego Doméstico no Total da Ocupação, por Sexo e Raça/Cor**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2009**

(em %)

Regiões Metropolitanas	Total			Mulheres			Homens		
	Total	Negros	Não-negros	Total	Negras	Não-negros	Total	Negros	Não-negros
Belo Horizonte	7,3	5,2	2,0	6,9	5,0	1,9	(1)	(1)	(1)
Distrito Federal	8,5	6,9	1,6	8,1	6,5	1,5	(1)	(1)	(1)
Fortaleza	9,3	7,2	2,1	8,4	6,6	1,8	0,9	0,7	(1)
Porto Alegre	6,1	1,7	4,4	5,9	1,7	4,2	(1)	(1)	(1)
Recife	8,5	7,1	1,4	8,0	6,7	1,3	0,5	0,4	(1)
Salvador	7,8	7,4	(1)	7,3	7,0	(1)	(1)	(1)	(1)
São Paulo	8,1	4,1	4,0	7,8	3,9	3,8	0,3	(1)	(1)

Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas e amarelas

## O Trabalho Doméstico Remunerado nas Regiões Metropolitanas de São Paulo e Salvador

Nesta seção, serão analisados os dados do trabalho doméstico remunerado referentes às regiões metropolitanas de São Paulo e Salvador.

Em Salvador, mais de 90% da população é negra. Os negros são a maioria em todos os setores de atividade, nos serviços domésticos eram 96,0% dos ocupados em 2009. Ainda em relação ao total de trabalhadores domésticos, 94,4% eram mulheres, das quais 90,8% eram negras.

Na região metropolitana de São Paulo, 50,4% dos trabalhadores domésticos eram negros e 49,6%, não negros. Destaca-se que no emprego doméstico se verificou a maior participação relativa da população negra em comparação com os demais setores de atividade de São Paulo. Nesta região, 96,2% dos trabalhadores domésticos eram mulheres, sendo 48,6% negras e 47,5%, não negras.

**TABELA 8**  
**Distribuição dos Ocupados, por Sexo e Raça/Cor, segundo Setor de Atividade**  
**Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo - 2009**

(em %)

Regiões e setor de atividade	Total			Mulheres			Homens		
	Total	Negros	Não-Negros	Total	Negras	Não-Negras	Total	Negros	Não-Negros
<b>Salvador</b>									
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	85,9	14,1	46,3	39,5	6,9	53,7	46,4	7,2
Indústria	100,0	86,1	13,9	25,8	21,7	(1)	74,2	64,4	9,8
Comércio	100,0	86,0	14,0	48,5	41,5	7,0	51,5	44,5	7,0
Serviços	100,0	83,8	16,2	47,0	38,8	8,2	53,0	45,0	8,0
Construção Civil	100,0	92,4	(1)	(1)	(1)	(1)	94,4	88,1	(1)
Serviços Domésticos	100,0	96,0	(1)	94,4	90,8	(1)	(1)	(1)	(1)
Outros	100,0	87,4	(1)	(1)	(1)	(1)	65,5	(1)	(1)
<b>São Paulo</b>									
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	34,2	65,8	45,3	15,5	29,8	54,7	18,7	36,0
Indústria	100,0	32,5	67,5	34,4	10,6	23,8	65,6	21,9	43,8
Comércio	100,0	33,2	66,8	43,3	13,9	29,4	56,7	19,3	37,4
Serviços	100,0	32,0	68,0	44,2	13,6	30,7	55,8	18,5	37,3
Construção Civil	100,0	46,4	53,6	7,3	(1)	(1)	92,7	44,8	47,9
Serviços Domésticos	100,0	50,4	49,6	96,2	48,6	47,5	3,8	(1)	(1)
Outros	100,0	(1)	72,8	(1)	(1)	(1)	64,6	(1)	(1)

Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas e amarelas

Em razão da composição majoritariamente feminina, os dados sobre o trabalho doméstico nesta seção irão se referir somente às mulheres.

Na região metropolitana de Salvador, em 2009, o emprego doméstico tinha como principal característica o fato de ser composto por mulheres negras (96,2%). Do total de ocupadas, 44,1% eram negras e tinham idade entre 25 a 39 anos, e 35,9% eram negras e cônjuges. A presença de mulheres negras chefes de família era bastante elevada: 28,9% do total de empregadas domésticas.

Quanto à escolaridade, 55,0% do total das trabalhadoras domésticas (negras e não negras) eram analfabetas ou tinham o ensino fundamental incompleto. Entre as negras, 53,3% tinham essa escolaridade. Já 24,4% das trabalhadoras (independente da cor/raça) possuíam ensino médio completo ou superior incompleto (Tabela 9).

Na região metropolitana de São Paulo, em 2009, o setor apresentava outras características. As empregadas domésticas negras representavam 50,6% do total e as não negras, 49,4%. A maior participação nesta ocupação estava na faixa etária entre 25 e 39 anos de idade, que correspondia a 39,2%. Do total de trabalhadoras, 51,7% eram denominadas cônjuges na família e 31,4%, chefes de família. Quanto à escolaridade, assim como na região metropolitana de Salvador, foi significativa a presença de trabalhadoras analfabetas ou com o ensino fundamental incompleto (60,2%). No caso de São Paulo, 20,2% das trabalhadoras concluíram o ensino médio ou cursou superior incompleto (Tabela 9).

**TABELA 9**  
**Distribuição das Empregadas Domésticas, por Raça/Cor, segundo Atributos**  
**Pessoais**  
**Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo – 2009**

(em %)

Regiões e Atributos Pessoais	Total	Negras	Não-Negras
<b>Salvador</b>			
<b>Empregadas Domésticas</b>	<b>100,0</b>	96,2	(1)
<b>Faixa Etária</b>			
10 a 17 Anos	(1)	(1)	(1)
18 a 24 Anos	10,4	9,7	(1)
25 a 39 Anos	45,7	44,1	(1)
40 a 49 Anos	27,5	26,4	(1)
50 a 59 Anos	12,9	12,6	(1)
60 Anos e Mais	(1)	(1)	(1)
<b>Posição no Domicílio</b>			
Chefes	30,0	28,9	(1)
Cônjuges	37,4	35,9	(1)
Filhas	14,5	14,0	(1)
Outras	18,1	17,4	(1)
<b>Escolaridade</b>			
Analfabetas e Ensino Fundamental Incompleto	55,0	53,3	(1)
Ensino Fundamental Completo e Médio Incompleto	20,5	19,8	(1)
Ensino Médio Completo e Superior Incompleto	24,4	23,0	(1)
Ensino Superior Completo	(1)	(1)	(1)
<b>São Paulo</b>			
<b>Empregadas Domésticas</b>	<b>100,0</b>	50,6	49,4
<b>Faixa Etária</b>			
10 a 17 Anos	(1)	(1)	(1)
18 a 24 Anos	6,5	3,6	2,9
25 a 39 Anos	39,2	20,0	19,3
40 a 49 Anos	29,3	14,9	14,4
50 a 59 Anos	18,9	9,4	9,6
60 Anos e Mais	4,7	(1)	(1)
<b>Posição no Domicílio</b>			
Chefes	31,4	16,6	14,8
Cônjuges	51,7	25,2	26,6
Filhas	7,2	3,7	3,4
Outras	9,7	5,1	4,7
<b>Escolaridade</b>			
Analfabetas e Ensino Fundamental Incompleto	60,2	31,3	28,9
Ensino Fundamental Completo e Médio Incompleto	19,1	9,4	9,7
Ensino Médio Completo e Superior Incompleto	20,2	9,8	10,4
Ensino Superior Completo	(1)	(1)	(1)

Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas e amarelas

A contratação sem carteira de trabalho assinada indica a precarização do emprego doméstico. Como já foi assinalado na introdução, a legislação que rege o trabalho doméstico se diferencia em alguns aspectos dos demais assalariados. Incentivos (desconto no imposto de renda, FGTS opcional) foram dados para que houvesse valorização do

emprego doméstico e formalização na contratação destas trabalhadoras, mas mesmo assim, uma parcela expressiva de trabalhadoras domésticas ainda é contratada sem carteira de trabalho assinada. Em 2009, as domésticas foram contratadas, majoritariamente, como mensalistas nas regiões investigadas. A parcela que trabalhava como diarista era bem menos relevante e, em geral, não alcançava um quarto dessas trabalhadoras.

Na região metropolitana de Salvador, 79,6% das trabalhadoras eram mensalistas e 20,4% diaristas, enquanto na região metropolitana de São Paulo, a distribuição era de 69,2% e 30,8%, respectivamente. Somente 31,1% das empregadas domésticas eram registradas na região de Salvador e 36,5% na de São Paulo, demonstrando o quanto essas trabalhadoras estavam vulneráveis e sem acesso aos benefícios sociais legais. Ainda que baixos, esses níveis são superiores à média nacional que, segundo a PNAD corresponde a 26,3%, como visto anteriormente.

Na região metropolitana de São Paulo, as trabalhadoras negras estão em maior proporção em todas as modalidades de posição na ocupação, exceto na de diaristas, onde o outro grupo, composto por trabalhadoras brancas, amarelas e indígenas é ligeiramente predominante (Tabela 10).

**TABELA 10**  
**Distribuição das Empregadas Domésticas, por Raça/Cor, segundo Posição na**  
**Ocupação**  
**Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo – 2009**

(em %)

Regiões e Posição na Ocupação	Total	Negras	Não-Negras
<b>Salvador</b>			
<b>Empregadas Domésticas</b>	<b>100,0</b>	96,2	(1)
Empregadas Domésticas Mensalistas	79,6	76,2	(1)
Com Carteira de Trabalho Assinada	31,1	29,9	(1)
Sem Carteira de Trabalho Assinada	48,4	46,2	(1)
Empregadas Domésticas Diaristas	20,4	20,0	(1)
<b>São Paulo</b>			
<b>Empregadas Domésticas</b>	<b>100,0</b>	50,6	49,4
Empregadas Domésticas Mensalistas	69,2	35,9	33,4
Com Carteira de Trabalho Assinada	36,5	19,6	17,0
Sem Carteira de Trabalho Assinada	32,7	16,3	16,4
Empregadas Domésticas Diaristas	30,8	14,7	16,1

Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas e amarelas

Os dados de tempo de permanência no emprego apontam padrões semelhantes para as duas regiões em 2009. Cerca de ¼ das trabalhadoras estava há mais de cinco anos no mesmo

emprego (Tabela 11). Quase 19% das ocupadas no emprego doméstico ficaram entre 2 a 5 anos e cerca de 15%, entre 1 e 2 anos.

Nas duas regiões metropolitanas analisadas, quase 26% das trabalhadoras permaneceram no mesmo emprego até 6 meses e cerca de 14%, entre 6 meses e 1 ano. O tempo mediano<sup>16</sup> mostra que 50% das trabalhadoras domésticas permanecem no emprego até 24 meses.

A análise por tempo de permanência no trabalho principal para a região metropolitana de São Paulo indicou não haver diferenças expressivas entre negras e não negras.

**TABELA 11**  
**Distribuição das Empregadas Domésticas, por Raça/Cor, segundo Tempo de Emprego, Tempo Médio e Mediano de Permanência no Trabalho Principal**  
**Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo – 2009**

Regiões, Tempo de Emprego, Tempo Médio e Mediano de Permanência no Trabalho Principal	Total	Negras	Não-Negras
(em %)			
<b>Salvador</b>			
<b>Empregadas Domésticas (em %)</b>	<b>100,0</b>	96,1	(1)
Até 6 meses	26,3	25,1	(1)
Mais de 6 meses a 1 Ano	14,6	14,0	(1)
Mais de 1 Ano a 2 Anos	14,9	14,1	(1)
Mais de 2 Anos a 5 Anos	18,9	17,9	(1)
Mais de 5 anos	25,3	25,0	(1)
Tempo Médio de Permanência no Trabalho Principal (em meses)	55	56	(1)
Tempo Mediano de Permanência no Trabalho Principal (em meses)	24	24	(1)
<b>São Paulo</b>			
<b>Empregadas Domésticas (em %)</b>	<b>100,0</b>	50,6	49,4
Até 6 meses	26,8	14,2	12,6
Mais de 6 meses a 1 Ano	13,8	7,1	6,7
Mais de 1 Ano a 2 Anos	15,8	7,7	8,1
Mais de 2 Anos a 5 Anos	18,7	8,7	10,0
Mais de 5 anos	24,9	12,9	12,0
Tempo Médio de Permanência no Trabalho Principal (em meses)	51	52	50
Tempo Mediano de Permanência no Trabalho Principal (em meses)	24	24	24

Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs.: a) Negras: inclui pretas e pardas e não negras: inclui brancas e amarelas

A remuneração do trabalho doméstico equivale a menos da metade do rendimento médio real mensal recebido pelo total dos ocupados (36,5% do total em Salvador e 44,1% do total em São Paulo) e é o menor pago dentre todos os setores de atividade, como pode ser observado na Tabela 12.

<sup>16</sup> O tempo mediano é o valor do tempo que se observa na metade da distribuição.

Na região metropolitana de Salvador, o rendimento médio das trabalhadoras ocupadas nos serviços domésticos, de R\$ 362,00, foi inferior ao Salário Mínimo praticado no ano de 2009 (R\$ 465).

Quando se compara o rendimento médio mensal real das trabalhadoras domésticas com o total das ocupadas, a remuneração do trabalho doméstico equivale a cerca de 42,8% do total recebido pelas mulheres que trabalham em Salvador e 52,7% em São Paulo.

**TABELA 12**  
**Rendimento real médio do total dos ocupados e das mulheres ocupadas por**  
**raça/cor segundo setor de atividade**  
**Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo - 2009**

(em R\$ de novembro de 2009)

Regiões e Setor de Atividade	2009					
	Total dos ocupados			Mulheres ocupadas		
	Total	Negros	Não-Negros	Total	Negras	Não-Negras
<b>Salvador</b>						
Total	991	873	1.734	832	721	1.486
Indústria	1.349	1.212	- (2)	1.015	- (2)	- (2)
Comércio	772	715	1.153	646	602	- (2)
Serviços	1.118	981	1.840	1.004	864	1.670
Construção Civil	816	726	(2)	(2)	(2)	(2)
Serviços Domésticos	362	362	(2)	356	356	(2)
Outros	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)
<b>São Paulo</b>						
Total	1.273	891	1.485	1.030	712	1.209
Indústria	1.398	1.002	1.594	1.060	761	1.198
Comércio	1.038	788	1.171	865	642	979
Serviços	1.415	967	1.639	1.235	815	1.436
Construção Civil	1.331	991	1.637	(2)	(2)	(2)
Serviços Domésticos	562	553	571	543	543	544
Outros	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)

Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Nota: (1) Inflator utilizado: IPC da SEI-BA; ICV-RMSP do Dieese.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs: a) Exclui os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

A carteira de trabalho assinada garante para as trabalhadoras domésticas maior remuneração do que para aquelas que não têm contrato formal de trabalho. Enquanto o rendimento médio real das trabalhadoras domésticas da região metropolitana de Salvador, em 2009 foi R\$ 356,00, as trabalhadoras domésticas mensalistas com carteira de trabalho assinada receberam R\$ 486,00 e as que não tinham carteira assinada, R\$ 328 (Tabela 13).

Na região metropolitana de São Paulo, a remuneração real média mensal foi maior, R\$ 543,00 em 2009. Já a das trabalhadoras mensalistas com carteira de trabalho assinada foi de R\$ 689,00. As trabalhadoras mensalistas sem carteira ganharam R\$ 474,00, em média, e as diaristas, R\$ 447,00. Já a remuneração média mudou pouco em relação à cor/raça das trabalhadoras domésticas.

**TABELA 13**  
**Rendimento real médio mensal das empregadas domésticas, por raça/cor, segundo tributos pessoais e posição na ocupação**

(em R\$ de novembro de 2009)

Regiões e Atributos Pessoais	Total	Negras	Não-Negras
<b>Salvador</b>			
<b>Empregadas Domésticas</b>	<b>356</b>	<b>356</b>	<b>(2)</b>
<b>Posição na Ocupação</b>			
Empregadas Domésticas Mensalistas	393	394	(2)
Com Carteira de Trabalho Assinada	486	486	(2)
Sem Carteira de Trabalho Assinada	328	330	(2)
Empregadas Domésticas Diaristas	(2)	(2)	(2)
<b>São Paulo</b>			
<b>Empregadas Domésticas</b>	<b>543</b>	<b>543</b>	<b>544</b>
<b>Posição na Ocupação</b>			
Empregadas Domésticas Mensalistas	588	583	594
Com Carteira de Trabalho Assinada	689	683	696
Sem Carteira de Trabalho Assinada	474	460	487
Empregadas Domésticas Diaristas	447	450	445

Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Nota: (1) Inflator utilizado: IPC da Sei-BA; ICV-RMSP do Dieese.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs: a) Excluiu os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

## **CAPÍTULO 2**

### **O QUE DISSERAM TRABALHADORAS E EMPREGADORAS NOS GRUPOS FOCAIS**

Os grupos focais são uma técnica de pesquisa qualitativa que busca obter informações em profundidade junto aos grupos que se quer estudar e podem buscar diferentes objetivos. Entre as várias formas de grupos focais existentes, foi adotada nesta pesquisa aquela voltada para as possíveis aplicações práticas de seus resultados, de caráter exploratório em sua modalidade aplicada, isto é, dirigida para o levantamento de conteúdos e para a identificação de necessidades e expectativas. (Gondim, 2002).

Essa foi a característica que orientou sua adoção para os fins desta pesquisa, seguindo-se então os procedimentos metodológicos necessários para a formação e realização dos grupos conforme se descreve, em detalhes, no Anexo Metodológico ao final deste Relatório.

Assim, neste capítulo, será apresentada uma breve caracterização das mulheres presentes aos grupos nas duas cidades, além de um relato de seus resultados, segundo os diferentes temas que foram tratados nos encontros, e cujo roteiro, em seu formato básico, encontra-se também em anexo.

#### **2.1 CARACTERÍSTICAS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PRESENTES NOS GRUPOS FOCAIS**

Foram realizados quatro grupos focais com trabalhadoras domésticas mensalistas e diaristas em São Paulo e em Salvador, nos dias 22 e 26 de setembro de 2010, respectivamente. Também foram realizados dois grupos com mulheres empregadoras de trabalhadoras domésticas nestas duas cidades, nos dias 23 e 28 de setembro de 2010, também respectivamente.

Os grupos focais apresentaram composições relativamente heterogêneas, o que permitiu contar com a necessária diversidade de atributos pessoais e, ao mesmo tempo, com grupos de características que são majoritárias no conjunto da população ocupada nesta categoria profissional.

Em São Paulo, o grupo focal de trabalhadoras domésticas mensalistas contou com a participação de 10 pessoas e o grupo focal com as empregadas domésticas diaristas teve a presença também de 10 pessoas. No dia 23 de setembro, no período matutino, realizou-se o grupo focal com as empregadoras, que contou também com 10 pessoas.

Em Salvador, o grupo focal das trabalhadoras domésticas mensalistas contou com 10 pessoas e no grupo das empregadas domésticas diaristas participaram 11 pessoas. O grupo focal com as empregadoras teve a presença de 12 pessoas.

Desta forma, todos os grupos apresentaram número considerado satisfatório para a realização da atividade, que se situa entre oito a doze pessoas.

Em São Paulo, o grupo das trabalhadoras domésticas mensalistas foi composto por uma maioria de mulheres com idade acima de 45 anos (sete participantes), negras (cinco), casadas (cinco), separadas (duas) ou viúvas (três). Do total, sete participantes não concluíram o ensino fundamental. Metade das participantes declararam-se chefes de domicílio. Todas tinham filhos, a maioria delas de um a dois filhos (oito pessoas). Para oito mulheres, a renda familiar situava-se entre 1 e 3 salários mínimos e para outras duas, entre 3 e 5 salários mínimos. Para todas as participantes, a renda pessoal mensal estava entre 1 a 3 salários mínimos (Tabela 14).

Quanto à experiência de trabalho, a maioria (seis pessoas) não era sindicalizada e oito contavam com carteira de trabalho assinada por tempo indeterminado. O tempo de permanência no emprego mostrou-se bastante diferenciado e distribuído de maneira uniforme entre as várias faixas estabelecidas no questionário – desde acima de 20 anos para uma pessoa – de até 1 ano para outras duas mulheres. As jornadas de trabalho também se mostraram muito variáveis – desde 10 horas semanais até mais de 40 horas para o maior número de presentes (quatro mulheres).

Muitas possuíam experiência de trabalho anterior em outros setores (quatro mulheres), mas uma grande parcela não respondeu qual a forma de contratação nessas atividades anteriores, que foram realizadas em setor ou empresa de metalurgia, arrumação, clínica de repouso e alimentação. Não foi relatada busca de emprego ativa por nenhuma participante. (Tabela 15)

**TABELA 14**  
**Perfil das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Mensalistas – São Paulo**

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>1. Idade</b>	
1) 16 a 24 anos	0
2) 25 a 31 anos	2
3) 32 a 38 anos	1
4) 39 a 44 anos	0
5) acima de 45 anos	7
<b>2. Cor ou raça</b>	
1) Branca	1
2) Preta	5
3) Parda	4
4) Amarela	0
5) Indígena	0
<b>3. Situação Conjugal</b>	
1) Solteira	0
2) Casada/ União consensual	5
3) Separada/ Desquitada/ Divorciada	2
4) Viúva	3
<b>4. Posição no domicílio</b>	
1) Chefe	5
2) Cônjuge	5
3) Filha	0
4) Outra	0
<b>5. Filhos/Filhas</b>	
1) Sim	10
2) Não	0
Quantos/as	
de 1 a 2 filhos/filhas	8
de 3 a 4 filhos/filhas	1
de 5 a 6 filhos/filhas	1
acima de 6 filhos/filhas	0
<b>6. Grau de instrução</b>	
1) Nunca frequentou escola	0
2) Fundamental incompleto	7
3) Fundamental completo	1
4) Médio incompleto	1
5) Médio completo	1
6) Superior incompleto	0
7) Superior completo	0
<b>7. Renda pessoal mensal</b>	
1) De 1 a 3 salários mínimos	10
2) 3 a 5 salários mínimos	0
3) 5 a 10 salários mínimos	0
4) Acima de 10 salários mínimos	0
<b>8. Renda familiar</b>	
1) De 1 a 3 salários mínimos	8
2) 3 a 5 salários mínimos	2
3) 5 a 10 salários mínimos	0
4) Acima de 10 salários mínimos	0
<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: DIEESE.

**TABELA 15**  
**Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Mensalistas – São Paulo**

Perguntas	Respostas
<b>No de participantes</b>	<b>10</b>
<b>1. Sindicalização</b>	
Empregada mensalista sindicalizada	4
Empregada mensalista não sindicalizada	6
<b>2. Tempo de emprego atual</b>	
Até 1 ano	2
1 a 5 anos	2
5 a 10 anos	2
10 a 20 anos	2
acima de 20 anos	1
NR	1
<b>3. Qual tipo de contrato</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	8
2) Carteira assinada por tempo determinado	1
3) Sem carteira assinada	1
4) Autônomo por empresa	0
5) Outro	0
<b>4. Jornada de trabalho semanal</b>	
Até 10 horas semanais	1
Até 20 horas semanais	1
Até 30 horas semanais	2
Até 40 horas semanais	2
Acima de 40 horas semanais	4
<b>5. Experiência de trabalho em outro setor de atividade</b>	
1) Sim	4
2) Não	6
<b>Se sim, subsector de atividade</b>	
Metalúrgica	
Alimentação	
Arrumadeira	
Clínica de Repouso	
<b>6. Tipo de contrato no emprego em outro setor de atividade</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	1
2) Carteira assinada por tempo determinado	1
3) Sem carteira assinada	1
4) Autônomo por empresa	1
5) Outro	0
NR	6
<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: DIEESE

As trabalhadoras domésticas diaristas que participaram do grupo focal em São Paulo tinham idade mais variada: uma participante estava na faixa dos 16 aos 24 anos, um grupo de quatro pessoas na faixa dos 32 aos 38 anos e outras três acima de 45 anos. Entre as trabalhadoras diaristas, o perfil segundo cor/raça mostrou duas pessoas brancas e oito negras (pretas e pardas). Todas as participantes eram casadas ou em união consensual; cônjuges com filhos/filhas e sete tinham entre 1 e 2 filhos ou filhas.

A distribuição da escolaridade das diaristas de São Paulo incluiu uma pessoa que não frequentou escola e o maior grau de escolaridade encontrado no grupo foi o ensino médio completo (duas mulheres). A renda pessoal situou-se majoritariamente em até 1 salário mínimo e os rendimentos familiares estiveram na mesma proporção entre 1 a 3 salários mínimos. Participaram algumas pessoas que recebiam rendimentos adicionais: uma através da realização de trabalhos esporádicos e duas por intermédio de programas de transferência condicionada de renda (Tabela 16).

No que se refere à inserção no trabalho, as diaristas presentes ao grupo focal em São Paulo trabalhavam, em sua maioria, como “diaristas avulsas” e estavam divididas em partes iguais no que se refere a sempre ter trabalhado como diarista ou não. A experiência de trabalho como diarista, no entanto, é mais recente: seis tinham até 5 anos e três acima de 10 anos. Três destas domésticas trabalhavam como autônomas e outras seis sem qualquer vínculo. Uma possuía carteira assinada por tempo indeterminado.

A jornada de trabalho média por casa situou-se, com maior frequência, em 8 horas e apenas duas pessoas trabalhavam em quatro casas diferentes. Assim, as jornadas semanais de trabalho foram distribuídas entre 10 horas para três pessoas e até 40 horas para duas. O valor do dia de trabalho situou-se entre R\$30 e R\$50 para duas pessoas e R\$50 e R\$80 para outras sete. Nenhuma era sindicalizada e metade já havia trabalhado em outro setor de atividade como recepcionistas/atendentes, babás, metalúrgicas, bibliotecárias e no comércio. Destas, quatro já haviam trabalhado com carteira assinada. Encontrou-se um grupo de cinco pessoas que não haviam procurado emprego, mas as outras cinco buscaram ativamente e de várias maneiras. (Tabela 17)

**TABELA 16**  
**Perfil das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Diaristas – São Paulo**

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>1. Idade</b>	
1) 16 a 24 anos	1
2) 25 a 31 anos	0
3) 32 a 38 anos	4
4) 39 a 44 anos	2
5) acima de 45 anos	3
<b>2. Cor ou raça</b>	
1) Branca	2
2) Preta	3
3) Parda	5
4) Amarela	0
5) Indígena	0
<b>3. Situação Conjugal</b>	
1) Solteira	0
2) Casada/ União consensual	10
3) Separada/ Desquitada/ Divorciada	0
4) Viúva	0
<b>4. Posição no domicílio</b>	
1) Chefe	0
2) Cônjuge	10
3) Filha	0
4) Outra	0
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>5. Filhos/Filhas</b>	
1) Sim	10
2) Não	0
<b>Quantos/as</b>	
de 1 a 2 filhos/filhas	7
de 3 a 4 filhos/filhas	1
de 5 a 6 filhos/filhas	1
acima de 6 filhos/filhas	1
<b>6. Grau de instrução</b>	
1) Nunca frequentou escola	1
2) Fundamental incompleto	3
3) Fundamental completo	2
4) Médio incompleto	2
5) Médio completo	2
6) Superior incompleto	0
7) Superior completo	0
<b>7. Renda pessoal mensal</b>	
até 1 salário mínimo	6
de 1 a 3 salários mínimos	3
de 3 a 5 salários mínimos	1
de 5 a 10 salários mínimos	0
acima de 10 salários mínimos	0

(continua)

**TABELA 16**  
**Perfil das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Diaristas – São Paulo**

(continuação)

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>8. Renda familiar</b>	
de 1 a 3 salários	6
de 3 a 5 salários	3
de 5 a 10 salários e acima de 10 salários mínimos	0
NR	1
<b>9. Outro tipo de renda</b>	
1) Pensão, aposentadoria	0
2) Aluguel	0
3) Trabalhos esporádicos	1
4) Bolsa família ou outros programas de transferência de renda	2
5) Doação	0
6) Outro	0
Não	6
NR	1
<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: DIEESE

**TABELA 17**  
**Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Diaristas – São Paulo**

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>1. Tipo de inserção</b>	
Empregada diarista avulsa	6
Empregada diarista permanente	3
NR	1
<b>2. Sempre foi diarista</b>	
1) Sim	5
2) Não	5
<b>3. Experiência de trabalho como diarista</b>	
até 1 ano	1
1 a 5 anos	5
5 a 10 anos	1
10 a 20 anos	1
acima de 20 anos	2
<b>4. Qual tipo de contrato</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	1
2) Carteira assinada por tempo determinado	0
3) Sem carteira assinada	6
4) Autônomo	3
5) Outro	0
<b>5. Jornada de trabalho média em cada casa</b>	
até 4 horas dia	1
até 8 horas dia	8
até 12 horas dia	1
acima de 12 horas dia	0

(continua)

**TABELA 17**  
**Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Diaristas – São Paulo**

(continuação)

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>6. Em quantas casas trabalha</b>	
1 casa	3
2 casas	2
3 casas	2
4 casas	2
5 casas	0
acima de 5 casas	0
NR	1
<b>7. Jornada de trabalho semanal</b>	
até 10 horas semanais	3
até 20 horas semanais	2
até 30 horas semanais	2
até 40 horas semanais	2
acima de 40 horas semanais	0
NR	1
<b>8. Média de cobrança por diária</b>	
até R\$ 30,00	0
de R\$ 30,00 a R\$ 50,00	2
de R\$ 50,00 a R\$ 80,00	7
acima de R\$ 80,00	0
NR	1
<b>9. Sindicalizada</b>	
1) Sim	0
2) Não	10
<b>10. Experiência de trabalho em outro setor de atividade</b>	
1) Sim	5
2) Não	5
<b>Se sim, subsetor de atividade</b>	
Recepcionista	
Babá	
Metalúrgica/ Atendente	
Bibliotecária	
Comércio	
<b>11. Tipo de contrato no emprego em outro setor de atividade</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	4
2) Carteira assinada por tempo determinado	0
3) Sem carteira assinada	0
4) Autônomo por empresa	1
5) Outro	0
NR	5
<b>12. Procura de emprego nos últimos 30 dias (múltipla escolha)</b>	
1) Procurou empresa, agência ou sindicato	3
2) Procurou o SINE	1
3) Colocou ou respondeu anúncio	0
4) Procurou parentes ou amigos	4
5) Procurou na rua	1
6) Fez contato com possíveis clientes	0
7) Outra providência	0
8) Nada fez/ Não lembra	0
Não	5
<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: DIEESE

Em Salvador, o grupo focal das trabalhadoras domésticas mensalistas contou com a participação de dez pessoas. O grupo era constituído, em sua maioria, por mulheres acima de 45 anos e negras (considerando a classificação já usual que agrega as pessoas que se declaram pretas e as que se declaram pardas na categoria negras). Delas, oito eram solteiras e duas casadas ou em união consensual. O grupo possuía sete chefes de família e cinco possuíam filhos ou filhas. Entre as mães, duas possuíam mais de seis filhos ou filhas e duas entre um e dois filhos ou filhas.

Quatro mulheres tinham o ciclo fundamental incompleto (quatro mulheres) e outras quatro, o ensino médio completo. A renda pessoal mensal de oito pessoas situava-se no patamar de até 1 salário mínimo e a renda de duas das participantes estava entre 1 e 3 salários mínimos. Em termos de renda familiar, seis participantes declararam até 1 salário mínimo e outras quatro, declararam estar na faixa de 1 até 3 salários mínimos.

As trabalhadoras domésticas mensalistas no grupo focal de Salvador eram majoritariamente sindicalizadas (sete) e apresentavam uma grande diversidade de tempo de trabalho no atual emprego: o tempo de permanência no mesmo serviço declarado por três participantes foi de 1 a 5 anos e quatro mulheres, entre 10 e 20 anos. Duas estavam há mais de 20 anos na mesma casa e uma, há menos de um ano.

Há maioria das mulheres (seis pessoas) eram trabalhadoras com carteira de trabalho assinada por tempo indeterminado. As jornadas semanais declaradas eram extensas: a maioria trabalha mais de 40 horas semanais.

Deste grupo, participou uma trabalhadora doméstica diarista que se enganou sobre o horário da realização do seu grupo focal.

Quatro pessoas já tinham trabalhado em outros setores ou empresas: químico, construção civil, ambulante, comércio, alimentação, serviços e sindical e quando realizaram este trabalho, duas participantes tiveram carteira de trabalho assinada, uma não teve carteira e outra, era autônoma.

**TABELA 18**  
**Perfil das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Mensalistas – Salvador**

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>1. Idade</b>	
1) 16 a 24 anos	0
2) 25 a 31 anos	1
3) 32 a 38 anos	2
4) 39 a 44 anos	1
5) acima de 45 anos	6
<b>2. Cor ou raça</b>	
1) Branca	0
2) Preta	7
3) Parda	3
4) Amarela	0
5) Indígena	0
<b>3. Situação Conjugal</b>	
1) Solteira	8
2) Casada/ União consensual	2
3) Separada/ Desquitada/ Divorciada	0
4) Viúva	0
<b>4. Posição no domicílio</b>	
1) Chefe	7
2) Cônjuge	1
3) Filha	1
4) Outra	1
<b>5. Filhos/Filhas</b>	
1) Sim	5
2) Não	5
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>Quantos/as</b>	
de 1 a 2 filhos/filhas	2
de 3 a 4 filhos/filhas	1
de 5 a 6 filhos/filhas	0
acima de 6 filhos/filhas	2
<b>6. Grau de instrução</b>	
1) Nunca frequentou escola	0
2) Fundamental incompleto	4
3) Fundamental completo	1
4) Médio incompleto	1
5) Médio completo	4
6) Superior incompleto	0
7) Superior completo	0
<b>7. Renda pessoal mensal</b>	
até 1 salário mínimo	8
de 1 a 3 salários mínimos	2
de 3 a 5 salários mínimos	0
de 5 a 10 salários mínimos	0
Acima de 10 salários mínimos	0
<b>8. Renda familiar</b>	
até 1 salário mínimo	6
de 1 a 3 salários mínimos	4
de 3 a 5 salários mínimos	0
de 5 a 10 salários mínimos	0
de Acima de 10 salários mínimos	0
<b>Total</b>	<b>9</b>

Fonte: DIEESE

**TABELA 19**  
**Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Mensalistas – Salvador**

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	10
<b>1. Sindicalização</b>	
Empregada mensalista sindicalizada	7
Empregada mensalista não sindicalizada	2
NR	1
<b>2. Tempo de emprego atual</b>	
até 1 ano	1
1 a 5 anos	3
5 a 10 anos	0
10 a 20 anos	4
acima de 20 anos	2
<b>3. Qual tipo de contrato de trabalho</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	6
2) Carteira assinada por tempo determinado	1
3) Sem carteira assinada	1
4) Autônoma	1
5) Outro	1
<b>4. Jornada de trabalho semanal</b>	
até 10 horas semanais	1
até 20 horas semanais	0
até 30 horas semanais	1
até 40 horas semanais	0
acima de 40 horas semanais	7
NR	1
<b>5. Experiência de trabalho em outro setor de atividade</b>	
1) Sim	4
2) Não	5
NR	1
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>Se sim, subsetor de atividade</b>	
Setor Químico	1
Construção Civil/ Ambulante/ Comércio/ Sindicato	1
Alimentação	1
Serviços	1
<b>6. Tipo de contrato no emprego em outro setor de atividade</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	2
2) Carteira assinada por tempo determinado	0
3) Sem carteira assinada	1
4) Autônoma	1
5) Outro	0
NR	6
<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: DIEESE

O grupo focal de trabalhadoras domésticas diaristas realizado em Salvador contou com a presença de 12 pessoas. As trabalhadoras diaristas tinham idades acima de 32 anos, com cinco pessoas nas faixas etárias de 39 a 44 anos e outras cinco com 45 anos e mais. O grupo foi composto exclusivamente por mulheres negras, sendo sete solteiras e cinco casadas ou em união consensual. Entre as diaristas, sete declararam-se chefes do domicílio e outras

quatro como cônjuges. Das nove mães presentes, três possuíam de 1 a 2 filhos ou filhas e duas tinham mais de seis filhos ou filhas. O mais alto grau de escolaridade das participantes foi o ensino médio completo (duas pessoas); uma não havia frequentado escola e outras cinco não terminaram o ensino fundamental.

A renda pessoal das trabalhadoras domésticas diaristas presentes ao encontro concentrava-se na faixa de até 1 salário mínimo (sete participantes) e somente quatro encontravam-se na faixa imediatamente superior de 1 a 3 salários mínimos. A renda familiar mais frequente concentrou-se nesse mesmo patamar (1 a 3 salários mínimos para 6 pessoas). Também algumas trabalhadoras receberam outras rendas: uma de trabalhos esporádicos e três de programas de transferência condicionada de renda (Tabela 20).

O grupo focal de trabalhadoras diaristas de Salvador foi composto por dez diaristas permanentes, mas somente quatro sempre haviam trabalhado como profissionais diaristas, sendo que três tinham entre 10 a 20 anos de experiência e outras cinco de 1 a 5 anos. Como diaristas permanentes, a experiência era menor: sete pessoas acumulavam de 1 a 5 anos neste formato de exercício da profissão. Entre todas, predomina a inexistência de carteira assinada (sete pessoas) e algumas são autônomas (três).

A jornada média de 8 horas é predominante, assim como foi mais frequente o trabalho em apenas duas casas. Somente uma das trabalhadoras trabalhava em cinco casas. Os dados das jornadas semanais mostram que a maioria não ocupa todo o período útil da semana. Os valores cobrados pelo trabalho estão preponderantemente entre R\$30 e R\$ 50 por dia.

Dentre as diaristas, cinco eram sindicalizadas. Oito possuíam experiência de trabalho em outros setores como vendedora, tesoureira, diretora; área musical; camareira, serviços gerais, construção civil, salão de beleza e comércio. Somente duas tiveram carteira de trabalho assinada na ocupação anterior (uma por tempo indeterminado e outra por tempo determinado). Algumas trabalhadoras mencionaram procura ativa por um posto de trabalho.

**TABELA 20**  
**Perfil das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Diaristas – Salvador**

<b>Perguntas</b>	<b>Respostas</b>
<b>Nº de participantes</b>	<b>12</b>
<b>1. Idade</b>	
1) 16 a 24 anos	0
2) 25 a 31 anos	0
3) 32 a 38 anos	2
4) 39 a 44 anos	5
5) acima de 45 anos	5
<b>2. Cor ou raça</b>	
1) Branca	0
2) Preta	10
3) Parda	2
4) Amarela	0
5) Indígena	0
<b>3. Situação Conjugal</b>	
1) Solteira	7
2) Casada/ União consensual	5
3) Separada/ Desquitada/ Divorciada	0
4) Viúva	0
<b>4. Posição no domicílio</b>	
1) Chefe	7
2) Cônjuge	4
3) Filha	0
4) Outra	1
<b>5. Filhos/Filhas</b>	
1) Sim	9
2) Não	3
<b>Quantos/as</b>	
De 1 a 2 filhos/filhas	3
De 3 a 4 filhos/filhas	2
De 5 a 6 filhos/filhas	2
Acima de 6 filhos/filhas	2
<b>6. Grau de instrução</b>	
1) Nunca frequentou escola	1
2) Fundamental incompleto	5
3) Fundamental completo	2
4) Médio incompleto	2
5) Médio completo	2
6) Superior incompleto	0
7) Superior completo	0
<b>7. Renda pessoal mensal</b>	
até 1 salário	7
De 1 a 3 salários	4
De 3 a 5 salários	0
De 5 a 10 salários	0
acima de 10 salários	0
NR	1
<b>8. Renda familiar</b>	
até 1 salário mínimo	2
De 1 a 3 salários mínimos	6
De 3 a 5 salários mínimos	1
De 5 a 10 salários mínimos	0
acima de 10 salários mínimos	0
NR	3

(continua)

**TABELA 20**  
**Perfil das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Diaristas – Salvador**

(continuação)

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>9. Outro tipo de renda</b>	
1) Pensão, aposentadoria	0
2) Aluguel	0
3) Trabalhos esporádicos	1
4) Bolsa família ou outros programas de transferência de renda	3
5) Doação	0
6) Outro	0
Não	8
<b>Total</b>	<b>12</b>

Fonte: DIEESE

**TABELA 21**  
**Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Diaristas – Salvador**

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>12</b>
<b>1. Tipo de inserção</b>	
Empregada diarista avulsa	1
Empregada diarista permanente	10
NR	1
<b>2. Sempre foi diarista</b>	
1) Sim	4
2) Não	8
<b>3. Experiência de trabalho como diarista</b>	
até 1 ano	0
1 a 5 anos	5
5 a 10 anos	4
10 a 20 anos	3
acima de 20 anos	0
<b>4. Experiência de trabalho como diarista permanente</b>	
até 1 ano	3
1 a 5 anos	7
5 a 10 anos	0
10 a 20 anos	1
acima de 20 anos	0
NR	1
<b>5. Qual tipo de contrato</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	0
2) Carteira assinada por tempo determinado	0
3) Sem carteira assinada	7
4) Autônoma	3
5) Outro	0
NR	2

(continua)

**TABELA 21**  
**Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Diaristas – Salvador**

(continuação)

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>6. Jornada de trabalho média em cada casa</b>	
até 4 horas dia	0
até 8 horas dia	8
até 12 horas dia	2
acima de 12 horas dia	1
NR	1
<b>7. Em quantas casas trabalha</b>	
1 casa	2
2 casas	8
3 casas	0
4 casas	0
5 casas	1
acima de 5 casas	0
NR	1
<b>8. Jornada de trabalho semanal</b>	
até 10 horas semanais	1
até 20 horas semanais	4
até 30 horas semanais	1
até 40 horas semanais	4
acima de 40 horas semanais	1
NR	1
<b>9. Média de cobrança por diária</b>	
até R\$ 30,00	1
De R\$ 30,00 a R\$ 50,00	10
De R\$ 50,00 a R\$ 80,00	0
acima de R\$ 80,00	0
NR	1
<b>10. Sindicalizada</b>	
1) Sim	5
2) Não	7
<b>11. Experiência de trabalho em outro setor de atividade</b>	
1) Sim	8
2) Não	4
<b>Se sim, subsetor de atividade</b>	
Vendedora/ Tesoureira/ Diretora	
Área Musical	
Camareira	
Serviços gerais	
Construção Civil	
Salão de Beleza	
Comércio	

(continua)

**TABELA 21**  
**Experiência no Trabalho das Participantes dos Grupos Focais**  
**Trabalhadoras Domésticas Diaristas – Salvador**

(continuação)

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>12. Tipo de contrato no emprego em outro setor de atividade</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	1
2) Carteira assinada por tempo determinado	1
3) Sem carteira assinada	4
4) Autônoma	3
5) Outro	0
NR	3
<b>13. Procura de emprego nos últimos 30 dias (múltipla escolha)</b>	
1) Procurou empresa, agência ou sindicato	1
2) Procurou o SINE	1
3) Colocou ou respondeu anúncio	0
4) Procurou parentes ou amigos	3
5) Procurou na rua	0
6) Fez contato com possíveis clientes	0
7) Outra providência	0
8) Nada fez/ Não lembra	0
Não	8
<b>Total</b>	<b>12</b>

Fonte: DIEESE

## 2.2 O QUE DISSERAM AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS MENSALISTAS E DIARISTAS

Antes de passar ao relato destes e dos demais grupos focais (de empregadoras, no item 2.4, e de donas de casa, no Capítulo 3), é importante observar que, embora a mediadora do debate tenha conduzido a discussão da mesma forma e na mesma sequência em todos os grupos, cada um deles estabeleceu uma dinâmica própria<sup>17</sup>.

Foram muitas e diversas as situações que se criaram: alguns dos grupos enfatizaram determinados aspectos das relações ou das condições de trabalho que outros apenas mencionaram; uns conferiram peso a questões que outros sequer reconheceram. Além disso, as questões relativas aos temas abordados levavam mais ou menos tempo para emergir na discussão e, tanto a profundidade com que foram discutidas, quanto a frequência com que eram citadas também variaram de grupo para grupo. Também foi comum surgirem falas sobre discriminação no momento em que se discutiam condições de trabalho ou que fossem mencionados problemas referentes às condições de trabalho quando se debatia sobre condições de vida, por exemplo.

Assim, para fins expositivos, optou-se pelo reagrupamento das falas de acordo com os temas abordados e não pela ordem cronológica em que foram colocadas. Isso quer dizer que, para o relato dos resultados dos trabalhos, as questões mencionadas pelos participantes

<sup>17</sup> Em relação aos temas propostos e seus itens, apenas um item foi proposto para as trabalhadoras domésticas mensalistas e diaristas somente em São Paulo: trata-se do item “Você acha que o trabalho doméstico é uma habilidade feminina, só as mulheres devem fazer esse trabalho?”, que pertencia ao Tema 1- Identidade e Profissão. A equipe técnica do projeto decidiu não realizá-la em Salvador em razão de problemas na sua formulação.

foram organizadas por tema e destacadas de acordo com a importância que lhes foi atribuída em cada grupo, o que significa que poderão diferir de capítulo para capítulo e de grupo para grupo.<sup>18</sup>

Os grupos focais das trabalhadoras domésticas foram realizados em um clima bastante tranquilo e amigável. A maioria das presentes falou espontaneamente, o que indicava estarem à vontade. Algumas foram mais tímidas, outras mais expansivas, conforme seus traços de personalidade. Em alguns momentos, os relatos trouxeram sentimentos à tona e em mais de um grupo houve momentos de muita emoção. Estes momentos conferem um significado especial aos temas aos quais se relacionavam, motivo pelo qual serão citados.

Os grupos responderam muito bem às propostas da mediadora: todas as questões colocadas foram objeto de reflexão e debate pelo conjunto dos participantes e, ao final dos trabalhos, haviam sido recolhidas muitas informações de excelente qualidade.

### **2.2.1 UM QUEBRA-GELO REVELADOR**

A pergunta inicial feita a todas as participantes, após as apresentações da pesquisa e do modo de funcionamento dos grupos focais foi um quebra-gelo, para fazer as apresentações entre os participantes e descontrair o ambiente, explicando que esta seria a única hora em que era esperado que todas as pessoas se manifestassem.

Assim, em todos os grupos das trabalhadoras domésticas foi solicitado que dissessem seu nome, idade e respondessem à seguinte questão: O que você gosta e o que você não gosta no seu trabalho?

Em todos os grupos, houve concordâncias, risos e descontração nesse momento. Mas o ordenamento das respostas dos grupos mostrou que, além de um momento divertido, o quebra-gelo serviu também para introduzir e tratar alguns temas relevantes no que se refere à profissão de trabalhadora doméstica e sobre como ela é vivida pelas mulheres que dela se ocupam.

Em primeiro lugar, é interessante notar que não há diferenças relevantes entre as trabalhadoras mensalistas ou diaristas, entre as de São Paulo ou de Salvador, tanto quanto ao que gostam como ao que não gostam em sua profissão. Da mesma forma, nas duas cidades, as trabalhadoras apontaram diferentes aspectos e dimensões por onde enxergar esse trabalho.

As trabalhadoras falaram daquilo que gostam em seu trabalho referindo-se às suas diferentes **tarefas ou atividades específicas**: algumas apareceram nas falas em quase todos os grupos tanto positiva quanto negativamente como cozinhar, por exemplo. Ou de forma controversa, como passar roupa, quase unanimidade no desagrado, mas que algumas

---

<sup>18</sup> No Anexo Metodológico, seção AM5, encontram-se alguns dos quadros produzidos para a análise dos resultados dos grupos focais.

trabalhadoras revelaram gostar. O mesmo se passou com o delicado tema das crianças: houve referências positivas, mas há tarefas relacionadas com este cuidado que foram lembradas de forma negativa, como sair para passear com elas.

As trabalhadoras referiram-se também ao **trabalho doméstico em seu conjunto**, para além da realização de tarefas isoladas: referiram-se gostar de tudo [do trabalho] na casa, de tudo que se faz em uma casa e também de decorar a casa. E agregaram aspectos de **relacionamento**: gostam de estar em contato com as pessoas ou quando estas confiam nelas, de proporcionar o bem a uma pessoa que confia. Algumas referiram gostar dos patrões. Surgiram também aspectos relacionados às **condições de trabalho**: mencionou-se o fato de receber todo o dia e também o chegar cedo e fazer tudo.

*“Eu gosto daquilo que eu faço, mas o serviço que eu gosto mais da casa é cozinhar.” Mensalista, São Paulo*

*“Gosto de fazer o meu trabalho, estar se envolvendo com outras pessoas, coisa que não é fácil, a gente deixar a nossa casa pra cuidar de outras, acho que é um desafio profissional.” Diarista, Salvador*

Entre aquilo que não gostam, estão também **tarefas**: cozinhar, limpar janelas, lavar e passar roupas.

*“O que não gosto no trabalho é lavar e passar, mas o resto eu gosto de tudo, se é animal eu tomo conta, se é criança eu tomo conta à vontade, mas lavar e passar não gosto não.” Mensalista, Salvador*

No plano dos **relacionamentos**, foram trazidos o desconforto com as acusações sobre a quebra de utensílios domésticos, o tratamento dado pelos patrões, de como estes mudam a forma de tratamento quando a trabalhadora doméstica tem problemas. Esta foi uma fala bastante contundente em relação a como as trabalhadoras são consideradas pelas pessoas que as empregam:

*“Eu gosto de tudo o que eu faço. Só não gosto também disso que ela falou, eles não dão valor na gente. A gente faz tudo, tudo e não tem valor, não é aquela, sabe? Só gostam da gente quando a gente está trabalhando e na hora que a gente não pode ou tem qualquer problema, aí a gente nota que já mudam as coisas, não é? Já muda.” Mensalista, Salvador*

Em relação às **condições de trabalho**, foram feitas várias menções às condições específicas para seu exercício, como pessoas na casa durante a realização do trabalho, casas que têm

crianças, casas com animais. Mas, alguns dos pontos mais intensamente relatados são os que dizem respeito aos direitos do trabalho e à valorização da profissão. Há uma clara vinculação entre ser valorizada e ter seus direitos como trabalhadoras respeitados. Sair fora do horário é um problema frequentemente mencionado. Uma das trabalhadoras mencionou que também lhe desgosta não receber horas extras e outra que os salários são baixos. Muitas referiram-se à desvalorização do trabalho e nas duas cidades mencionou-se o tratamento dado pelos empregadores.

*“Não ter os mesmos direitos dos funcionários de empresa.” Diarista, São Paulo*

*“Eu gosto de trabalhar, mas na hora de ir embora chega no horário, quando é quatro e meia ela inventa coisa, sabendo que [tenho que] buscar minha filha na escola, aí ela começa a inventar.” Mensalista, São Paulo*

*“Trabalho com uma senhora há 14 anos, eu gosto de tudo, só não gosto de dormir no trabalho.” Mensalista, Salvador*

Os grupos foram muito ricos já desde o primeiro momento, quando já foi possível escutar a menção a muitas das questões relevantes incluídas no roteiro dos grupos focais, que surgem, assim, desde o início e espontaneamente. Muitas serão apresentadas nos itens a seguir.

**QUADRO 1**  
**Grupos focais de trabalhadoras domésticas mensalistas e diaristas em São Paulo e Salvador**

**O que você gosta e o que não gosta no seu trabalho?**

Cidade	Diaristas		Mensalistas	
	Gosta	Não Gosta	Gosta	Não Gosta
São Paulo	Cozinhar ++	Cozinhar ++	Cozinhar ++	Não ter os mesmos direitos dos funcionários de empresa / como os outros ++
	De fazer tudo na casa / Não tem o que eu não goste	Limpar janela ++	De tudo o que faz ++	Da desvalorização ++
	De trabalhar	Quando dizem que quebrou algo que não quebrou	Proporcionar o bem a uma pessoa que confia em mim	De não ter hora para sair ++
	Decorar a casa	Sair fora do horário	Cuidar de criança	Salário baixo
	Passar	Passar roupa	Dos patrões	Não receber hora extra
	Lavar roupa	Limpar banheiros		Não ser tratada como gente
	Receber todo dia			Patrões zanzando na casa
				Patrões mudam quando há problema
				Limpar vidros
				Cachorro / cachorro na cozinha
Salvador	De fazer tudo ++	Dormir no trabalho	Arrumar a casa	Dormir no trabalho++
	Chegar cedo e fazer tudo	Do tratamento dado pelos patrões / stress com patroa	Fazer faxina	Crianças/Sair com as crianças
	Fazer faxina	De ter que dar conta de tudo	Limpar o quarto	Lavar roupa íntima
	Quando confiam nela	Casa com criança		Limpar carpete
	Crianças	Lavar e passar roupa +		
	Cozinhar	Passar roupa		
		Limpar janela		
	Animais			

Fonte: DIEESE

Obs.: (+) Duas pessoas citaram a atividade, (++) Três pessoas citaram a atividade, (+++) quatro pessoas citaram a atividade

### 2.2.2 PROFISSÃO E IDENTIDADE: PORQUE SER TRABALHADORA DOMÉSTICA

Após a realização da atividade de quebra gelo, passou-se à discussão em maior profundidade da identidade de cada uma como trabalhadora doméstica e de como sentiam que a profissão era vista. A segunda parte deste questionamento foi saber quais as razões que as levaram a esta ocupação e porque permaneceram nela.

As questões colocadas para discussão em todos os grupos foram:

a) *Como você vê o seu trabalho e como você acha que ele é visto pelas outras pessoas (em geral, no local de trabalho, a família, os amigos)?*

b) *Por que escolheu exercer essa atividade profissional?*

As trabalhadoras domésticas dizem gostar de seu trabalho e sentem que é um trabalho importante, ainda que também sintam que ele é desvalorizado e enfrenta preconceitos e incompreensões por parte das outras pessoas, sejam familiares, seus empregadores e empregadoras ou o público em geral. Mencionaram a vergonha que muitas das próprias trabalhadoras sentem em relação à sua ocupação e como o racismo está presente no cotidiano dessas relações.

De acordo com o próprio ponto de vista, elas ressaltam a dignidade do trabalho doméstico por ser aquele que garante sua sobrevivência e de suas famílias: “é um trabalho honesto como qualquer outro”, “é um serviço normal” e algumas referem-se ao gosto por realizá-lo e à qualidade de seu trabalho, retomando o sentido de valorização da profissão que já havia sido mencionado nos momentos iniciais dos grupos.

*“Eu acho o serviço que eu faço bem feito. Eu trabalho com prazer.” Diarista, São Paulo*

*“Eu digo graças a Deus que trabalho de doméstica porque eu me visto, eu viajo, eu pago minhas contas, pago meu cartão...(…) com o trabalho doméstico.” Diarista, Salvador*

*“Eu gosto do trabalho que eu faço de doméstica, (...) a empregada doméstica enfrenta muito preconceito do patrão, das outras pessoas, às vezes tem colegas que têm vergonha do que fazem, não assina carteira, fica pagando INSS por conta própria. Uma vez eu fui em um certo lugar para assinar um papel e a mulher me perguntou: você não quer botar como estudante? Eu disse não, pode botar doméstica porque eu não tenho vergonha do que eu faço.” Mensalista, Salvador.*

Entre as famílias, a aceitação não é geral, pois se há aqueles familiares que o respeitam e aceitam, há também oposições – dos maridos, dos amigos.

*“Os familiares respeitam o que faço, pois o trabalho é honesto.” Mensalista, São Paulo*

*“Preconceito sempre há, meu marido não aceita que eu limpe a casa dos outros.” Diarista, São Paulo*

*“Meus amigos e meu marido acham que sou muito nova, mas eu gosto e eu valorizo. Só que na maioria das vezes a patroa não valoriza.” Diarista, São Paulo*

Na opinião das trabalhadoras domésticas, os patrões desvalorizam seu trabalho, em sua maioria. Essa posição em relação ao trabalho doméstico está presente tanto no que se refere a seu reconhecimento profissional – em relação à qualidade do trabalho desempenhado; como em relação à sua importância social e para as vidas dos próprios empregadores e empregadoras. Nas falas das trabalhadoras domésticas presentes nos grupos focais, transparece a compreensão não somente de suas próprias necessidades, mas também das necessidades daqueles que as empregam – o seu trabalho é necessário para que eles e elas possam realizar suas obrigações profissionais fora de casa ao mesmo tempo em que tem garantidos os cuidados com sua casa, seus filhos e outras pessoas de seu domicílio como pais idosos, por exemplo.

*“É um trabalho que não se dá muito valor mas deveria, a casa de uma pessoa fica na nossa mão, até os filhos...” Diarista, Salvador*

*“O trabalho doméstico é muito importante. Hoje existe o médico, existe o advogado, existem outras profissões, mas atrás desses doutores tem uma trabalhadora doméstica porque enquanto eles estão lá no escritório (...) tem uma trabalhadora doméstica em casa lavando, passando, cozinhando, tomando conta do filho pra dar as condições pra que ele saia. E se não tivesse?” Mensalista, Salvador*

*“(...)a gente não está generalizando dizendo que todas as pessoas veem de uma forma ruim, tem patrões muitos bons, mas quando a gente encontra isso é raridade, tem que encontrar assim de luz acesa nas mãos pra achar porque na maioria sempre alguém tem uma reclamação de um patrão que não vê o serviço da gente como deve ser visto.” Mensalista, São Paulo*

*“O nosso serviço é importante porque seria triste para os patrões sem as empregadas. Na casa que eu trabalho, ela só vai na atividade dela se eu for [trabalhar].” Diarista, Salvador*

Para além do próprio círculo familiar e pessoal e das residências onde trabalham também há preconceito em relação ao trabalho e discriminação social.

*“Encaro meu trabalho como quebra galho, porque há um preconceito. Você vai na loja fazer um cartão e se você falar sua profissão as pessoas torcem a cara, infelizmente. É um serviço digno, mas há preconceito sim.” Diarista, São Paulo*

*“Nem se pode ser empregada doméstica, não por ser uma profissão feia, mas porque a gente sempre tende a entender que trabalhar em outro setor dá mais credibilidade, valoriza mais, as pessoas aceitam melhor você dizer que trabalha numa loja nem que seja de empacotadora ou de limpar o chão.” Mensalista, Salvador*

A discriminação social influencia a consideração de seu próprio trabalho, pois as trabalhadoras apresentam ressalvas à profissão, considerando-a como algo transitório ou sem credibilidade ou valor em razão dessa mesma desconsideração, que se mostra também nos episódios de negação do exercício dessa atividade, como já mencionado.

*“Eu não tenho filho, nem tenho filha, mas se eu tivesse eu não deixaria ela ser empregada doméstica, não porque é feio, mas por causa da discriminação que a sociedade e a mídia impõe a elas, mas eu gosto da minha profissão, desempenho ela com maior amor, não chego mal humorada, não chego batendo, não chego desanimada mesmo que o patrão não ache que eu estou sendo a empregada doméstica perfeita pra ele que ele gostaria de ter, mas eu me coloco como uma profissional que faz o melhor.”* Diarista, Salvador

Os episódios de racismo em relação ao trabalho doméstico surgiram com mais intensidade no momento da discussão das condições de trabalho. Por hora, porém, é necessário ressaltar que este ponto foi mencionado como um dos elementos para a desvalorização da profissão e das pessoas que a exercem.

*“Hoje eu vejo muita coisa falar: o racismo está acabando. Não está acabando, continua disfarçadamente.”* Mensalista, Salvador.

Há várias falas detalhadas contando episódios que mostram como a valorização da profissão está relacionada ao cumprimento dos direitos trabalhistas, horários, carteira assinada e remuneração, além da expressa menção ao tratamento dispensado a essas trabalhadoras, como já apontado também no item anterior.

*“Eu acho assim, eu particularmente, eu vendo minha mão de obra e o meu patrão compra. Ele não tem que gostar de mim e eu não tenho que gostar dele, a gente tem que ter respeito. Eu estou lá para cumprir [o trabalho], ele está pagando para eu trabalhar, eu tenho que cumprir meu trabalho com honestidade e respeitando a casa dele. Aí eu espero dele a mesma coisa com a minha pessoa.”* Mensalista, São Paulo

O tema seguinte relacionava-se com a escolha e permanência nesta ocupação. Os relatos das trabalhadoras presentes aos grupos focais, nas duas cidades, mostra que embora muitas tenham chegado a valorizar e gostar desta profissão, a maioria iniciou-se, e nela permanece, por contingências além de sua vontade.

No entanto, em alguns momentos surgiram motivações que ultrapassam as dificuldades impostas pela vida cotidiana e remetem a imagens e sentimentos profundos em relação ao universo feminino:

*“Aí, acho que foi uma coisa que não foi tanto por conselho das amigas, acho que é uma coisa que me acompanhava desde pequena de ver a minha mãe fazer as coisas e gostar, porque tudo o que ela fazia eu queria repetir. Então acabei escolhendo esta profissão, mas eu não tenho do que me queixar, eu gosto.”*  
Mensalista, São Paulo

*“Gosto porque é igual ao trabalho que faço na minha casa.”* Mensalista, Salvador

Em outros casos, trata-se simplesmente de gostar do que se faz.

*“As pessoas perguntam porque trabalho de doméstica e dizem que eu me acomodei. (...) Mas eu gosto do trabalho.”* Mensalista, Salvador

*“Já fui babá, já tomei conta de idoso, já fui cozinheira, lavadeira, passadeira, toda minha vida fiz um pouco e gosto de tudo que eu faço.”*

Alguns relatos referem-se à opção mais acessível face à necessidade de ganhar a vida e sustentar a família:

*“Eu não escolhi serviço de diarista, mas como eu me vi na situação de precisar de uma roupa, eu tinha que trabalhar porque os filhos eram pequenos, para ajudar o marido.”* Diarista, São Paulo

*“Foi falta de opção, eu cheguei lá do Norte e não tinha família em São Paulo.”*  
Mensalista, São Paulo

Entre as trabalhadoras domésticas que mencionaram a falta de opção, provavelmente a razão mais citada foi a falta de estudos. O fato de não possuírem o ensino fundamental ou o ensino médio completos é percebido como impeditivo para o exercício de outras ocupações, embora uma das trabalhadoras mensalistas tenha ressaltado que as dificuldades vão além disso, pois para ela, mesmo com estudos completos, não foi possível colocar-se de outra maneira.

Entre as pessoas que mencionaram sua escolaridade como o fator decisivo para o ingresso no serviço doméstico, um grupo relatou que passou a gostar da profissão e outro gostaria de ter outras oportunidades. Há sonhos que se mantêm durante anos, como conta uma diarista de Salvador: *“meu sonho é ser assistente social”*.

*“Também comecei como empregada doméstica por não ter opção. Só depois de um certo tempo fui vendo que gostava e me adaptei com esse serviço.”*  
Diarista, Salvador

*“Não tive condições de estudar porque comecei já tinha 16 anos, ia para a escola cansada, quando via estava cochilando (estudando foi no Mobral). Mas eu queria ter outra profissão, que me valoriza mais, que tivesse direito ao meu tempo de serviço, ao meu serviço recolhido, mas só que eu não tive condições.”*  
*Diarista, Salvador*

*“Por falta de estudo... porque eu não gostava de estudar, gosto mesmo é de lavar, passar e cozinhar.”*  
*Mensalista, São Paulo*

Outras trabalhadoras referiram-se à falta de opção devido a condições específicas do mercado de trabalho, relatando diferentes situações:

- dificuldade de se colocar por falta de vagas;
- a perda de trabalho em outro setor e a dificuldade de recolocar-se no mesmo trabalho;
- saída do mercado de trabalho por gravidez ou filhos pequenos e dificuldade de recolocar-se na volta;
- gravidez ou filhos pequenos e inexistência de creches;

A decisão de permanecer nesta ocupação deve-se a muitos fatores: muitas diaristas mencionaram que o salário como diarista é maior que em muitas empresas ou que o fato de não trabalhar todos os dias permite cuidar dos filhos e da família.

Mas, coerente com a realidade, nos grupos focais também ocorreram os relatos dramáticos das meninas trazidas para as cidades para morar nas casas dos patrões e “ajudar” em troca de seu sustento. Esse fato marca suas trajetórias e, além de todas as outras consequências, reduz as possibilidades de futuro para essas meninas. Em suas próprias palavras:

*“Me levaram para a casa com 7 anos de idade e não foi isso que eu esperava, sofri muito, apanhei muito e fiquei durante 15 anos nesse sofrimento. (...)Ela não teve o bom senso de me colocar para estudar, só muito tarde. Meu sonho era ser assistente social.”*  
*Diarista, Salvador*

*“Me trouxeram para trabalhar aqui em Salvador com 12 anos com falsas propostas e estou hoje como doméstica, agora com uma consciência mais ampla.”*  
*Diarista, Salvador*

*“(...) Aí ela mandou que meu pai escolhesse entre eu e ela, meu pai escolheu ela, eu tive que me jogar aqui pra Salvador, ele pegou, me levou pra arrumar emprego pra mim numa casa grande. Eu vim trabalhar [inaudível], não conhecia ninguém, eu só tinha 12 anos e aí foi a pior coisa que aconteceu na minha vida porque eu acordava 3h00 da manhã pra [catar o lixo] e depois eu voltava pra fazer a limpeza da casa, eu lavava, passava, cozinava, foi onde eu fui escravizada, lá me era escravizada muito. Eu ia dormir meia-noite porque*

*tinha que esperar ela dormir, eu só podia dormir depois que a patroa chegasse, aí eu dormia meia-noite, acordava 3h00 da manhã. Quando levantava o céu estava todo estrelado, eu olhava pro céu e chorava.” (choro) Mensalista, Salvador*

### **2.2.3 CONDIÇÕES DE VIDA**

O tema seguinte dos grupos focais dirigiu-se para as condições de vida das trabalhadoras domésticas, buscando conhecer quais eram suas avaliações em relação à moradia, saúde, os serviços públicos como creches, escolas e transportes. Além disso, buscou-se saber também quais eram os arranjos feitos por estas trabalhadoras para conciliar trabalho, vida pessoal e família.

Portanto, neste momento dos grupos focais, o tema colocado para comentários foi:

#### *TEMA II - CONDIÇÕES DE VIDA*

*a) Como você avalia que é a sua vida? (Local onde mora, tipo de moradia, acesso a serviços: hospitais, creches e escolas, transporte etc.)*

*b) Como faz para cuidar da casa e da família?*

O item relacionado à avaliação das condições de vida foi debatido com intensidade em São Paulo.

Em primeiro lugar, surge a constatação do quanto as trabalhadoras buscam ressaltar os aspectos positivos de seus locais de moradia, ainda que estes apresentem muitos problemas, como termina por ser mencionado depois. Os bairros e cercanias são elogiados em termos de progresso em comparação com tempos anteriores e pela disponibilidade de serviços públicos como transporte, hospitais e escolas, além de estabelecimentos comerciais.

O momento seguinte revela outras dimensões dessa questão. Na saúde, os hospitais públicos repetem em todos os lugares os mesmos problemas de falta de vagas, demora para a marcação de exames e consultas e mau atendimento aos pacientes. Surge o problema dos transportes – às vezes poucas linhas, sempre lotados. E a baixa cobertura das creches e pré-escolas torna-se evidente: não há instituições em número suficiente para atender à demanda de seus bairros, as crianças permanecem muito tempo à espera de uma vaga. Surge, em seguida, o problema da segurança, levantado principalmente, mas não de modo exclusivo, em relação às drogas e à proximidade forçada com pessoas relacionadas ao crime.

Muitas trabalhadoras referem-se às suas casas: há aquelas que contam com casas que consideram satisfatórias e algumas são próprias. Muitas porém, referem-se à casas de aluguel ou que são pequenas para acomodar a família e/ou estão em más condições.

O relato de suas estratégias de conciliação entre trabalho, família e vida pessoal, como o esperado, mostra um sem número de arranjos precários, fortemente baseados na capacidade

de trabalho da mulher e praticamente sem a presença dos equipamentos públicos. O tema foi discutido com bastante ênfase em todos os grupos, a exceção do grupo das trabalhadoras domésticas mensalistas de São Paulo, onde o tema das condições de vida ocupou grande parte das atenções.

A realização das tarefas domésticas mantém-se, fundamentalmente, como encargo e responsabilidade das mulheres. Há poucos relatos em que alguma forma de divisão dos afazeres doméstico aparece e refere-se muito mais à realização de tarefas específicas por parte dos homens ou filhos e mesmo filhas. Não há relato que faça menção ou descreva a ocorrência de um cuidado dos afazeres domésticos verdadeiramente compartilhado. A formulação mais positiva, neste aspecto, diz respeito a uma espécie de troca entre mulheres que trabalham fora e ajudam no orçamento e homens que, por isso, fazem também certas tarefas domésticas. Outras vezes, os homens passam a ter um papel mais ativo nos afazeres domésticos quando os filhos já se foram e permanece no domicílio somente o casal. Muitas vezes, as mulheres referiram-se de forma elogiosa às habilidades de maridos ou filhos nestes afazeres.

*“Quando meus filhos eram pequenos, na época que comecei a trabalhar, o mais velho olhava os menores, porque eu não podia pagar ninguém. Agora é só eu e meu esposo e a gente divide as tarefas. Eu sempre procuro tirar um dia de folga para tratar dos problemas pessoais, da casa, bancário, alguma coisa que tem que resolver”. Diarista, São Paulo*

*“É, no caso que nem cada uma falou, do caso do seu marido, o meu também ajuda muito em casa pelo fato de eu ajudá-lo também fora, então a gente divide o serviço até em casa.” Diarista, São Paulo.*

Há vários relatos que contam como são criados e reforçados os papéis tradicionais de gênero e como se comportam os membros da família em relação a estes papéis.

*“Meu marido trabalha à noite, então fica com as crianças durante o dia. Eu chegando quem fica sou eu. As coisas da casa tem dia de eu chegar fazendo as coisas, que nem as meninas nem meu marido fazem nada, ninguém gosta de pegar na vassoura.” Diarista, São Paulo*

*(...) e quando chego em casa outro processo, lavar, passar, cozinhar e cuidar do marido, marido trabalha uma vez sim, outra vez não, eu faço comida, ele leva comida pro trabalho, quando ele folga ele fica em casa, deixo ele com ela e aí eu faço as coisas em casa, mas quando ele não está é aquela correria. Diarista, Salvador*

*“E quando em casa, meu marido não ajuda nada, então eu trabalho lá fora e chego em casa, cuidar de criança e tudo só eu mesmo.” Diarista, São Paulo*

*“Desde pequenininho a mãe se dedica ensinar pra filha. O filho não. Eu cresci assim. A minha irmã mais velha, que é a minha irmã Silvana, ela sempre fez tudo em casa, nunca deixava a gente fazer nada tanto que eu cresci, eu não sou uma boa dona de casa por causa dela, ela fazia tudo, ela só dava a geladeira pra eu fazer.”* Diarista, São Paulo

*“Esse negócio de ajudar no serviço em casa, meu marido é todo atrapalhado, se precisar esquentar uma comida ele fica nervoso e nada sai, negócio de casa é comigo mesmo, não tem outro jeito.”* Diarista, São Paulo

Para realizar as tarefas, as mulheres trabalhadoras relatam o seu próprio trabalho – não há modificações na dupla jornada. Assim, lavam, passam, limpam, cozinham, depois da jornada de trabalho fora de casa, nos seus dias livres ou nos finais de semana, muitas vezes em todos estes intervalos de tempo entre as jornadas remuneradas.

*“Quando é de manhã, eu acordo 5h00 da manhã. Das 5 até as 7 eu lavo as roupas, lavo louça, limpo casa, aí vou pro trabalho. Quando eu retorno, eu tenho que fazer tudo de novo e sempre naquele mesmo horário, ninguém nunca me viu dormir antes das 11 porque antes de dormir eu tenho que deixar tudo pronto...”* Mensalista, Salvador

*“Sempre folgo um dia para fazer faxina na minha casa. Final de semana lavo e passo.”* Diarista, São Paulo

Os serviços de apoio com que contam são as mães, pessoas conhecidas (em geral, outras mulheres), o marido ou os irmãos e irmãs maiores para o cuidado dos filhos pequenos nos períodos fora da escola e antes da idade escolar. Uma das trabalhadoras contou como sua patroa tomou conta de seu filho por razões afetivas, no único relato do tipo entre todos os coletados. A falta de creches é perceptível nos relatos por sua ausência como alternativa ou pelo tempo contado que algumas crianças das trabalhadoras presentes aos grupos focais puderam frequentar. Há ainda as quem não têm com quem contar, como relatou uma trabalhadora diarista de Salvador:

*“O meu quem cuidava era Deus, eu deixava ele em casa sozinho.”*

*“Tenho duas filhas que ficam com minha mãe”. Diarista, São Paulo*

*“Eu tenho um filho, ele já tem 26 anos (...) então minha mãe foi quem criou, ficou morando no interior e eu moro aqui no emprego mesmo, eu não tenho casa pra cuidar. (...) de pequeno, quando ele tinha três anos também botei ele no colégio, já vinha de casa, trazia e deixava no colégio, quando era meio-dia ia buscar, ficava no trabalho, quando era de tarde a gente ia pra casa, criou*

*por aqui mesmo, estudou aqui. Quando chegava em casa, aí eu ia lavar, cozinhar, janta tudo isso e até hoje.” Mensalista, Salvador*

*“Nos dias que eu saio para trabalhar, os meninos vão para a escola e o maior cuida do outro até eu chegar.(...) Quando não, corro na casa da patroa, a gente corre em casa tanto com os filhos como com o marido, com o serviço doméstico.” Diarista, São Paulo*

*“Eu levo na escola o pai pega. Mas médico e reunião na escola eu faço questão. Eu que faço tudo. O menino deixo com a minha comadre, eu pago para ela porque sei que ela é de confiança.” Diarista, São Paulo*

*“Quando eu comecei a trabalhar, como eu disse, eu tive o meu filho com 25 anos, eu comecei com esse processo (...) porque eu tive ele na casa da patroa, então eu dei a sorte de que ele era o filho homem e ela não tinha filho homem e o sonho dela era ter filho homem, ela tinha duas meninas. Aí quando ela foi me pegar no hospital, ela disse – esse é meu filho homem que eu não tive. Então, eu fiquei tranquila porque eu saía de noite pra estudar, ela tomava conta.” Mensalista, Salvador*

*“Eu levantava 6h30 pra pegá-lo, deixava lá creche e pegava 7h00 da noite, ainda pagava um pouquinho a mais por causa do horário que era até as 5h00. E nisso ficou três anos na creche. Quando estava com três anos já falava, aí deixei com a vizinha. Além do meu salário ser pequenininho eu ainda tinha que pagar, pagar não, dava uma contribuição a uma vizinha lá que se apaixonou pelo negão, como ele era um tourão – quer ficar, fique. Eu trabalhava, mas era aquela coisa, chegava em casa 6h00, 7h00 da noite, tive também que parar de estudar comecei a pouco tempo devido ao cansaço do trabalho e a gravidez, aí fiquei quase 15 anos sem estudar, retornei agora há pouco tempo.” Mensalista, Salvador*

Alguns relatos mostram situações com menor carga de trabalho ou com outras possibilidades de organização do tempo e/ou das tarefas, mas também nestas circunstâncias a responsabilidade permanece com as mulheres.

*“Só tenho um dia e se aparecer mais eu vou (trabalhar). Não tem problema, eu consigo me organizar.” Diarista, São Paulo*

*“Eu tenho horário flexível, então vou lá em casa ver como estão as coisas.” Mensalista, São Paulo*

*“Hoje eu tenho um filho de 31 anos, ele viajava pra fazer trabalho fora. Aí fim de semana que eu estou em casa faço a comida, boto no congelador, arrumo a*

*casa, deixo tudo limpo, deixo tudo prontinho pra ele e vou pro trabalho, fico a semana toda.” Mensalista, Salvador*

*“Eu moro sozinha, eu faço as minhas coisas [à noite] (...) às vezes eu chego em casa, já faço tudo aquilo de noite pra no outro dia estar bem descansada. [Minha irmã] Ela ajuda.” Diarista, Salvador*

As trabalhadoras domésticas que estavam nos grupos focais apresentaram, assim, um relato de condições de vida e de divisão das tarefas domésticas em suas próprias casas com muitos graus de precariedade, donde transparecem a permanência dos papéis tradicionais de gênero na divisão do trabalho no lar e as inúmeras carências em termos de serviços e bens públicos acessíveis para estas mulheres. Relatam um cotidiano em que a determinação e a força de vontade são imprescindíveis:

*“...quando eu chegava do meu trabalho, tinha que chegar em casa, dar conta do meu serviço, lavar fralda porque ela não lavava – a roupinha dele você põe num saquinho, deixa aí que quando eu chegar à noite eu ajeito, - já deixava os baldes de sabão, fazia todo o processo à noite para de manhã ir para a casa do patrão. Eu me virava. Não sei onde a gente arruma tanta força.” Diarista, Salvador.*

#### **2.2.4 CONDIÇÕES DE TRABALHO**

No tema relativo às condições de trabalho, o roteiro de questões tratava ou sugeria alguns grandes temas, que serão apresentados em uma organização ligeiramente diferente da proposta nos grupos focais, devido a sua importância intrínseca ou devido à importância que certos relatos ganharam durante a realização dos grupos.

As discussões sobre os sindicatos de trabalhadoras domésticas serão apresentadas no item 2.4.5 – A organização sindical, em razão de sua especificidade.

Nos grupos, foram colocados seguintes itens:

*a) Que tipo de coisa poderia melhorar o seu trabalho? (salário, jornada de trabalho, benefícios, tipo de tratamento dado pelas empregadoras, possibilidade de fazer cursos, tempo de deslocamento para o trabalho (transporte), forma de contratação, descanso (final de semana). Explicitar o tema da contratação com carteira, o que cada trabalhadora acha de ter carteira de trabalho assinada.*

*b) Somente para as diaristas: por que você escolheu ser diarista? Há vantagem em ser diarista ao invés de ser mensalista? Destacar o que vê de vantagem e desvantagem.*

*c) Somente para as mensalistas: por que você escolheu ser mensalista? Há vantagem em ser mensalista ao invés de ser diarista? Destacar o que vê de vantagem e desvantagem.*

A reflexão que as trabalhadoras domésticas trouxeram aos grupos focais em relação às suas condições de trabalho abarcam duas dimensões-chave da situação das trabalhadoras domésticas no Brasil e no mundo. Apontaram que seus direitos no trabalho são diferenciados em relação ao conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras e que, mesmo assim, não são respeitados. Apontaram graves problemas em relação a esses direitos, às suas condições precárias de trabalho nos domicílios em termos de saúde e segurança, à remuneração, à jornada de trabalho. Referiram-se, também, com ênfase e com grande riqueza de detalhes, em todos os quatro grupos, às questões relacionadas ao assédio moral e sexual. O tema das relações no local de trabalho aparece permeado pela somatória dos problemas anteriores e pela desvalorização desta ocupação, como se viu no item anterior.

Desta forma, as trabalhadoras domésticas reivindicam tratamento digno e direitos iguais a todos os outros:

*“Eu acho que todo mundo trabalha igual, então porque uma pessoa que trabalha assim, vamos dizer em casa de família ou trabalho em empresa é tudo trabalho, tinha que ter o mesmo direito para todos, carteira de trabalho assinada, seguro-desemprego, o fundo de garantia que a gente trabalha do mesmo jeito que eles trabalham.” Diarista, São Paulo*

#### **CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA PELO EMPREGADOR**

O reconhecimento formal do vínculo de trabalho é uma demanda clara por parte das trabalhadoras domésticas e, especialmente, as diaristas referiram-se a ela, nas duas cidades.

*“Eu acho que eu comecei no primeiro tema já falando um pouco disso. Todos os direitos são atribuídos só a um empregado de uma empresa. Então, eu gostaria que na nossa profissão, acho que todas aqui seriam unânimes comigo, ter todos esses direitos.” Mensalista, São Paulo*

*“Eu acho que deveria ter carteira assinada, por que não? Por exemplo, trabalho há três anos numa casa, só porque eu sou diarista [não tenho direito]? Eu acho que eu deveria sim ter minha carteira assinada como outro trabalhador normal (...) porque a partir do momento em que eu trabalho 3 ou 6 meses naquela casa, por que a minha carteira não ser assinada?” Diarista, Salvador*

*“... tanto pra mensalista quanto pra diarista. E também a diarista elas têm direito a ter carteira assinada.” Diarista, Salvador*

Mesmo reconhecendo seu direito, as trabalhadoras relatam dificuldades e temores em relação a seu exercício. Do ponto de vista das diaristas, havia um terreno cinzento sobre a necessidade ou não, em termos legais, de assinar a carteira de trabalho. Conforme já

mencionado na Introdução deste relatório, ainda que viesse ganhando terreno a tese de que o trabalho contínuo em uma residência, mesmo que somente em alguns dias da semana configurava uma relação de trabalho, esta visão foi derrotada no Supremo Tribunal do Trabalho em agosto de 2010.

As trabalhadoras, tanto mensalistas quanto diaristas, relatam pressões por parte das empregadoras e também ecos dos debates nacionais (e internacionais) sobre os custos do trabalho.

*“Eu sou diarista. Um dia na semana que eu vou mais é, ela disse que é porque não pode, () devia ter um carimbo, mas não pode...” Diarista, Salvador*

*“... (...) quando eu falei de assinar minha carteira eu disse – eu tenho direito. – aí meu coração, se você falar mais um pouco eu vou ter um enfarte.” Diarista, Salvador*

*“...se eu sou contratada, se de repente a minha patroa, ou o meu patrão assina a minha carteira de trabalho eu passo a ter acesso a alguns benefícios será que ela não vai querer me demitir porque eu vou passar a ter um custo mais alto para ela e aí ela não vai querer me empregar mais? A gente tem que pensar essa é uma responsabilidade sua ou essa é responsabilidade da pessoa que esta te contratando? Um trabalhador de uma empresa metalúrgica quando ele é contratado ele é obrigado a assinar a carteira, garantir aqueles benefícios para aquele trabalhador e a responsabilidade é de quem está contratando, é do dono daquela metalúrgica, não é daqueles 200, 500, 600 trabalhadores, então vamos pensar nisso.” Diarista, São Paulo*

## **SALÁRIOS**

A questão salarial é mencionada nos quatro grupos, espontaneamente, e possui muitas particularidades que são específicas desta categoria profissional.

As trabalhadoras domésticas que participaram da atividade tanto em Salvador como em São Paulo falaram sobre o baixo nível de seus salários e a desigualdade em relação às outras categorias. Há uma clara noção que relaciona a má remuneração à desvalorização deste trabalho. De outra parte, o salário mínimo é uma forte referência nesta área, tanto para mensalistas como para diaristas, demonstrando a importância da sua fixação em patamares condizentes com as necessidades de trabalhadoras e trabalhadores.

No caso das remunerações mensais, discute-se também não somente os requisitos cada vez maiores para o exercício do trabalho, como as novas tecnologias presentes nos aparelhos eletrônicos, eletrodomésticos etc, como o acréscimo de tarefas de cuidado de crianças e idosos, por exemplo que requerem preparo técnico, emocional e físico.

*“O único problema que a gente está descontente é da desigualdade de salário que eu acho que isso aí, a desigualdade de salário, devia ser uma lei, já devia ter sido obrigatório já no país por muitos anos.” Mensalista, São Paulo*

*“E outra coisa, é o salário, no meu trabalho mesmo, um salário é pouco, eu tomo conta de uma pessoa de 90 anos, ganho um salário e trabalho até 11h00 da noite e não posso nem ir ao banheiro porque ela já está me gritando, e de sábado se eu pudesse não ia ficar com ela.” Mensalista, Salvador*

Para as diaristas, o estabelecimento do pagamento por dia é uma definição árdua, pois está relacionado com a quantidade de trabalho em cada residência, com a jornada necessária para sua realização, com o pagamento do transporte até o trabalho e com a sua expectativa e/ou necessidade de remuneração mensal. Além disso, depende da negociação com a empregadora ou o empregador.

No entanto, há relatos da extensão dos mesmos benefícios dados às trabalhadoras mensalistas como 13<sup>o</sup>., por exemplo, o que configura uma prática positiva por parte das empregadoras.

*“O salário mínimo ele é de (...), se eu faço uma faxina, faço por 30, faço por 35. Tem que ter o valor pra gente exigir. Se não for por tanto eu não faço, sem saber o valor total. Muitas faz porque está precisando mesmo, essa faxina aquele dia vou ganhar 20, 30 reais, ela não tem o valor. Eu acho que seria muito importante o dia é tanto. Aí a gente também cobrar deles. Ser tabelado aquele dia.” Diarista, Salvador*

*“O valor que a gente tem que fazer em toda casa, acho que pra mim é pouco, a gente chega lá deixa tudo arrumado, bate uma carne, as vezes isso não é certo, a gente faz coisa a mais pro mês todo. Meu ponto de vista acho que tem que dar mais um pouco e ver o direito da diarista.” Diarista, Salvador*

*“Como a amiga falou que a casa da patroa dela é grande, mas tem uma coisa, você tem que conhecer a casa que você vai trabalhar pra você saber cobrar o trabalho que você vai fazer. Eu cobro o meu trabalho e cobro a condução por fora, eu não incluo a condução.” Diarista, São Paulo*

*“Nas demais coisas eu tive muita sorte nesse caso porque onde eu trabalho da maioria eu tenho 13<sup>o</sup> integral ou 50% do mês, então eu não tenho que me queixar nos que eu trabalho, mas tem diarista que não tem direito nenhum em nada, só o trabalho daquele dia e acabou.” Diarista, São Paulo*

**PREVIDÊNCIA SOCIAL**

A inserção na Previdência Social pública está diretamente relacionada ao registro em carteira ou ao pagamento da contribuição como trabalhadoras autônomas. Assim, as trabalhadoras sem registro em carteira dificilmente recolhem suas contribuições ao INSS e o nível de contribuição independente, que poderia se aplicar ao caso das diaristas, por exemplo, é baixo.

Muitos fatores respondem por essa situação, que vão desde a ausência do vínculo formal de trabalho, o desconhecimento da legislação, o descumprimento da norma legal e, no caso das trabalhadoras domésticas, falta de recursos para seu pagamento ou para manter a constância do recolhimento.

As trabalhadoras foram muito incisivas ao relatar os casos de não recolhimento da contribuição previdenciária por parte das empregadoras.

*“É você na hora que você vai acertar é você dizer: - olha a minha carteira, a senhora paga o meu INSS. Se ela disser que ela paga, tem que cobrar dela e ver também. Eu conheço uma colega que trabalhou anos e anos, ela completou 60 anos e estava sendo descontado do salário dela o INSS e quando ela chegou lá não tinha nada.” Diarista, Salvador*

*“Então assim como a patroa fiscaliza a gente, a gente tem que fiscalizar o patrão. A minha patroa não preciso fiscalizar, ela me dá o dinheiro pra eu pagar o meu INSS, ela falava: - seu INSS está pago? Eu digo. – tá. Pega o carnê pra eu ver. E eu levava. Ela olhava. Tá tudo certinho.” Diarista, Salvador*

**FGTS E SEGURO DESEMPREGO**

Para as trabalhadoras domésticas, está em pauta a ampliação de seus direitos, entre eles, a obrigatoriedade do pagamento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, hoje opcional, e seu consequente acesso ao recebimento do seguro-desemprego.

As trabalhadoras das duas cidades referiram-se ao tema, e especialmente as trabalhadoras baianas, em Salvador, onde estava a maioria de trabalhadoras sindicalizadas dentre as pessoas que participaram dos grupos, o que demonstra como o papel do Sindicato nesta discussão tem sido importante.

*“O sindicato está trabalhando na construção de que o FGTS seja obrigatório. Eu não gostei quando eu soube que foi lá pra Brasília e de que isso não foi assinado e que deixou pra ficar se os patrões quisessem. Então, não deveria ser por quê? Porque nós não temos também o direito de ficar desempregada receber o seguro-desemprego, que não fosse de seis meses, mas que fosse pelo*

*menos de dois a três meses. Então, nós não temos esses direitos porque se é um trabalho igual a outro? Será (que porque é) doméstica? “Diarista, Salvador*

*“Outra coisa que eu acho que é importante na vida dos empregados porque não temos aquela segurança de ter o seguro-desemprego, nós não temos o seguro-desemprego, nós não temos direito nenhum.” Diarista, Salvador*

*“O seguro-desemprego, se a gente ficar desempregada pelo menos tem o seguro-desemprego que nunca sai.” Mensalista, Salvador*

*“Nós não temos o seguro-desemprego, (...) deu na televisão quem trabalhou de carteira assinada tem direito, a trabalhadora doméstica mesmo que tenha a carteira assinada não tem mesmo, mesmo ela recolhendo o fundo de garantia ela também continua não tendo direito ao PIS que é um rendimento de empresas.” Mensalista, Salvador*

### **SAÚDE, ACIDENTES E DOENÇAS DO TRABALHO**

Os domicílios são o local onde ocorrem alguns dos piores acidentes com as pessoas e para as trabalhadoras domésticas não é diferente. Elas estão expostas a várias situações de risco cotidianamente e a desproteção social que caracteriza esta ocupação as torna ainda mais vulneráveis às consequências adversas de acidentes ou doenças do trabalho.

As trabalhadoras se referiram, com muita preocupação, aos riscos de um acidente ou de uma doença, pela incompreensão que os cerca e pelo fato de não terem uma proteção específica pela perda da saúde ou dos rendimentos, como é especialmente, mas não apenas, o caso da diaristas.

*“(...) é um trabalho onde a gente corre risco de pegar doenças porque a gente usa esses produtos químicos. Por duas vezes eu já fiz faxina numa casa e que eu disse ao patrão – se vocês comprarem de novo essa cera, eu não vou usar porque está me prejudicando, eu tenho que passar a cera com luvas...” Diarista, Salvador*

*“Uma coisa que eu acho um absurdo dos patrões é que eles acham que a empregada doméstica nunca cai doente, a gente nem é (de) ferro porque ferro ele com o tempo ele se parte, acho que bronze. Eu digo por mim mesma: eu tenho tanto tempo nessa casa e eu tive um sério problema da saúde, mas ela não enxergava – eu não posso vir – então você arrume alguém que bote no seu lugar porque eu não posso ficar só. Eu disse para ela, não é minha obrigação.” Diarista, Salvador*

*“Desde que não influísse naquilo que eu preciso ganhar diariamente sou totalmente a favor de que tivesse todos os direitos, essencialmente o de saúde porque uma diarista fica enferma mediante tantos produtos que ela mexe, com*

*o seu dia a dia vai e volta também é cansativo e você tem que fazer tudo num dia só, mexe sim com a saúde (...) Diarista, São Paulo*

*“Mas se de repente não é fichado, não tem nada, nenhum direito, quando a pessoa tem direito e se machuca no serviço você tem direito o médico que dá [um atestado de saúde] para você, (...) já a doméstica que faz faxina não tem. A gente se machucou acabou, já era...” Diarista, São Paulo*

## **JORNADA DE TRABALHO**

As jornadas de trabalho são um tema constante, uma vez que não há clareza sobre este ponto e também porque o trabalho doméstico continua a ser visto como uma relação que não é profissional. Entre os pontos negativos de sua profissão, o tema da jornada esteve entre os mais sensíveis, como se constatou no item anterior. Para as trabalhadoras diaristas e para as mensalistas que retornam a seus lares todos os dias, os problemas referem-se às demandas por trabalho excedente ou por permanência no local de trabalho além do horário ou nos fins de semana. Ademais, as trabalhadoras quase não se referem a compensações ou pagamentos de horas extraordinárias.

Para as que residem nos domicílios, os limites entre o tempo de trabalho e o tempo de repouso são praticamente invisíveis.

Alem disso, o trabalho doméstico usualmente, em todas as modalidades, é feito sem as pausas para descanso ou almoço que são praticadas nas outras categorias profissionais.

*“Meu problema de trabalho é que eu gostaria de não trabalhar aos sábados porque só o domingo pra nós é não dar descanso não tá fácil a gente cuidar da nossa casa e o descanso?” Mensalista, Salvador*

*“...a gente fica até mais tarde no serviço, eles não pagam hora extra, que nem meu patrão também falou que doméstica não tem direito a hora extra. A gente só pode ficar até mais tarde, mas direito a hora extra, a gente não tem direito, então isso eu não gosto.” Mensalista, São Paulo*

*“No caso, eu pego lá 6 da noite e largo 6 da manhã. Ela me paga 60 reais. Isso o sábado e domingo. Aí tenho um colega que fica durante a semana, então ela paga o salário mínimo. Mas tem aquela coisa, tem que ser tudo programado. No meu caso sábado e domingo não posso nem fazer outros compromissos porque já sei que fechei com eles lá. Aí claro que como foi colocado aqui o horário. Meu horário lá é 6 da noite, e na verdade eu teria que sair às 6 da manhã. Ai chega 2, 3 horas da tarde ligam lá porque o carro quebrou, porque a outra empregada não veio. E aí, como é que fica a situação? Então pra que me dê uma posição melhor eu já perdi a noite, entrei as 6 da*

*noite vou sair amanhã, não tem condições de ficar até 3, 4 horas da tarde. E meu psicológico como é que vai ficar? E a saúde?” Diarista, Salvador*

*(..) sai de lá perdendo muito, porque não recebi as horas extras que trabalhei.” Mensalista, São Paulo*

*“ (...) você não senta pra fazer seu horário de almoço, a trabalhadora doméstica não tem direito pelo menos de uma hora pra sentar pra dizer – eu vou sentar e descansar. Então, se você vai botar essa hora de almoço, multiplicar por 365 você tem muito mais do que um dia de domingo pra folgar. Eu gostaria que essa parte aí também fosse frisada, da gente ter o direito respeitado normal como todo trabalhador em relação a sua carga horária de trabalho.” Mensalista, Salvador*

## **RELAÇÕES DE TRABALHO**

As relações entre as trabalhadoras e suas empregadoras (e, muito raramente, empregadores) foram mencionadas nos debates relativos a quase todas as questões do roteiro dos grupos focais e, em alguns grupos, o tema foi colocado pela mediadora.

A relação no trabalho doméstico ocorre em um espaço específico, que é o da vida privada dos empregadores ou seja, sua residência, mas que é também o espaço de trabalho dessas mulheres ocupadas no serviço doméstico. As longas jornadas e a convivência neste espaço dificultam a separação entre trabalho e vida privada para ambas.

Ainda, este espaço de trabalho é permeado pelo exercício de micropoderes por parte dos empregadores, inspirados tanto nas diferenças de classe como nos ecos de antigas relações de servidão ou da escravatura.

De sua parte, as trabalhadoras utilizam estratégias de resistência e de autoproteção e valem-se da dependência das empregadoras em relação ao seu trabalho.

As questões afetivas têm um lugar frequente nestas relações – de ambas as partes. As trabalhadoras afirmam gostar de seus patrões, em algumas ocasiões; mas algumas ressaltam a falta de confiança que neles depositam. Muitas vezes relataram o afeto pelas crianças das casas, cuidadas por elas, por exemplo, e que lhes retribuíram o sentimento. Em relação às empregadoras, contam como estas falam de amizade ou mesmo de parentesco com as trabalhadoras domésticas.

Mas há também menções a relações mais equilibradas, sem grandes conflitos ou abusos.

*“Há patroas boas e patroas ruins.” Diarista, Salvador*

*“Dessa casa que eu fiquei 15 anos, depois dessa minha vida, abro e aí passei a ter até as patroas como umas verdadeiras amigas, mas assim amigas entre aspas, sempre com um olho aberto e outro fechado para elas. Eu falo assim*

*amigas porque eu tive momentos da minha vida que eu precisei muito, eu por pouco não embarco então elas se juntaram, como se conheciam [porque eram da mesma família] elas se uniram para ver meu problema de saúde com três filhos pequenos e aí foram cuidar, ver o médico...” Diarista, Salvador*

*“(...) trabalho nessa [casa] já há 14 anos, não tenho problema nenhum com ela, diz ela que nós somos parentes, mas eu fico no meu lugar por esse negócio de parentesco não existe, é coisa que ela fica botando na cabeça da gente, mas patrão é patrão, empregado é empregado, é só isso que eu tenho que dizer.” Diarista, Salvador*

*“As minhas patroas, todas elas a que eu trabalho há mais tempo é 20 anos e as demais são 15 anos, 18 anos então não tenho assim uma distância muito curta delas. Então eu já faço parte praticamente da família como elas também da minha convivência familiar.” Diarista, São Paulo*

*“E (tem algum) preconceito da patroa, de vez em quando ela tem o estresse dela, mas a gente com jeitinho aí domina aquele estresse dela e procura conversar de uma forma que ela entenda e ela vai entender. Então, eu não tenho o que dizer, eu não passei assim muitas coisas de patrão chegar e me chamar a atenção.” Diarista, Salvador*

*“Eu trabalhei numa casa, eu entrava pela porta do fundo, tinha uma portinha que a gente entrava, aí a patroa dizia assim – você não pode se arrumar aqui dentro.(...) Na hora que você tiver saindo você bota a sua roupa, assim que você chegar você vai direto para o banheiro e tire essa roupa, não use batom, maquiagem, nada disso. (...) Se tivesse uma festa dos meninos, das crianças, aí às vezes eu tinha que ir, eles me botavam um vestido. Eu odiava aquele vestido, tinha dia que eu chorava de raiva, aquele vestido feio, horroroso, com um bolsão na frente. Eu tinha que ficar a festa inteira com aquele vestido e também não podia circular, eu só ficava na parte da cozinha ou então ir até a porta para entregar alguma coisa, eu me sentia muito humilhada com aquilo, eu achava que era uma humilhação total.” Mensalista, Salvador.*

*“Eu trabalhei em uma casa que tinha um bocado daqueles biscuit, aqueles enfeites. Aí, na arrumação, limpando, eu nunca conseguia botar no mesmo lugar, e quando eu arrumava e botava em outro lugar, quando a patroa chegava e olhava, ela já vinha brigando já – porque você tirou daqui, eu quero isso aqui. Mas, era uma coisa que eu não conseguia, (...) nem ficar muito tempo naquela casa porque eu achava que era implicância que ela tinha comigo porque não tinha como eu limpar uma coisa e botar aquilo no mesmo lugar (...) toda vez que eu limpava, mesmo que eu afastasse um pouquinho de nada, ela*

*olhava, ela ficava assim olhando prá ver se estava do mesmo jeito...”*  
*Mensalista, Salvador*

*“A minha relação com os patrões é ótima, assim ótima dentro da normalidade, não tem discriminação, respeita os direitos.”* Mensalista, Salvador

*“Só que minha mãe teve um problema em uma casa que ela trabalhou, ela ficou lá dois anos e durante esses dois anos a mulher revistava a bolsa dela todos os dias. Eu acho o cúmulo. Eu nunca ficaria lá, Deus me livre.”* Diarista, São Paulo.

### **ASSÉDIO MORAL E SEXUAL**

O assédio às trabalhadoras domésticas é um tema presente em todas as discussões sobre esta categoria. Nas suas duas formas, moral e sexual, é uma ocorrência constante para estas mulheres e tem relação direta com os preconceitos raciais e de gênero que persistem na sociedade e que se revelam especialmente intensos em relação a estas trabalhadoras.

Nos grupos focais realizados nesta pesquisa, foram relatadas situações em que o trabalho é realizado em condições de respeito e bom relacionamento. No entanto, houve uma grande quantidade de casos expostos pelas trabalhadoras domésticas a esse respeito, tanto em fatos relativos à sua experiência de vida como outros relacionados a familiares, amigas ou outras pessoas de suas relações. No grupo focal das trabalhadoras mensalistas de São Paulo e também de Salvador, o relato de algumas experiências desse tipo foi um momento delicado e carregado de emoção.

O assédio moral transparece nas reclamações constantes, nas exigências de realização de trabalho fora da jornada, de permanência nos domicílios durante os fins de semana ou por pressões emocionais.

*“Esse atual emprego que eu estou agora, eu comecei a trabalhar lá, era nova, desde os 15 anos e até hoje eles sempre me respeitaram, o esposo dela sempre me respeitou.”* Mensalista, Salvador

*“ (...) que é a falta de respeito com a trabalhadora doméstica porque acha que somos domésticas, somos ladronas e várias coisas dessa questão de não gostar porque a gente já está saindo da nossa casa pra cuidar de uma outra família, chegamos lá ainda somos maltratadas, somos desrespeitadas, então são vários fatores nesse ponto negativo.”* Diarista, Salvador

*“E aí, eu queria que fosse assim, cada dia que chegasse no trabalho, fizesse suas coisas, sem precisar muito assim, muita exigência porque ele sabe que todo o dia eu estou ali, todo o dia estou fazendo aquilo, não tem o porquê de estar toda hora exigindo da pessoa e também paga pouco e quer exigir muito da pessoa.”* Diarista. Salvador

O assédio sexual mostra-se um fato bastante disseminado, e é possível reconhecer nos relatos das trabalhadoras alguns aspectos típicos e usualmente presentes nestes casos, como o seu exercício preferencial sobre jovens mulheres ou mulheres em situação vulnerável. Em geral, os responsáveis são os homens vivendo no domicílio – cônjuges ou filhos das empregadoras. Algumas diaristas relataram a oferta de dinheiro extra para a obtenção de favores sexuais. A situação mais vulnerável é, certamente, a da trabalhadora que vive no seu local de trabalho, como transpareceu em vários dos relatos.

Alguns relatos foram feitos sob intensa emoção e recebidos com muita solidariedade pelas participantes dos grupos.

*“Eu fiquei lá um tempão, depois meu patrão queria abusar de mim, começou a me perseguir, depois foi o filho dele, queria me bater, até o dia que eu me revoltei, eu puxei a peixeira pra ele... (choro)... Depois voltei de novo aqui pra Salvador, mas já voltei com mais experiência que as pessoas conversavam comigo, em Salvador ficava numa casa, ficava em outra, mas comigo nunca dava muita sorte porque eu era bonitinha e todas as casas que eu ia meu patrão queria se aproveitar de mim. Eu trabalhei em muita casas aqui em Salvador porque eu ficava 6 meses em uma, 7 em outra, 3 em uma, só tudo por causa dos meus patrões.” Mensalista, Salvador*

*“Teve um mesmo que ele me mandou embora, eu gostava do emprego porque só era eu e a filha mais velha da esposa dele, ela era uma ótima pessoa, pra mim, foi a melhor patroa que eu tive. Aí quando foi um dia, ela saiu, e ele ficou me olhando tomar banho, aí ele ficou com medo de eu falar com ela, aí ele me mandou embora. Ela não entendeu porque ele me mandou embora e eu também fiquei com medo de dizer a ela porque foi que ele me mandou embora.” Mensalista, Salvador*

*“Isto já aconteceu comigo, é uma coisa que chateia demais a gente, de ser assediada no local do seu trabalho. E eu dava cada resposta para ele que você nem imagina, eu falava mesmo: - o senhor está sendo muito mal educado. E ele: - que nada, você é gostosa mesmo.” Diarista, São Paulo*

*“E também eu fui trabalhar na casa de uma senhora que ela tinha um filho e ele se drogava e de noite ele ia pra porta do meu quarto. Eu passei a trancar o quarto, de noite eu levava um recipiente pro quarto com medo de sair fora pra ir ao banheiro.” Mensalista, Salvador*

*“Um belo dia, estava deitada, aí o filho dela chegou, entrou no meu quarto e veio me abraçar só que eu não entendia o que é que ele queria, eu estava achando até, eu era tão nova, tão sem malícia que eu não estava tendo noção de porquê ele estava me dando aquele abraço, estava achando até que era*

*como se fosse um irmão meu, aí depois achei aquilo estranho e falei – sai daqui do meu quarto.” Mensalista, Salvador*

*“O primeiro trabalho meu, o marido dela um dia de madrugada ele foi, aí eu vi pela (fresta) a sombra dele, me escondi atrás da cama, aí depois meia-hora depois veio o filho, aí eu tornei a me esconder. Quando foi de manhã, na hora do café, que eu tomava café na mesa com eles minha mãe eu disse – professora Rosa eu não vou mais ficar mais aqui hoje. Ela disse – por quê? Porque seu fulano e o filho foram lá pro meu quarto, e não fiquei mais – não vou dizer (na minha casa) porque meu pai vem aqui matar os dois.” Mensalista, Salvador*

*“Aí ele falou – eu vou te pagar mais um pouquinho pra você ficar um pouco aqui comigo. Eu disse – não, eu ganho o meu trabalho honestamente o valor da faxina...” Diarista, Salvador*

### **PRECONCEITO RACIAL**

O roteiro de questões dos grupos focais não continha questão relacionada à discriminação e ao preconceito racial. No entanto, esse tema apareceu espontaneamente nos grupos, sem questionamento direto ou sugestão por parte da moderadora.

Em Salvador, a questão racial foi mencionada desde o início das discussões dos grupos, já como parte das situações que levam as trabalhadoras a desgostar do trabalho ou de aspectos dele. Nos grupos focais de São Paulo, não houve menção direta ao tema, embora em algumas das falas sobre discriminação e desvalorização o conteúdo racial seja provavelmente o tema referido. Vale lembrar que a maioria das mulheres presentes aos grupos nas duas cidades se declarou como negra (pretas e pardas).

Segundo os relatos das trabalhadoras, o fato de ser negra agrega dificuldades adicionais ao seu cotidiano de vida. A discriminação em relação à ocupação que exercem adiciona problemas e sua conjunção transparece nos episódios de assédio sexual e de atitudes discriminatórias por parte das empregadoras e empregadores e também de estabelecimentos comerciais, por exemplo.

*“Às vezes eu chego lá, eu vim pra trabalhar, não roubar. Às vezes eu vejo que joga 50 num cantinho, num lugar do banheiro, no bolso da calça, as vezes alguma experiência, (), e às vezes, através do sindicato pra me dar coragem e comecei a participar mais, buscar o meu jeito de ser, porque sendo negra, hoje em dia tem o preconceito hoje está destacado o que é branco, e o negro, o que mais (pegam) são as negras.” Mensalista, Salvador*

*“Então, é uma profissão que desde o tempo da senzala que já existe essa coisa do patrão ter um caso com a criatura lá, já a mãe tinha que amamentar o filho da branca, da patroa porque ia deformar o seio dela, então é uma coisa assim,*

*muito arcaica, muito antiga, e que infelizmente nos dias de hoje ainda existe isso, essa coisa do patrão ter que querer abusar da trabalhadora e por quê? Será que se fosse uma enfermeira que fosse trabalhar na casa dele olhando um doente será que ele ia querer abusar?” Mensalista, Salvador*

*“ (...) não é só doméstica, em outros locais, que às vezes, comigo mesma, eu sou negra às vezes enfrento muito preconceito aqui em Salvador. Já entrei em loja, pensam que sou ladrona é muito grande o preconceito, se você está com uma sacolinha plástica (no dia da faxina), uma vez sai com meu sobrinho e o segurança pensou que eu era ladrona, eu falei não sou ladrona, sou apenas uma trabalhadora, cidadã.” Mensalista, Salvador*

*“Ai arrumei para trabalhar (de faxina) numa loja, aí ele falou assim pra mim – gostei muito de você, você é uma moça muito bonita. Tudo bem eu sei que eu sou negra, sou simpática, tudo bem isso agrada, mas eu não aceito.” Mensalista, Salvador*

## **QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL**

A necessidade de qualificar-se para o trabalho e também de aumentar os próprios níveis de escolaridade foi levantada pelas trabalhadoras domésticas nos grupos, tanto a partir da questão sobre as condições de trabalho como sem a necessidade de estímulo.

*“Então eu deixei meus meninos crescer um pouco, agora estou buscando me qualificar, fazer cursos.” Diarista, São Paulo*

Assim, o tema apareceu entremeado a outras discussões, com a relacionada aos serviços públicos disponíveis para as trabalhadoras domésticas, quando então uma das participantes levantou a dificuldade em voltar a frequentar a escola pois não havia disponíveis no seu local de moradia.

*“Escola, por exemplo, muitas não terminaram ainda o ensino médio, tem vontade, quer ir pra escola, quer fazer um curso, tem condição disso? É importante vocês falaram sobre essas questões, às vezes você mora num lugar muito bom só que não tem acesso as coisas que você necessita.” Diarista, São Paulo*

As trabalhadoras reconhecem a necessidade de ampliar sua qualificação para o exercício do trabalho e para estarem preparadas para os novos aparatos e produtos que a tecnologia coloca à disposição dos domicílios e, assim, acompanharem as mudanças sociais. Em uma

das falas, a trabalhadora transmite o seu desejo de sentir-se uma profissional qualificada e receber treinamento como em outras áreas ocupacionais.

*“Mas em primeiro lugar como está mudando muito a sociedade o pensamento das pessoas, tanto que a mulher quer se qualificar e eu concordo da gente procurar se qualificar. Eu não sei se existe curso de qualificação para diaristas (...) eu concordo da gente se qualificar para passar segurança para a pessoa (...) Eu sei passar roupas, mas será que eu sei agradar aquela pessoa que está me contratando? Uma vez eu fui passar aquele lençol que tem elástico eu não soube passar, eu me virei, eu desdobrei, gastei muita energia, mas não consegui passar bem. Quer dizer, é uma coisa que eu tinha que saber, eu falei pra ela que eu sabia passar roupa, mas eu desdobrei, acho que acabei com a energia todinha da mulher pra passar aquele lençol. Poxa vida, será que eu estou qualificada? Será que sei passar roupa bem? Eu sei passar a minha, mas e a dela? É uma coisa que eu tinha que estar preparada, eu vou trabalhar na casa de família, mas será que eu vou agradar?” Diarista, São Paulo*

*“Como tem curso para outras áreas tinha que ter curso pra doméstica também. Eu acho que a gente tem que melhorar cada vez mais para dar o melhor tanto pra pessoa e também pra gente não se prejudicar. Que nem a Edna falou da área da saúde: a coluna, subir escada, descer escada. (...) Eu me importo muito em fazer bem, se eu vou fazer bem eu tenho que aprender, fazer um curso pra me dedicar bem para esse emprego. Diarista, São Paulo*

*“Então a gente não é treinada, não tem um curso, não tem faculdade, não tem treinamento, não tem nada, então às vezes tem alguns tipos de equipamentos, ainda mais agora com a globalização que é o microondas, é a máquina de lavar, é o computador, então a gente não passa por esses treinamentos, você é obrigada a aprender pelo fato de você ser doméstica – você trabalha de doméstica, que doméstica é essa que não sabe fazer nada?” Mensalista, Salvador*

A necessidade de aprimoramento pessoal também se agrega à possibilidade de obter melhorias salariais a partir de um esforço de qualificação.

*“Porque um curso já vem equiparado a gente querer um salário melhor, é a gente querer ter mais direitos que é o que a gente está falando aqui, então seria muito importante se a gente puder fazer cursos porque eu fiz esse e adoraria estar fazendo um de culinária, alguma coisa que aprimorasse mais a minha área e aprender mais algumas coisas.” Mensalista, São Paulo*

**OUTROS PONTOS**

As trabalhadoras que participaram dos grupos focais relacionaram ainda algumas questões importantes em relação às condições de trabalho como é o caso do transporte, pois este tende a ser um custo alto frente aos baixos salários que auferem. Também foi lembrado o tema dos planos de saúde, hoje bastante disseminados enquanto benefício aos trabalhadores e trabalhadoras em empresas (e extensivo às famílias).

Uma das trabalhadoras mencionou o tema dos quartos de empregada, também objeto de preocupação pelas dimensões diminutas e pela má conservação e localização em muitos domicílios.

*“Deveria ter uma carteirinha de passagem que a gente não tivesse que mexer naquele dinheiro que é pouco ainda tem que tirar da passagem.” Diarista, Salvador*

*“Deve ter sim o Fundo de Garantia, deve ter sim o Plano de Saúde, deve ter sim todos os direitos de qualquer outro trabalhador porque pra mim essa profissão é tão importante quanto qualquer uma outra, então todos os direitos que uma tem a outra também deveria ter.” Diarista, São Paulo*

*“Não, tem que ser a empregada que tem um quartinho que é de botar material de limpeza, que é pra ela dormir.” Mensalista, Salvador.*

**TRABALHO COMO MENSALISTA X TRABALHO COMO DIARISTA**

Um dos itens solicitados para manifestação das trabalhadoras estava relacionado às vantagens e desvantagens de cada uma das modalidades de trabalho doméstico. Assim, solicitou-se às trabalhadoras de ambos os grupos que expusessem o porquê de sua escolha e seus pontos positivos e negativos.

Nas avaliações apresentadas nos grupos focais, as trabalhadoras referiram-se a pontos positivos e negativos das duas modalidades.

Para o trabalho como diaristas, o ponto positivo é a possibilidade de contar com pagamento diário, importante para resolver as necessidades do cotidiano, além da possibilidade de ter dias livres para o cuidado dos filhos, da casa e das questões pessoais.

*“Eu entrei também como diarista por ter muitos filhos pequenos, eu tenho seis, e a renda do marido não dava então eu entrei como diarista pra complementar a renda dele.” Diarista, São Paulo*

*“Eu acho certo assim, a facilidade da diarista é isso aí, todo dia tem dinheiro na mão, se trabalha a semana toda, todo o dia tem o seu dinheiro. Se trabalhar por mês, pegou o dinheiro hoje gastou, só vai ter dinheiro daqui a 30 dias, já pensou? Se precisar de um remédio?” Diarista, Salvador*

*“Aí eu escolhi assim porque pra ter sempre o dinheiro toda a semana, todo dia e mesmo também pra ter o meu tempo, como eu já falei aqui e repito, eu preciso de tempo pra mim, como diarista não é necessário que eu ocupe a semana toda, eu tiro dois dias por semana porque esse é um serviço muito puxado, ele requer sempre o nosso corpo físico e como também a saúde, eu preciso cuidar da minha saúde.” Diarista, Salvador*

Os pontos negativos relatados sobre o trabalho como diarista foram a incerteza e a intensidade do trabalho, que exige muito fisicamente da trabalhadora para ser realizado durante todos os dias da semana.

*“...diarista às vezes nem todos os dias, quando a pessoa não tem a semana inteira, nem todos os dias tem serviço só quando pega diretinho. Agora, mensalista não, eu acho que é mais seguro, pra mim é mais seguro.” Mensalista, São Paulo*

*“Eu sinceramente não vejo muita vantagem em ser diarista porque cansa muito, o valor não é bom, trabalha parecendo um burro de carga porque a semana a pessoa se desgasta muito, (...)” Mensalista, Salvador*

O trabalho como mensalista, por sua vez, tem como pontos positivos o maior grau de certeza e, quando são cumpridos, direitos como 13º salário, férias, entre outros. Além disso, pode ser visto como um trabalho mais organizável, na medida em que é possível planejar parte das atividades ao longo dos dias. No entanto, como ressaltam as diaristas, as mensalistas possuem menor espaço para suas vidas privadas e também estão mais sujeitas aos problemas que traz a proximidade com as empregadoras.

*“Eu prefiro mensalista. Agora, como diarista às vezes você ganha mais, como falaram, isso é verdade, você está todo o dia com dinheiro, mas eu prefiro mensal.” Diarista, Salvador*

*“Mas eu já sei o que fazer, eu entro ali, eu sei o que fazer, é o dia-a-dia, é só ali, eu não gosto de muita gente, muitos patrões e muita confusão, variada, então eu acho que mensal pra mim é melhor.” Mensalista, São Paulo*

*“E a mensalista tem direito a férias, a 13º, ganha condução, tudo isso e a diarista não, dependendo do patrão também”. Mensalista, São Paulo*

*“...dependendo da questão do dia que ela [a diarista] tem pra resolver, ela já resolve também com aquele dinheiro mesmo, amanhã ela está sem. E eu acho assim, a gente tem um controle maior sobre o salário da gente quando esse*

*salário vem mensal que a gente mede muito mais o que vai gastar e o que não vai gastar.” Mensalista, São Paulo*

*“Eu trabalho assim de mensalista porque você determina a sua maneira de trabalhar, você divide as suas tarefas e você recebe o seu dinheiro no final do mês, você sabe como dividir ele pra pagar as suas coisas, você não fica preocupada aonde eu vou trabalhar amanhã, você já tem a sua vida pré-estabelecida ali recebendo seu salário e (organizando) o seu trabalho.” Mensalista, Salvador*

### **2.2.5 A ORGANIZAÇÃO SINDICAL**

Para conhecer a opinião e experiências das trabalhadoras domésticas presentes aos grupos focais em relação à organização sindical no item relativo às condições de trabalho foram acrescentados os seguintes temas:

- a) Você conhece o sindicato/federação de trabalhadoras domésticas?*
- b) Acha importante? Participaria?*
- c) O que o sindicato deveria fazer?*

Conforme foi visto na descrição do perfil das trabalhadoras presentes aos grupos focais, o nível de sindicalização era baixo entre as trabalhadoras em São Paulo e alto em Salvador. No entanto, o conjunto das intervenções revela pontos fundamentais sobre a visão, a participação e o papel que as trabalhadoras destinam ao seu sindicato e também mostram as suas dificuldades para a organização.

Há elogios ao trabalho sindical e há críticas. Em um dos grupos, travou-se um debate sobre o quanto o sindicato fazia pela categoria; em outro, sobre a necessidade de participação das trabalhadoras para fortalecer o sindicato. De toda forma, o sindicato revela-se como um espaço importante de conquista política, de direitos e de auto-estima, como testemunharam as trabalhadoras.

Muitas domésticas revelaram não conhecer o sindicato e não tiveram outros comentários a respeito. Algumas, no entanto, conheciam o trabalho sindical através de outras categorias de trabalhadores ou o seu próprio sindicato através de um atendimento pontual, face a uma consulta ou problema específico, como dúvidas de caráter trabalhista. Surge o tema da necessidade de divulgação do trabalho sindical.

*“Na realidade eu não conheço muito não, só sei assim que na folha de pagamento do meu esposo vem lá escrito: taxa sindical. (...)Mas eu acredito no que eu vejo acontecer: é que são pessoas, que são um grupo ali formado, que vão reivindicar os seus direitos para autoridades maiores do que nós, porque se eu chegar lá no prefeito eu não vou conseguir falar com ele nada do que eu*

*gostaria porque ele também não vai me ajudar. Então eu vejo o sindicato como um grupo de pessoas que tem como lutar pelos direitos que eu preciso (...) diante de deputados e senadores onde essas leis podem ser discutidas. Porque é o que a gente fala: uma andorinha não pode fazer verão. Então eu, no caso, se for lutar dentro de uma prefeitura ou do palácio do governo eu não vou conseguir nada, mas se tiver um órgão que possa usar as minhas palavras lá dentro eu acho isso muito favorável pra gente. “Diarista, São Paulo*

*“Eu conheço o sindicato, já estive lá atrás de assistência jurídica, não me associei porque eu estava numa correria danada, mas pretendo. E participaria sim, eu acho que se todo mundo fizer uma forcinha, (...) achar um tempinho pra participar, talvez por telefone, se você for associada, pedir que te passem correspondência das coisas mais importantes, eu acho que se todo mundo fizer isso, o sindicato tem muito a fazer por nós sim.” Mensalista, São Paulo*

Nos grupos focais das duas cidades, discutiu-se o tema da participação no sindicato e do reconhecimento de si mesmas na atuação pública e política em defesa de seus direitos. Ao mesmo tempo, foram lembradas dificuldades e empecilhos para a atuação sindical como a descrença na ação sindical, a falta de tempo para participar, a falta de conhecimento e de participação nas atividades sindicais e nas mobilizações da categoria.

*“Porque a lei é de 2006 e ela deve ter descoberto há pouco tempo que feriado ela tem direito, tem colega minha que trabalha feriado não sabe que o sindicato já conseguiu esse direito. Então, eu acho que o sindicato é muito válido, a luta é grande, mas o que falta mesmo é mais união.” Mensalista, Salvador*

*“Acabou, ponto, fim ali. Porque se você for fazer parte de um negócio desse, você tem que ter tempo, como é que você vai arrumar tempo se você não tem tempo se é das 7 as 7 em alguns casos? Horário de escravos, uma escravidão infernal, não tem horário pra parar. “Mensalista, São Paulo*

*“Só que também eu fiquei sabendo, isso no sindicato das empregadas doméstica. Eu estive lá: tem um dia da empregada no ano que dificilmente alguém sabe que existe o dia da empregada doméstica e nesse dia ela resolveu chamar muitas pessoas, ela fez uma convocação enorme pra fazerem barulho na Praça da Sé, reivindicar tudo isso que nós estamos debatendo aqui e muito mais se pudesse conquistar, mas infelizmente apareceram 17 pessoas.” Mensalista, São Paulo*

*“É como eu falo pras meninas o sindicato não faz nada porque a categoria é uma das mais desunidas, se fosse mais unida a gente já tinha muito direito adquirido.” Mensalista, Salvador*

*“Mas, a gente tem que mostrar a força que a gente tem. Infelizmente as próprias companheiras não acreditam no trabalho do sindicato, é muito importante que se fale isso.” Diarista, Salvador.*

*”Se você não participa, você só vai lá – ah eu vou lá ver as minhas contas. Daqui 10 anos você retorna de novo, olha o que você perdeu, você não está a par do seu sindicato, você não participa de uma reunião, você não participa de uma atividade, então fica difícil porque pra poder hoje a gente estar aqui, quem foi que morreu, pra essas duas profissionais aqui fazendo o trabalho delas?” Diarista, Salvador*

O trabalho sindical é feito com muitas dificuldades e sem recursos. Os sindicatos de trabalhadoras domésticas não possuem as mesmas fontes de arrecadação dos outros sindicatos, como o imposto sindical, por exemplo.

Assim, as trabalhadoras domésticas precisam, elas próprias, além de organizar, também providenciar a manutenção de seus sindicatos através da arrecadação de mensalidades das associadas ou da contribuição de outras entidades, como as centrais sindicais, por exemplo. O trabalho sindical é exercido sem remuneração, na medida em que as dirigentes sindicais não são liberadas do trabalho para o cargo nas entidades representativas de trabalhadores, como ocorre com as outras categorias profissionais.

*“(…) uma boa parte não recebe nada, absolutamente nada, ainda tem que levar a comida delas se ela vai passar o dia todo lá (no sindicato). E aí elas vão arrumar tudo pra poder abrir as 11h00, eu estou dizendo porque eu já estive lá, já fiquei na porta esperando elas pra abrir.” Diarista, Salvador*

*“(…) o sindicato não dá (condução), se eu vou às vezes eu vou a pé, estou lá. Agora, eu estou com um grupo de mulheres num curso, essa semana, levo o trabalho no sindicato.” Diarista, Salvador*

A participação no sindicato e a atuação nas suas atividades têm um significado muito positivo em vários aspectos da vida destas trabalhadoras: na reivindicação de direitos e na negociação com os patrões, para enfrentar o preconceito racial e elevar a auto-estima como mulheres, como negras, como trabalhadoras domésticas e como cidadãs.

*“E às vezes, através do sindicato pra me dar coragem e comecei a participar mais, buscar o meu jeito de ser, porque sendo negra, hoje em dia tem o preconceito; hoje está destacado o que é branco, e o negro.” Mensalista, Salvador*

*“Antes de eu conhecer o sindicato eu era cega e estúpida. O primeiro ano que eu recebi as minhas férias, eu recebi dois salários, o do mês e o das férias, mas*

*os 13% ela não me pagou, eu também não cobrei porque eu não sabia. Depois que eu entrei no sindicato, aí fiquei sabendo dos meus feriados e dos meus 13%. Aí esse ano já recebi tudo (já fiz a notinha), aí quando ela foi me pagar eu disse – não, a senhora vai me pagar esse aqui. Ela falou que eu sou muito esperta, ela nem sabe que eu sou do sindicato.” Mensalista, Salvador*

*“Eu aprendi muita coisa lá no sindicato, às vezes a pessoa tem vergonha de ser empregada doméstica, as vezes chega num local não demonstra, às vezes a gente quer conseguir enfrentar as coisas, participar, não é só doméstica, em outros locais, que às vezes, comigo mesma, eu sou negra as vezes enfrento muito preconceito aqui em Salvador.” Mensalista, Salvador*

*“Então, veja o quanto é importante a nossa profissão, mas nem todos têm essa consciência porque há 15 anos atrás eu também não tinha, passei a ter depois que eu passei a frequentar o sindicato”. Diarista, Salvador*

*“Hoje sou forte, sou poderosa, muita coisa foi através do sindicato, tem uma pessoa que me acolheu muito, agradeço a ela porque ela me inspirou, (...) sabendo mostrar o que é aí eu vim, (o sindicato) me apoia muito.” Mensalista, Salvador*

As críticas que surgiram nos grupos focais referem-se à falta de divulgação dos temas de interesse das trabalhadoras domésticas por parte dos sindicatos e à cobrança de taxas para a realização de determinados serviços. A polêmica gerada por esta última colocação trouxe à tona questões como a necessidade de participação e as dificuldades de manutenção das dirigentes sindicais e do próprio sindicato. Também foi criticada a falta de organização de uma greve da categoria.

*“Eu não conheço o sindicato. Estou sabendo há pouco tempo desse sindicato porque a gente não vê divulgação de nada desse tema, divulgação do sindicato você não tem quase nenhuma. O que ele tem que fazer pra melhorar? Divulgar, eu acho que tem que estar aparecendo mais na mídia igual aos outros pra estar fazendo a divulgação desses problemas da gente.” Mensalista, São Paulo*

*“(...) e acho que o sindicato não puxa tanto pro nosso lado. Todos os sindicatos fazem greve, greve dos garis, alguém aqui já fez uma greve na vida? Uma vez eu falei pra minha patroa que eu ia começar dos 17º andar a chamar de uma a uma pra fazer greve porque o sindicato não faz nada pela gente. Eu acredito, eu falo, eu cheguei lá e falei – vocês não fazem nada pela gente. Eu estou trabalhando, eu sou diarista, se eu quiser fazer os cálculos meus, eu tenho que pagar R\$ 40,00 lá no sindicato que é da gente pra poder fazer uma pergunta, pra fazer uma conta, eu acho isso um absurdo.” Diarista, Salvador*

Em Salvador, especialmente, o grupo focal das diaristas recuperou a assistência que o sindicato presta às trabalhadoras nas audiências para resolver pendências trabalhistas em defesa frente às críticas formuladas por outras participantes deste grupo.

*“(...) na verdade, eu não tenho o que falar do sindicato, eu já tive audiência, tem o advogado que acompanha, então eu não tenho o que dizer.” Diarista, Salvador*

*“E o que eu sei do sindicato é que se a gente paga aquela taxa, a gente não tem necessidade que precisa fazer esse cálculo, a gente não precisa pagar os R\$ 40,00. E outra coisa, eu observando o sindicato que eu estou sempre lá, eu observo que quantas vezes eu já estive lá e elas vão sim, se a companheira tem audiência, elas acompanham. Eu não estou aqui defendendo, o sindicato tem suas falhas, tem eu estava até conversando com a colega, tem umas falhazinhas, tem, mas também tem as falhas boas também. Essa semana teve uma audiência de uma companheira nossa que a patroa bateu e ela deu queixa e a presidente estava lá e já ia saindo porque ia pra essa audiência. Eu já vi várias vezes elas irem pra delegacia, inclusive teve uma audiência que eu fui convidada também pra estar lá presente pra dar força pra essa colega, já vi várias coisas, vários trabalhos do sindicato.” Diarista, Salvador*

Na perspectiva das trabalhadoras domésticas das duas cidades, manifestada nos grupos focais realizados, o sindicato tem um importante papel na organização da categoria, na ampliação e na defesa de seus direitos e interesses e no aumento do poder de barganha das trabalhadoras frente aos empregadores e empregadoras.

*“Eu acho que deveria ajudar em muita coisa, a questão de horário, questão de remuneração, tem patroa que vira pra você e diz – ah você não merece o aumento, então pode continuar mesmo com o seu salário, que eu já ouvi falar, já vi isso acontecer.” Mensalista, São Paulo*

*“(...) especificar o que o sindicato pode oferecer mais, mas eu acho assim em termos de coisas práticas, cursos práticos que bote a trabalhadora pra se qualificar melhor na sua profissão.” Mensalista, Salvador*

*“Também outra coisa que o sindicato poderia fazer é nessa questão de conscientizar, conscientizar as trabalhadoras domésticas, perder esse medo porque somos mulheres, porque somos negras, porque somos trabalhadoras domésticas de estar baixando a cabeça, quando olhar pra cara do sujeito você tem que olhar olho no olho, se você quer direitos e deveres trabalhar junto. O sindicato faz esse trabalho de conscientização, mas não abrange todas, fazemos atividades, mas poucas comparecem. Hoje eu tenho essa consciência do trabalho do sindicato com as trabalhadoras domésticas porque eu passei a*

*frequentar, eu passei a conhecer, mas tem trabalhadoras domésticas que trabalham na porta do sindicato, está lá Sind Doméstica, não sabe nem o que significa.”* Diarista, Salvador

*“Então, é por isso que eu estou dizendo, ainda não foi aprovado o FGTS, o sindicato vai continuar lutando, vai exigir, espero que Dilma quando entre agora, ela pelo menos pegue a canetinha e...”* Diarista, Salvador

*“A pessoa trabalha anos quando sai de lá recebe aquela continha de nada. Eu acho que assim (...) é o nosso direito. A gente não pode sair lutando, a gente não pode fazer nada, mas sim nosso sindicato como todos os sindicatos.”* Diarista, Salvador

*“Nas reuniões tocar temas assim que cobre uma falta pra passar aquilo pra trabalhadora, pra fazer com ela se estimule a continuar sendo do sindicato; fazer com que ela se estimule a participar do sindicato não só pra saber do direito dela, mas como aprendizado: a maneira de fazer com que passe mais informações de cursos práticos como manusear aparelhos na casa de patrão, como evitar acidente de trabalho, procurar mais esse lado aí. Agora, o que é muito importante: a luta que ele vem travando pra ampliar os nossos direitos, isso sem dúvida e graças a ele a gente chegou a algum lugar.”* Mensalista, Salvador

## **2.2.6 DIREITOS SOCIAIS**

A última questão nos grupos focais procurou levantar junto às trabalhadoras participantes, quais as ações de políticas sociais e de política públicas que estas entendiam como necessárias para a solução de seus problemas.

O tema proposto foi:

*Tema IV – Direitos Sociais. Em sua opinião, o que o governo (federal/estadual) poderia fazer para melhorar suas condições de vida e de trabalho? (Por exemplo, obrigatoriedade de carteira de trabalho assinada, condições diferenciadas para a moradia, escolas, formação profissional, seguro desemprego, aposentadoria, etc.)*

O desenvolvimento dos grupos focais mostrou que, ao longo dos debates, muitas dessas políticas foram lembradas, debatidas ou reivindicadas.

Desta forma, este item do presente Relatório aponta somente as principais questões surgidas nos grupos, tratando de não repetir os pontos já levantados anteriormente.

As trabalhadoras domésticas ressaltaram mais uma vez a importância da ampliação de seus direitos e do cumprimento das normas legais.

*“Eu gostaria que brigasse mesmo pelos direitos, que fosse obrigatório o registro porque eu acho muito importante o registro na carteira, é uma segurança pra cada mulher, pra família igual muitas são chefes de família porque é uma segurança você ter seu registro. Saiu desse emprego você tem o seu direito do seguro como qualquer outra.” Mensalista, São Paulo*

*“Uma das coisas que eu gostaria muito que o governo aprovasse até de imediato seria, primeiro o FGTS, com seguro-desemprego, seria obrigatório, se ele votar pra ser obrigatório com certeza a maioria dos patrões fazem isso.” Diarista, Salvador*

*“Quando assina a carteira não é obrigado a pagar? Então o governo também deveria tanto o governo federal porque o INSS é um órgão federal, deveria como o governo estadual também ou então cada governo do seu estado fiscalizar se está sendo recolhido esses impostos.” Diarista, Salvador*

Ainda na dimensão do trabalho, reivindicaram a existência e ampliação da oferta de cursos de qualificação profissional para as trabalhadoras domésticas. Na Bahia, as trabalhadoras mencionaram espontaneamente o Programa Trabalho Doméstico Cidadão.

*“Então, tem muitas especialidades, passadoria, tem patrões que são muito exigentes pra roupa, poderia estar oferecendo esse curso. Curso do trivial variado, do trivial simples, assim que não chega a ser uma gastronomia, mas algo que ajude a gente. Eu cheguei a cozinhar em casas que eu não conhecia bem o tempero, também não sabia fazer um tempero básico e pus a mesa do jantar. No dia seguinte eu cheguei lá pra trabalhar, a mesa estava até com a jarra de água que eu tinha colocado (...) Então assim, um curso que melhorasse os próprios serviços domésticos: organização de armários de cozinha, organização de guarda-roupas, closets, eu estou falando por experiência, porque eu já trabalhei em toda essa área e muita coisa eu aprendi na raça. Também, de uma certa feita, uma patroa me deixou uma receita e que lá na salada ela queria endívias, eu ri muito porque eu falei assim, ela deve ser louca porque o único peixe que se coloca na salada é atum, eu não sabia que endívia era um vegetal. Tem muitas coisas sobre cursos pra empregadas domésticas, quem sabe elas negam aquele aumento ou quem sabe até tem aquele assédio moral de chamar a gente de burra porque a gente não tem uma especialização na área da gente, eu acho que isso seria muito importante.” Mensalista, São Paulo*

*“Eu conheço, o sindicato tem um curso junto com o governo de um trabalho doméstico cidadão, um curso que o sindicato faz com outra instituição. E fiz também um curso do governo estadual, de 2008, de qualificação que eu fiquei*

*sabendo através dos jornais e aí eu fui me inseri no Sine fiz quatro meses de curso sobre direitos, arrumação, foi através do governo estadual que eu fiz. Fiz agora, através do sindicato de qualificação, cuidador de idoso, arrumadeira e cozinheira, a inscrição está ainda, a pessoa pode se inscrever.” Mensalista, Salvador*

Sobre suas condições de vida, lembraram pontos importantes como o acesso à moradia com condições de pagamento que elas possam suportar, a necessidade de creches para as crianças e de espaços de ensino e lazer para os jovens para seu aprendizado, recreação e proteção.

*“Uma outra coisa, as domésticas que dormem na casa, que vem do interior e moram nas casas elas ficam escravizadas. Estou dizendo isso porque eu já morei e é uma escravidão que você tem horário pra acordar e não tem horário pra dormir e às vezes você já está no teu quarto deitada dormindo e eles batem na porta pra pedir pra que você faça isso, faça aquilo. Se o governo principalmente o estadual, ele tivesse um pouco mais consciência, quantas terras que vejo que é do governo, poderia construir, essas casas e a gente pagar uma taxa e dar essas casas.” Diarista, Salvador*

*“Esse plano que o governo lançou Minha Casa, Minha Vida é uma ação que se funcionar, botar em prática é uma coisa que realmente pode funcionar pra trabalhadora que não tem a sua casa porque ela ganha um salário de R\$ 500,00, desconta um monte de coisas, ela fica com menos ainda. Então ele é obrigada a pagar aluguel e se sustentar com aquilo ali. Então ela não vai conseguir comprar uma casa mesmo e quando ela ficar jogada lá na casa do patrão e tem que ficar lá muito menos, aí que ela não vai conseguir comprar a casa dela mesmo porque ela já se submetendo a ficar naquela casa, às vezes está guardando um dinheirinho pra ajudar a família no interior. Então, às vezes o salário dela é tão baixo que nem dá pra ela até pagar uma prestação da casa do governo. Então, é uma ação boa, mas que se dê uma condição de pagamento de cota, de mensalidade que dê pra trabalhadora pagar porque não adianta lançar o plano e depois bota uma prestação que ela não consegue pagar, não vai adiantar.” Mensalista, Salvador*

*“E uma creche mesmo, escola próxima porque muitas mães sofrem com isso, não tem vaga, são poucas creches, enfim, muito deixa a desejar a falta da creche mesmo.” Mensalista, São Paulo*

*“E a questão também de creche porque na época eu pude tirar do meu próprio salário, era pouquinho, mas colocar o meu na creche. E quantas mães não*

*começa a trabalhar, não tem como deixar sua criança porque as creches, principalmente a popular das periferias só pegam a partir de 5 anos, 6 anos. Um mês, 4 meses, já deixa lá, tira o leitinho bota naquele suportezinho e deixa lá. E a que é de Maria Joana, está pobre na mão da vizinha ou na mão dos traficantes que a gente vê a criançada 7 anos porque é mais um filho de uma trabalhadora doméstica que está trabalhando pro tráfico, desde quando não tem uma política pública voltada a essa questão da escola, de uma boa creche para as trabalhadoras domésticas. Enquanto a gente sai pra cuidar dos filhos dos outros, o nosso está na rua.”* Diarista, Salvador

*“Eu achava que hoje como o nosso bairro assim da periferia tem muitos adolescentes desocupados, filhos de domésticas, crianças assim a partir de 5 anos no tráfico, nas bocas. Eu achava, assim, que o estado tinha a obrigação e dever de fazer um espaço pra natação, aula de música, inglês, tudo o que fosse assim pra edificar a vida do adolescente e das crianças porque eu tiro pelo meu, o meu tem 17 anos, ele é um pouco deficiente.”* Diarista, Salvador

Ainda, uma das trabalhadoras domésticas lembrou a necessidade de apoiar as mulheres de menores recursos, através da ampliação e melhoria de programas de transferência condicionada de renda, como o Bolsa Família.

*“O que deveria fazer era dar pra aquela mãe de família dá um salário, chega lá ter seu dinheiro todo mês, pegar aquele dinheiro pra ir no médico, e na educação. Eles dão Bolsa Família, nem todo mundo ganha Bolsa Família, primeiro tinha bolsa família ganhava 20 reais. Ele poderia dar um salário.”* Diarista, Salvador

### **2.2.7 AVALIAÇÃO**

De uma forma geral, a atividade dos grupos focais foi muito bem avaliada. As participantes gostaram muito da reunião e agradeceram o convite. Algumas pessoas destacaram a preocupação com a categoria e enfatizaram a importância que tinha, para elas, a iniciativa da Secretaria de Políticas para as Mulheres de escutar suas opiniões.

Também algumas trabalhadoras referiram-se ao fato de conhecer novas pessoas e ao aprendizado que haviam tido durante a realização do grupo, além de ressaltar a oportunidade para seu trabalho sindical.

*“Eu quero agradecer porque eu acho muito importante a gente conhecer pessoas novas e mediante essa reunião eu senti a nossa profissão mais valorizada. Então eu fico contente que isso tenha estado no pensamento de*

*alguém, isso tenha surgido, não tenha ficado esquecido e para mim eu me senti muito honrada de ser uma das participantes.” Mensalista, São Paulo*

*“Gostaria de agradecer a todas vocês o convite, a oportunidade de expressar os nossos comentários, a gente agradece, muito obrigado pela atenção de todas.” Mensalista, São Paulo*

*“Obrigada pela oportunidade e prazer em conhecer todo mundo aqui.” Mensalista, São Paulo*

*“Eu adorei, foi muito linda, muito prazer (...)”. Mensalista, Salvador*

*“(...) adorei a participação de todo mundo aqui, as palavras das companheiras são importantes. Aqui se aprende.” Mensalista, Salvador*

*“Gostei demais, (...) saber que o pessoal está nessa busca através de vocês, da Secretaria, da gente está conseguindo nossas reivindicações, um seminário ou outro, um congresso ou outro a gente está conseguindo fazer com que esse pessoal se volte o olhar para nós trabalhadores e que vocês, antes de ser do Dieese, são patroa, que vocês aprendem pra levar para a trabalhadora de vocês, e coloque em prática o que vocês aprendem aqui porque se coloca a sua trabalhadora lá (...) e que pudesse administrar mais seminários entre os patrões para que eles também possam colocar o dever, os seus pensamentos em relação a trabalhadores ideal que eles procuram para eles saber o que eles poderiam fazer pra ter essa trabalhadora ideal que eles estão na casa deles. Porque sempre acham que você faz pouco e não sabe fazer nada, então que eles se coloquem como a trabalhadora que ele imaginava quanto mais puder fazer pra minha trabalhadora mais vou ter uma aliada ao meu lado. É importantíssimo.” Mensalista, Salvador*

*“Eu também gostei bastante (). Eu gostei muito porque aprendo”. Diarista, Salvador*

*“Eu quero dar parabéns a vocês porque eu nunca imaginei de hoje eu estar aqui com essas pessoas. E, outra coisa também que eu quero dizer, () ter vindo de outro estado para cá e ter dado esse grande valor pra gente porque eu achava que eu não tinha valor quase nenhum (), mas acreditei que nós temos um grande valor.” Diarista, Salvador*

*“Também uma das coisas que eu gostei dessa palestra é que eu conheci muitas colegas, algumas já conhecia do sindicato, mas conheci mais colegas que a gente não se vê, não se reúne, a gente era só os nossos grupinhos onde a gente mora (), então foi muito bom conhecer vocês também. Também estão de parabéns, mas vamos continuar na luta.” Diarista, Salvador*

*“(...) veja como é o sindicato abrangendo todas as capitais (e com certeza do interior), da capital também tem uma representante aqui do interior. Então, vamos buscar fazer a nossa corrente pra que venha como Patrícia e Sirlei, que venham outras, pra gente fazer a diferença e mostrar o quanto a nossa categoria.”* Diarista, Salvador

### **2.3. Características das Empregadoras de Trabalhadoras Domésticas presentes nos Grupos Focais**

O grupo focal das empregadoras constituiu-se com mulheres que tinham pelo menos uma trabalhadora doméstica contratada em seus domicílios, tal como se descreve em maior detalhe no Anexo Metodológico.

Assim, no dia 23 de setembro de 2010, no período matutino, se realizou o grupo focal com as empregadoras em São Paulo, com 10 pessoas. Em Salvador, o grupo focal foi realizado em 28 de setembro, também no período matutino, com a presença de 12 pessoas.

As empregadoras que participaram do grupo focal na cidade de São Paulo eram majoritariamente mulheres de 45 anos e mais, somente uma das participantes estava na faixa de 32 a 38 anos. Seis pessoas declararam-se brancas, outras duas pardas e duas amarelas. Das presentes, sete estavam casadas ou em união consensual. Seis empregadoras de trabalhadoras domésticas se declararam cônjuges e três eram chefes de família. Todas possuíam filhos, sendo que oito participantes tinham de 1 a 2 filhos/filhas.

Em relação à sua escolaridade, das mulheres presentes ao grupo focal, oito possuíam superior completo, uma superior incompleto e outra o curso médio completo. Destas, sete trabalhavam fora, sendo que seis estavam no setor de serviços e uma na indústria – quatro com carteira de trabalho assinada por tempo indeterminado e três como autônomas. Entre as presentes, três eram sindicalizadas e quatro não eram. Três tinham jornadas semanais de trabalho de até 40 horas semanais, outras três não souberam responder à esta questão. A maior parte (quatro pessoas) possuía renda pessoal entre 5 e 10 salários mínimos e somente uma recebia de 1 a 3 salários mínimos. A renda mensal familiar de cinco participantes situava-se na faixa acima de 10 salários mínimos (Tabela 22).

**TABELA 22**

**Características das empregadoras de trabalhadoras domésticas – São Paulo**

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>1. Idade</b>	
1) 16 a 24 anos	0
2) 25 a 31 anos	0
3) 32 a 38 anos	1
4) 39 a 44 anos	0
5) acima de 45 anos	9
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>2. Cor ou raça</b>	
1) Branca	6
2) Preta	0
3) Parda	2
4) Amarela	2
5) Indígena	0
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>3. Situação Conjugal</b>	
1) Solteira	1
2) Casada/ União consensual	7
3) Separada/ Desquitada/ Divorciada	1
4) Viúva	1
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>4. Posição no domicílio</b>	
1) Chefe	3
2) Cônjuge	6
3) Filha	0
4) Outra	1
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>5. Filhos/Filhas</b>	
1) Sim	10
2) Não	0
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>Quantos/as</b>	
de 1 a 2 filhos/filhas	8
de 3 a 4 filhos/filhas	2
de 5 a 6 filhos/filhas	0
acima de 6 filhos/filhas	0
<b>6. Grau de instrução</b>	
1) Nunca frequentou escola	0
2) Fundamental incompleto	0
3) Fundamental completo	0
4) Médio incompleto	0
5) Médio completo	1
6) Superior incompleto	1
7) Superior completo	8
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>7. Trabalha atualmente</b>	
1) Sim	7
2) Não	3
<b>Total</b>	<b>10</b>

(continua)

**TABELA 22**  
**Características das empregadoras de trabalhadoras domésticas – São Paulo**  
 (continuação)

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>8. Setor de atividade</b>	
1) Indústria	1
2) Comércio	0
3) Serviços	6
NR	3
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>9. Qual tipo de contrato</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	4
2) Carteira assinada por tempo determinado	0
3) Sem carteira assinada	0
4) Autônoma	3
5) Outro	0
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>10. Sindicalizada</b>	
1) Sim	3
2) Não	4
NR	3
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>11. Jornada de trabalho semanal</b>	
até 10 horas semanais	2
até 20 horas semanais	1
até 30 horas semanais	0
até 40 horas semanais	3
acima de 40 horas semanais	1
NR	3
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>12. Renda pessoal mensal</b>	
De 1 a 3 salários mínimos	1
De 3 a 5 salários mínimos	2
De 5 a 10 salários mínimos	4
acima de 10 salários mínimos	0
NR	3
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>13. Renda familiar mensal</b>	
De 1 a 3 salários mínimos	0
De 3 a 5 salários mínimos	0
De 5 a 10 salários mínimos	2
acima de 10 salários mínimos	5
NR	3
<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: DIEESE

O grupo focal de empregadoras de trabalhadoras domésticas realizado em Salvador contou com 12 mulheres, sendo 11 delas com idades acima de 45 anos e uma pessoa com idade entre 32 e 38 anos. Delas, três declararam-se brancas e nove negras (considerando a classificação que agrega as pessoas que se declaram pretas e pardas na categoria negras).

Das participantes, oito mulheres eram casadas ou em união consensual e duas viúvas. Oito pessoas classificaram-se como cônjuges e quatro como chefes do domicílio. Também todas

possuíam filhos e onze tinham entre 1 e 2 filhos. Das empregadoras em Salvador, cinco possuíam curso superior completo, cinco o ensino médio completo e duas o ensino fundamental completo.

Entre as pessoas presentes ao grupo focal, somente duas trabalhavam e uma era sindicalizada. Neste item, três pessoas disseram que não eram sindicalizadas e oito não souberam responder.

Quanto à sua renda pessoal e familiar, sete não responderam. As que informaram situaram sua renda pessoal nas faixas de até 1 salário mínimo (1 pessoa) 1 a 3 salários (3 pessoas) e 3 a 5 salários mínimos (uma pessoa). A renda média familiar mensal foi informada por 5 mulheres: duas assinalaram de 3 a 5 salários mínimos e 3, de 5 a 10 salários.

Todas já haviam exercido alguma atividade remunerada anteriormente, em setores e/ou empresas variados como comércio, prefeitura, ensino, saúde, banco, contabilidade, costureira, atendimento, recursos humanos. Nestas ocupações, nove tiveram carteira assinada por tempo indeterminado. As participantes neste grupo focal relataram procura ativa de emprego em várias das modalidades do questionário e oito pessoas não haviam procurado nos últimos trinta dias.

Das empregadoras de trabalhadoras domésticas presentes ao grupo focal, seis tinham renda proveniente de aposentadoria ou pensão e três, rendimento oriundos de trabalhos esporádicos.

**TABELA 23**

**Características das empregadoras de trabalhadoras domésticas – Salvador**

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>12</b>
<b>1. Idade</b>	
1) 16 a 24 anos	0
2) 25 a 31 anos	0
3) 32 a 38 anos	1
4) 39 a 44 anos	0
5) acima de 45 anos	11
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>2. Cor ou raça</b>	
1) Branca	3
2) Preta	2
3) Parda	7
4) Amarela	0
5) Indígena	0
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>3. Situação Conjugal</b>	
1) Solteira	1
2) Casada/ União consensual	8
3) Separada/ Desquitada/ Divorciada	1
4) Viúva	2
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>4. Posição no domicílio</b>	
1) Chefe	4
2) Cônjuge	8
3) Filha	0
4) Outra	0
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>5. Filhos/Filhas</b>	
1) Sim	12
2) Não	0
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>Quantos/as</b>	
de 1 a 2 filhos/filhas	11
de 3 a 4 filhos/filhas	1
de 5 a 6 filhos/filhas	0
acima de 6 filhos/filhas	0
<b>6. Grau de instrução</b>	
1) Nunca frequentou escola	0
2) Fundamental incompleto	0
3) Fundamental completo	2
4) Médio incompleto	0
5) Médio completo	5
6) Superior incompleto	0
7) Superior completo	5
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>7. Trabalha atualmente</b>	
1) Sim	2
2) Não	10
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>8. Sindicalizada</b>	
1) Sim	1
2) Não	3
NR	8
<b>Total</b>	<b>12</b>

(continua)

**TABELA 23**  
**Características das empregadoras de trabalhadoras domésticas – Salvador**  
 (continuação)

<b>9. Renda pessoal mensal</b>	
Até 1 salário	1
De 1 a 3 salários	3
De 3 a 5 salários	1
De 5 a 10 salários	0
acima de 10 salários	0
NR	7
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>10. Renda familiar</b>	
De 1 a 3 salários	0
De 3 a 5 salários	2
De 5 a 10 salários	3
acima de 10 salários	0
NR	7
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>11. Trabalhou alguma vez</b>	
1) Sim	12
2) Não	0
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>Se sim, subsetor de atividade</b>	
Comércio	
Atendimento	
Professora	
Prefeitura/ Ensino	
Comércio/ Saúde	
Banco	
Funcionária Pública	
Contabilidade	
Costureira	
Recursos Humanos	
NR	
<b>12. Tipo de contrato no emprego em outro setor de atividade</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	9
2) Carteira assinada por tempo determinado	0
3) Sem carteira assinada	2
4) Autônoma	1
5) Empregadora	0
6) Outro	0
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>13. Procura de emprego nos últimos 30 dias (múltipla escolha)</b>	
1) Procurou empresa, agência ou sindicato	2
2) Procurou o SINE	1
3) Colocou ou respondeu anúncio	0
4) Procurou parentes ou amigos	4
5) Procurou na rua	0
6) Fez contato com possíveis clientes	0
7) Outra providência	0
8) Nada fez/ Não lembra	0
Não	8
<b>14. Outro tipo de renda</b>	
1) Pensão, aposentadoria	6
2) Aluguel	0
3) Trabalhos esporádicos	3
4) Bolsa família ou outros programas de transferência de renda	0
5) Doação	1
6) Outro	2
Não	0
<b>Total</b>	<b>12</b>

Fonte: DIEESE

## **2.4. O QUE DISSERAM AS EMPREGADORAS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS**

Assim como nos grupos focais realizados com as trabalhadoras domésticas mensalistas e diaristas e com as mulheres dedicadas aos afazeres domésticos, os grupos focais com as mulheres que empregavam trabalhadoras domésticas em seus domicílios foram conduzidos da mesma forma em Salvador e em São Paulo, com o mesmo rol de temas e questões propostos para ambos.

Também nestes grupos, a discussão estabeleceu uma dinâmica própria, determinada pelo assunto que se mostrou mais relevante para as participantes dos grupos.

A exposição sobre estes dois grupos focais também será realizada reagrupando-se as falas de acordo com os temas abordados e não pela ordem cronológica em que foram feitas. Isso quer dizer que, para o relato dos resultados dos trabalhos, as questões mencionadas pelos participantes foram organizadas por tema e destacadas de acordo com a importância que lhes foi atribuída em cada grupo, o que significa que poderão diferir de capítulo para capítulo e de grupo para grupo

Os grupos focais com as empregadoras das trabalhadoras domésticas também contaram com um ambiente tranquilo e amigável, onde foi possível, a todas, expressarem-se espontaneamente, conforme o modo de ser próprio de cada pessoa. Estes grupos também apresentaram uma resposta muito boa às propostas da mediadora, com participação atenta e cooperativa, o que permitiu recolher informações de excelente qualidade.

### **2.4.1 QUEBRA-GELO**

Estes grupos focais foram igualmente iniciados com a apresentação da pesquisa, das entidades responsáveis e do modo de funcionamento dos grupos focais, além da apresentação da equipe encarregada de sua realização e dos papéis de cada um.

Em seguida, foram iniciados os grupos com a mesma questão sobre trabalho doméstico como uma atividade introdutória para fazer as apresentações entre as participantes e descontrair o ambiente, explicando que esta seria a única hora em que era esperado que todas as pessoas que se manifestassem.

Assim, nos dois grupos focais de empregadoras de trabalhadoras domésticas foi solicitado que dissessem seu nome, idade e respondessem à seguinte questão: O que você gosta e o que você não gosta no trabalho doméstico?

As empregadoras presentes aos grupos focais responderam esta questão referindo-se à atividades específicas do trabalho doméstico, ou seja, **as tarefas domésticas** foram as que predominaram nas falas das empregadoras.

As tarefas lembradas nos dois casos – gostar ou não gostar – abrangem um espaço bastante específico do trabalho doméstico que é o cuidado da casa, da roupa e da comida, nenhuma

atividade de cuidado com pessoas ou animais, de abastecimento ou de manutenção foi mencionada. Essas eram dimensões plausíveis já que, diferentemente das trabalhadoras, as mulheres se referiam a seus próprios lares que demandam também esta outra classe de providências.

Assim, cozinhar foi a liderança absoluta nas duas cidades como a tarefa mais e menos apreciada em São Paulo e em Salvador, a mais rechaçada foi passar roupa. Somente uma participante declarou explicitamente gostar de passar e outra declarou gostar muito de lavar louça.

Arrumar e limpar a casa também estão igualmente contempladas nos dois lados. Uma das empregadoras disse gostar de cuidar do jardim e outra disse que não gostava de arrumar detalhes da casa.

Foi feito um comentário bastante original sobre as tarefas domésticas:

*“Um dia eu gosto de cozinhar outro dia eu não gosto, um dia eu gosto de arrumar a casa outro dia eu não gosto. Então, eu acho assim, o trabalho doméstico é um estado de espírito.”* Empregadora, Salvador

**QUADRO 2**  
**Grupos focais de empregadoras de trabalhadoras domésticas em São Paulo e Salvador**

**O que você gosta e o que você não gosta no trabalho doméstico?**

Cidade	Empregadoras	
	Gosta	Não Gosta
São Paulo	Cozinhar ++	Cozinhar ++
	Lavar a roupa	Passar roupa ++
	Arrumar a casa	Limpar a casa
	Passar roupa	Guardar a roupa
	Lavar a louça	Arrumar detalhes
		Lavar janela
Salvador	Cozinhar ++	Passar roupa +++
	Lavar pratos +	Cozinhar
	Limpar a casa ++	Limpar a casa
	Lavar a roupa	
	Cuidar do jardim	

Fonte: DIEESE

Obs.: (+) Duas pessoas citaram a atividade, (++) Três pessoas citaram a atividade, (+++) quatro pessoas citaram a atividade

**2.4.2 O TRABALHO DOMÉSTICO NA SUA VIDA**

O primeiro tema a ser colocado nos grupos focais buscava captar a visão que as mulheres que empregam as trabalhadoras domésticas têm sobre este trabalho, quais os motivos que as

levam a contratar uma trabalhadora doméstica – mensalista ou diarista-, e seu conhecimento e opiniões a respeito dos direitos trabalhistas das empregadas domésticas.

As questões colocadas para este tema foram:

### *TEMA I - O TRABALHO DOMÉSTICO NA SUA VIDA*

*Porque você decidiu ter uma pessoa trabalhando como empregada doméstica em sua casa?*

*Como você vê a profissão de trabalhadora doméstica?*

*Como você vê a relação de trabalho entre as empregadoras e as trabalhadoras domésticas?*

*Você se considera bem informada sobre os direitos das trabalhadoras domésticas e das empregadoras? Sabe como fazer - direito a carteira assinada, FGTS, décimo terceiro salário, INSS, férias, folga semanal?*

*Em sua opinião, quais os motivos para que haja tão pouca formalização? Como seria possível aumentar esse número? (no mercado de trabalho, apenas 30% das empregadas domésticas são registradas e contribuem para a previdência e terão direito a aposentadoria).*

Estes temas levantaram muitos outros e tornaram possível iniciar o mapeamento da questão do trabalho doméstico do ponto de vista das mulheres que empregam as trabalhadoras.

Uma pergunta inicial é porque ter uma pessoa trabalhando como empregada doméstica em sua residência, para explorar os motivos que levam à contratação e manutenção de uma pessoa (ou mais) para essas atividades.

As respostas fornecidas pelas empregadoras revelaram que há diferentes motivos e diferentes fases na vida de uma pessoa ou de uma família que tornam necessária a presença de uma trabalhadora doméstica. Esses aspectos determinam, em boa parte, mas não exclusivamente, a escolha pela contratação de alguém e pelo tipo de trabalho de uma mensalista ou de uma diarista.

Há uma questão de habitualidade da presença da trabalhadora doméstica no lar ou porque não se gosta das tarefas domésticas:

*“Sempre tive essa figura no meu lar chamada empregada doméstica.”*

*Salvador*

*“Mas, agora, por exemplo, eu tenho empregada porque eu não gosto de serviço doméstico, a minha filha já cresceu, agora ela tira a parte chata da minha vida.”* São Paulo

*“A minha mãe sempre teve ajudantes, então fui criada assim, nós éramos em quatro e era muita coisa pra ela. Depois quando eu saí de casa, eu achava que eu tinha que ter alguém que fizesse a limpeza mais pesada.”* São Paulo

*“A minha história é assim, eu sempre tive empregada, todo dia, mensalista. Durante 10 anos eu tive uma, as minhas empregadas sempre duraram muito*

*tempo e aí quase no final dessas mensalistas eu comecei a ficar em casa, aí a gente fica em casa eu começo a ver o defeito das empregadas, tudo é um problema porque você põe o copo aqui, ela põe lá, a gente começa a ficar chata, a gente fica chata, aí eu desisti, tinha uma que ficava meio ano, falei – não, não quero mais e acabou, vou ficar sozinha, eu faço tudo, só que a gente não gosta de fazer.” São Paulo*

A contratação de uma pessoa para a realização de trabalho doméstico responde a necessidades que são diferenciadas, conforme o ciclo de vida familiar ou pessoal.

Algumas empregadoras referiram-se à necessidade de ajuda por viverem em casas muito grandes ou por não conseguirem sozinhas realizar todo o trabalho e que este lhes retirava o tempo para convivência com os filhos.

*“Pra mim não tem (dificuldade) porque eu sempre fiz, a única dificuldade é a limitação da idade porque a gente já não pode fazer com tanta agilidade que a gente tinha há 20, 30, 40 anos atrás.” Salvador*

*“Eu tenho uma diarista que vai todas as quintas-feiras em casa dá uma ajeitada, quer dizer, ajeitar não, limpar mesmo. Eu optei, apesar de eu gostar porque eu não tenho tempo pra fazer e minha casa é bem grande, tem quintal, tem horta, então fica muito difícil no final de semana conseguir dar aquela limpada, então eu escolhi uma pessoa para estar fazendo a limpeza e eu tentando manter durante a semana por conta da nossa correria mesmo e pra eu também ter mais tempo com os meus filhos.” São Paulo*

As empregadoras presentes aos grupos focais relataram ainda várias combinações de responsabilidades e trabalhos que resultaram na utilização deste recurso. Há a necessidade de combinar trabalho profissional, dentro ou fora de casa, com o serviço doméstico, há um ponto claro que relaciona a combinação entre o trabalho fora e a presença dos filhos e também a presença de familiares idosos ou doentes.

*“Eu resolvi ter uma mensalista desde que as meninas nasceram. Eu tenho três filhas, agora são todas, a mais velha tem 32, a outra vai fazer 29 já são todas formadas, uma só que já tem uma filhinha, mas a netinha também vai lá pra casa. Então, eu preciso porque ainda continuo trabalhando, então preciso de alguém que me auxilie nos serviços gerais pra que não fique muito sobrecarregada.” São Paulo*

*“Eu comecei cedo, com 21 anos eu tive a minha primeira filha e também não tinha empregada, aí deixei de trabalhar, eu trabalhava de vendedora em loja, deixei de trabalhar pra ficar com ela pra não ficar com babá, eu ficava com ela, mas depois de um tempo eu vi que eu precisava trabalhar e comecei a ter uma pessoa em casa, mas aí desisti porque não confiava e aí comecei a deixar*

*a minha filha com minha mãe, comecei a fazer cursos, depois comecei a trabalhar. Agora, que meu filho nasceu, quer dizer, ( ) anos agora, eu precisei de uma pessoa pra ficar com ele e essa pessoa ficou um tempão em casa, já está comigo até hoje só que eu comecei assinando a carteira dela porque ela ficava o dia todo em casa, inclusive eu comecei a trabalhar de novo e aquele processo trabalha num lugar, trabalha em outro.” Salvador*

*“Depois quando eu casei até uma certa idade, além de eu ser dona de casa, fazer todo o trabalho doméstico eu era costureira, eu tinha jornada dupla dentro da minha casa. Eu tinha as roupas das clientes pra entregar e as coisas de casa. Só tinha nessa época uma faxineira que vinha uma vez por semana. Então, eu cozinhava, tinha horário pra tudo inclusive horário de costurar, tinha que ser tudo muito bem cronometrado senão atrapalharia se uma coisa atrasasse, atrasava a outra. Mas, chega uma hora que a gente não aguenta, eu comecei parando de costurar. Aí depois, eu tinha uma pessoa um dia, arrumei uma dois dias e estou com esse menina há 13 anos , três dias por semana” Salvador*

Duas empregadoras revelaram haver tentado um esquema de organização da família para a realização compartilhada das tarefas domésticas, quando os filhos já eram mais velhos. No entanto, ambas disseram que a estratégia transformou-se em conflito e tensões, além da perda dos momentos de descanso nos finais de semana, o que as fez retornar à contratação de uma pessoa.

*“Eu resolvi contratar uma diarista pelo seguinte aspecto, eu tenho dois filhos, uma filha e um filho, de uns tempos pra cá nós passamos a dividir as tarefas, de cozinhar, limpeza e coisa e tal, mas eu via que começou a virar um processo desgastante e sofrido. Por quê? Porque nós tínhamos os finais de semana dedicados a compra de supermercado, cozinhar, fazer faxina, aí você fala – não é possível você trabalhar, fazer uma jornada e depois os seus finais de semana você e seus filhos também ficarem imbuídos em colocar a coisa em ordem. É um processo muito sofrido e uma pessoa disse assim – eu precisaria realmente aumentar a minha renda. Eu falei – bom, unimos o útil ao agradável, ela precisa de uma renda e nós precisamos de alguém que faça esse trabalho. E foi assim.” São Paulo*

*“Quando os meninos ficaram adolescentes, a gente passou por esse processo de tentar dividir tarefa, mas ficou uma coisa muito desgastante, era muita briga, era muita discussão porque você fez, porque você não fez. Então, ter uma pessoa pra ajudar passou pela questão de aliviar tensões também.” São Paulo*

O ponto seguinte na relação de questões colocadas para debate foi solicitar às participantes dos grupos focais que relatassem suas visões sobre o trabalho doméstico – as respostas se organizam em um amplo gradiente de valoração e avaliação, desde as declarações sobre o valor intrínseco do trabalho doméstico até as visões mais negativas, que descaracterizam e veem a trabalhadoras como uma inimiga debaixo do mesmo teto.

*“Eu tive várias empregadas durante a minha vida, mensalistas, hoje em dia eu tenho uma diarista que está comigo há mais de 30 anos, é muito competente e é minha amiga também com a convivência de muito tempo, ela é diarista. Agora, no serviço doméstico, eu valorizo o serviço doméstico como qualquer profissão, pra mim não tem assim, como ela falou, serviço mais nobre, menos nobre, pra mim todos os serviços são nobres e o de doméstica, pra mim, eu valorizo muito.” Salvador*

*“Essa diarista ela lhe cobra R\$ 50,00 () e limpa a sua casa, então você não tem obrigação de dar almoço pra ela, mas você dá porque não nega um prato de comida pra ninguém, aí você dá o almoço, mas se você disser pra ela () ela fecha a cara porque ela quer ser alimentada, mas é o tipo de pessoa que você não tem obrigação de dar comida e quando você dá (). Então, () não cobra porque se você for cobrar () como elas querem (), se você contratar ela desse jeito, elas não gostam.” Salvador*

*“Ela está há 19 anos comigo, não é essa santa toda, mas ela tem muito carinho pelas minhas filhas, o que mais pega é o carinho que ela tem pelas meninas, é uma pessoa de confiança, ela pegou as meninas pequenas, então ela convive mais com elas do que (eu). Ela tem loucura pelas meninas, as meninas pintam e bordam ela não está nem aí e é de confiança, lá em casa a gente tem de tudo e nunca dei falta de nada.” Salvador*

*“Nos Estados Unidos você não tem empregada, mas você liga numa empresa, a empresa vai lá com 50 pessoas e aquelas 50 uma lava o banheiro, uma tira teia de aranha, uma limpa o lustre, uma passa roupa, ou seja, em quinze minutos sua casa está pronta () você não precisa nem ficar tolerando (aquele povo) na sua casa.” Salvador*

*“Isso não quer dizer que o trabalho dela não seja valorizado, que você não tenha que tratar ela bem porque afinal de contas é um ser humano, e eu trato os meus cachorros como se fossem meus filhos por que eu não vou tratar uma empregada que é um ser humano que está me ajudando? Meu cachorro não faz nada, só sabe latir, abanador o rabo quando eu chego e o ser humano não é diferente, tem que ser bem tratada?” Salvador*

*“Então você tem que tratar como uma amiga? É. Se você tem um inimigo é melhor você se aliar a ele, então () se aliar a ela porque você não sabe quem ela é e o quê.” Salvador*

Algumas empregadoras fizeram uma interessante reflexão de empatia, buscando colocar-se no lugar das trabalhadoras e avaliar suas dificuldades e problemas na vida e no exercício profissional:

*“Então, isso é uma coisa que a mulher está aprendendo que esse trabalho não necessariamente é um trabalho que vai denegrir, pelo contrário, elas têm liberdade, em boa parte dos casos elas ficam sozinhas na casa ou então ninguém enche muito o saco. Tem o outro lado que você trabalha só, que não tem muitos colegas, que o trabalho é mais ou menos sempre igual, mas eu pergunto, que trabalho não acaba sendo mais ou menos sempre igual? Tem a nata do trabalho que aí a gente curte, mas tem a parte braçal e chata que acaba sendo igual.” São Paulo*

*“Eu acho que é muito difícil pra quem vai se empregar numa casa. A gente está olhando o lado nosso, mas é muito, muito difícil aquela pessoa que vai trabalhar numa casa. Por quê? Cada casa que ela trabalha tem um tipo de exercício, como é que se gosta que faça as coisas, tem uma regra assim. Então quando você chega numa casa, eu fico imaginando como seria eu numa casa de uma pessoa (), você vai (), a pessoa não gosta aqui, você vai fazer aquilo assim, não, é assado, então eu acho que requer o máximo de paciência e olhar isso e respeitar, que ela vem de uma outra casa com outros costumes que a dona de casa muitas vezes não dá importância de que ela não limpe a casa direito, mas que ela olhe bem a criança ou que ela faça uma comida gostosa, mas pra mim já é outra coisa que é mais importante, então eu acho que a dona de casa ela tem que se preocupar muito com isso, e ver esse lado de quem está vindo. Você tem que ter paciência. Não é porque ela é empregada doméstica que ela tem que saber tudo, ela tem que saber como lavar, como passar a roupa, não é bem assim. Então, eu acho que também pra isso que hoje existem pessoas que dão capacitação pra empregadas, então eu acho que também tem que ver esse lado, de quem está chegando, porque a gente só olha o lado da gente, mas acho muito importante. Outra coisa também, é você criar (um clima) de interação porque e se você trabalhando numa empresa onde seu chefe não lhe vê com bons olhos, como você faria o serviço? Então assim que tem que ser a sua relação com a sua empregada doméstica, você tem que colocar no lugar dela quando ela está pra menstruar, como é que você fica? Ela é um ser humano assim como a gente, chega um dia também que ela não está disposta pra fazer as coisas. Então, eu acho que você tem que conhecer*

*esse lado dela também, aí com jeitinho as coisas vão se situando, mas eu acho que a gente tem que olhar muito por aí também.” Salvador*

O tema da relação entre trabalhadoras e empregadoras é de enorme complexidade, pois envolve questões de ordem social, cultural e pessoais, relacionadas tanto a fatores externos aos indivíduos como a conteúdos emocionais de muita intensidade.

O propósito desta questão nos grupos focais foi levantar alguns dos principais problemas existentes nessa relação social, sem focalizar indivíduos e evidentemente sem esgotar todos os conteúdos presentes nos relatos, mas buscando organizar em algumas categorias de análise que possam ser de utilidade para o objetivo da pesquisa – pensar em políticas públicas para o trabalho doméstico.

As empregadoras presentes aos grupos focais nas duas cidades levantaram aspectos importantes e muito diferenciados de sua relação com as trabalhadoras domésticas.

As experiências de relacionamento são variadas: muitas participantes referiram-se a múltiplas experiências durante sua vida – boas e más, com mensalistas ou com diaristas, de maior ou menor proximidade.

As mulheres presentes refletiram, também, sobre como elas e as trabalhadoras mudaram ao longo do tempo – em razão de necessidades diferenciadas, como ter filhos pequenos ou não, em função de experiências anteriores de trabalho e de contratação de outras trabalhadoras domésticas, em razão de diferentes contratos de trabalho com elas e em razão de mudanças na própria sociedade e nas trabalhadoras, das quais se destaca o sentido de crescente profissionalização do trabalho doméstico verificado por várias participantes de São Paulo.

Muitos dos relatos mostram aspectos que ilustram as questões de classe e que sempre caracterizaram a relação entre patroas e empregadas e que são aqueles relacionados ao paternalismo, à incompreensão do outro (ou da outra, no caso), da desconfiança e do sentido de superioridade em relação às trabalhadoras. O preconceito racial não foi mencionado em nenhum momento, em uma demonstração de como o silêncio pode ser eloquente – os grupos foram realizados em cidades e sobre um tema onde a questão racial tem um lugar indiscutível.

Há uma dimensão que revela alguns outros aspectos das desigualdades de gênero, já que muitas destas empregadoras estão trabalhando ou foram trabalhar fora e tiveram que encontrar as alternativas para a realização das tarefas domésticas e para o cuidado dos filhos e dependentes, tarefas sob sua (quase exclusiva) responsabilidade.

A relação assimétrica com as trabalhadoras domésticas é desconfortável para muitas, implica a observação e revisão de condutas e, quando não está naturalizada, pode ser dolorida, conforme relata uma das participantes.

*“Eu acho que a relação com a empregada doméstica é muito dolorosa pra nós e pra elas. É muito difícil porque é uma relação profissional, mas é uma relação normalmente entre mulheres e no espaço do lar. A empregada não é da família, não é tua amiga, se puder virar pode ser ótimo, mas se for uma família é mais complexa e você precisar que esta pessoa tenha um compromisso formal de trabalho, é melhor evitar um pouco. Atualmente eu sonho assim, com uma empresa prestadora de serviços que vá lá e faça e que fosse pagável porque me alivia de ter que sofrer porque o filho foi morto pelo tráfico, são vidas terríveis que a gente chora, se comove, mas às vezes você não consegue manter a pessoa porque você não tem tanto dinheiro assim e não dá pra dispor de outra pra fazer o que ela teria que fazer porque você também não consegue. Então, pra mim, eu não posso dizer que é uma relação boa, eu agradeço infinitamente o que elas fazem por mim na minha casa, mas é sofrido, eu acho que é sofrido.”*  
São Paulo

*“Agora, eu tenho dificuldade de estabelecer limites porque eu acho a relação, uma relação desfavorável pra elas, eu fico muito dividida com algumas coisas porque eu penso assim – ganha pouco, faz todo o dia a mesma coisa, vou encher o saco dela? Às vezes eu penso uma coisa, não deixo claro porque eu falo já é muito dura a vida dela. E outra coisa, eu arrumo casa e lavo louça porque eu fico pensando que se eu chegar segunda-feira no trabalho e estiver tudo acumulado eu vou ter vontade de chutar a mesa, então eu tiro um pouco da chatice das coisas pra ela, eu arrumo, às vezes ponho roupa na máquina, lavo louça, minha filha e meu marido diziam – deixa pra ela. – não deixo pra ela porque se deixar pra mim no meu trabalho, eu vou ficar mal humorada.”*  
São Paulo

Uma outra forma, pode-se dizer mais tradicional, de tratar o relacionamento entre empregadora-empregada, é conformá-lo como uma relação afetiva, de amizade e também de proteção. É evidente que os afetos existem e podem ser verdadeiros, o que não exclui a relação concreta de trabalho vivenciada por ambas. Mas, muitas vezes, o afeto pode ser um instrumento para disciplinar e reafirmar o comando. Outras falas, que também podem ser inscritas em espaços mais tradicionais de relação, atribuem às trabalhadoras domésticas status e poderes que estas não disfrutavam concretamente, como o de serem as reais donas da casa, por exemplo.

*“Muitas são minhas amigas, uma que está em São Paulo (), outra já fui madrinha, outra já morreu, uma semana antes dela morrer pediu pra eu batizar a filha dela (...) batizei a filha, a filha dela veio morar comigo duas vezes, tentei ficar com a menina, mas a menina me deu muito problema.”* Salvador

*“Tenho uma empregada há 19 anos que é a dona da casa.”* Salvador

*“Tenho uma pessoa que vem uma vez por semana, é diarista, se eu pudesse eu faria tudo porque tem anos que ela está comigo, tenho aquela confiança, é uma amiga, quando ela está na minha casa no dia, pra mim é a pessoa mais importante naquele momento, eu digo – você é a rainha porque realmente eu não gosto de estar subindo escada (...) não me sinto bem, não gosto nem de altura, moro no 3º andar, mas nem gosto.” Salvador*

*“Eu trouxe do interior, não sabia nada (...) e eu fui ensinando a ela, ensinando e ela foi se adaptando, praticamente eduquei ela. Hoje eu tenho como minha filha, é minha amiga.” Salvador*

*“Essa senhora que está fazendo um dia na semana, ela levou seis anos comigo, ela é semi-analfabeta e só sabe ler o nome, mas é uma pessoa tão carente, tão carente que ela se grudou a mim como se eu fosse a tábuca da salvação. Agora, por quê? Porque eu dou conversa a ela, nós conversamos, trocamos idéias, oriento em uma série de coisas, então tudo o que dona Ana diz, tudo o que dona Ana falou isso é verdade porque tudo dona Ana sabe.” Salvador*

Alguns relatos descrevem os problemas na relação de trabalho e pessoal. Há eventos relacionados à má conduta das trabalhadoras e também à desrespeito por parte das empregadoras.

*“(...) acho ótimo o trabalho que ela faz, mas são pessoas que, se eu pudesse, eu não teria nunca na minha casa. Porque são pessoas que começam tudo bem, aí daqui a pouco (...) ela participa da sua vida, não só da sua vida, participa pro condomínio inteiro pras outras empregadas. Hoje em dia, os namorados e maridos são assaltantes, então é uma coisa que você tem na sua casa porque não tem jeito, quando não roubam (...). Como é que você bota uma empregada que você não conhece, que você não sabe de onde ela veio, onde nasceu () você bota uma pessoa estranha na sua casa, está lhe roubando, está quebrando as suas coisas, destruindo (...) parece que tem inveja, raiva do que você tem porque a condição dela não é igual a sua e aí ela tem inveja, usa seu perfume, usa as suas roupas escondida quando você sai...” Salvador*

*“O fato é que depois que elas se acostumam, se sentem muito à vontade, elas abusam realmente, elas se sentem até à vontade demais que você fica até, eu fico até sem graça de falar algumas coisas. Elas vão no armário, por exemplo, tem refrigerante fechado lá na dispensa, ela vai lá abre, toma, deixa aberto, não tem mais aquela coisa de falar – eu posso isso, eu posso aquilo. Acabou o sabonete, ela vai lá e pega um sabonete novo, abre. Então, assim, no começo é uma relação diferente é uma relação de empregador e empregada onde tudo você vai perguntar, tudo elas te perguntam. Depois é fato, claro você já dá até a chave da tua casa porque você tem confiança, então elas entram e acham que*

*estão em casa mesmo. Mas, nem por isso eu acho que o trato com elas é diferente, é um trato de respeito, um trato até de amizade só que eu já tive problemas, você não pode ter tanta amizade assim porque a coisa vai pro ralo.” São Paulo*

*“A última que trabalhou comigo, carteira assinada e tudo, três anos e quando ela estava pra sair, minha filha estava desconfiada dela que havia uma mala () sumia as coisas, eu perguntava pra ela () eu fui ver naquele dia, na véspera dela ir embora () por causa de um vestido que ela procurou e não sabia onde estava () meu Deus do céu não posso acreditar num negócio desses, três anos, ela morava comigo, das outras vezes que ela foi pro interior, não posso nem acreditar.” Salvador*

*“...isso tudo é verdade, como existe [também] aquela patroa que acha que não está lidando com um ser humano, que humilha porque ela é empregada doméstica, que não quer que ela coma, não dá a mesma comida, dá o resto que sobra e faz uma série de coisas também pra empregada doméstica, não olha como ser humano.” Salvador*

Uma outra linha de manifestações das participantes dos grupos focais de empregadoras domésticas descreve uma mudança no padrão de relações que, embora não isenta de conflitos, é pressentida como mais confortável. Há vários relatos de uma nascente profissionalização das posturas e relações que, se perdem a proximidade pessoal, ganham em liberdade e maior grau de respeito entre as partes.

*“Então sou profissional, fazem parte da minha vida ali, sou grata a elas, mas sou amiga quando precisa, precisa conversar, precisa chorar a gente está junto. Então, a minha relação hoje em dia é boa, muito boa assim de profissionalismo, então sou profissional, ela também, estamos ali pra trabalhar juntas e se possível vamos ser amigas.” São Paulo*

*“E existe empregada que é diarista, vai um dia na sua casa, faz aquele serviço e vai embora, e ela acha que deu conta do serviço, é uma profissional, () então, ela tem que fazer tudo naquele dia, se você só tem aquele dia com ela () um dia que você tira pra ficar em casa pra ajudar ela, pra orientar, fazer o que você quer porque depois ela vai embora, você só vai ver ela na sexta-feira que vem, da outra semana, então é meio complicado entendeu? Salvador*

*“(...) mas você também não pode fazer certas coisas porque isso também vai ser ruim pra você, você vai se envolver em coisas que não devia porque você já tem a sua vida própria, tem dois filhos, tem coisas pra resolver, então eu fui começando a ter um relacionamento menos envolvente, mas tentando ser uma coisa mais profissional. É claro que está em casa, você acaba tendo uma amizade, alguma coisa assim.” São Paulo*

*“Mas, atualmente, por exemplo, eu com a minha diarista, que vai duas vezes por semana, eu não tenho vínculos porque eu saio na hora que ela chega, o contato que a gente tem pode ser de 15 minutos e volto depois que ela já foi. Então não há muito espaço pra criar vínculos. E eu, francamente, estou gostando dessa coisa e se eu não gostei de alguma coisa que fez, que sempre tem, no máximo se for uma coisa que importa, deixo um bilhetezinho, telefone e pronto.” São Paulo*

*“Então, é uma coisa assim, por um lado, prejudica a gente em casa, mas por outro lado eu vejo que tem mais postura delas, mais atitudes autônomas também pra vida, elas escolhem, elas estão escolhendo mais.” São Paulo*

### **2.4.3 PROTEÇÃO SOCIAL E LEGAL PARA O TRABALHO DOMÉSTICO**

O roteiro de temas para o grupo focal das empregadoras de trabalhadoras domésticas incluiu também toda uma série de questões sobre os direitos no trabalho das trabalhadoras domésticas. Estes temas foram incluídos por muitos motivos.

Um primeiro objetivo era não somente para ouvir as opiniões das empregadoras sobre o tema, mas também para procurar estabelecer indícios do grau de conhecimento sobre esses direitos que as pessoas contratantes de empregadas domésticas dispunham.

Também se buscava, com uma pergunta direta, que foi feita nas duas cidades, conhecer as opiniões sobre a baixa formalização dos contratos das trabalhadoras.

Estes itens visavam mapear visões, críticas e necessidades para recolher, em seguida, as sugestões de medidas e políticas que dispunham as empregadoras.

Nesta mesma direção, buscou-se levantar alguns indícios sobre o conhecimento e avaliação da Lei nº 11.324/2006, para complementar o conjunto de subsídios que pudessem ser úteis à elaboração de políticas para as trabalhadoras domésticas.

Ainda que nos grupos estes temas estivessem distribuídos em dois momentos diferenciados, na prática um tema levou ao outro, e assim optou-se por sua exposição em conjunto, o que fornece um quadro mais coeso das opiniões e sugestões recebidas.

Este item, por fim, visava conhecer um pouco da organização das empregadoras de trabalhadoras domésticas – por exemplo, em Salvador, há uma associação de donas de casa atuante-, pois a existência de interlocutoras organizadas é um requisito importante para o diálogo social.

As empregadoras que participaram dos grupos focais trataram da questão dos direitos das trabalhadoras domésticas, incluindo portanto, o tema da formalização de seus contratos, em várias perspectivas: do tipo de contrato – como mensalistas ou diaristas e do seu significado para as pessoas que as empregam.

Em relação aos direitos que já disfrutavam as trabalhadoras ou sua extensão, as empregadoras presentes concordavam com esses direitos, porém com ressalvas. Uma das participantes manifestou dúvidas quanto à aplicação destes direitos às domésticas.

*“E com relação aos direitos, eu acho que realmente como todo trabalhador ela tem realmente esses direitos, infelizmente a gente não tem a condição de manter (...)” Salvador*

*“Eu concordo com esses direitos que a empregada doméstica, a mensalista tem. O FGTS como opcional também concordo [que] seja posta em prática a obrigatoriedade. Agora, faço uma pergunta: a empregada doméstica que dorme no emprego, que toma café, almoço, janta, usa a nossa água, energia, participa da nossa vida, como ficaria?” Salvador*

*“Eu acho que essa questão de formalização, registro em carteira, estabilidade, fundo de garantia, ela é uma coisa que não é muito aplicável ao empregado doméstico porque muitas vezes o próprio empregador não tem isso, não tem fundo de garantia, não tem carteira, então é complicado.” São Paulo*

*“A minha empregada trabalha três dias em casa, mas ela é considerada por mim mensalista, ela ganha 13º e férias de 30 dias. Eu dou dois dias pra ela que ela ganha bem mais, lógico, no mesmo prédio, então são facilidades. Agora, se tiver fundo de garantia vai ficar difícil, acho que não tem muito a ver.” São Paulo*

Para as pessoas que participaram dos grupos focais, as maiores ressalvas em torno a este tema, e que são também aquelas que explicam a baixa taxa de registro em carteira devem-se aos seguintes fatores:

- um problema de custos para as empregadoras;
- a falta de especialização profissional das trabalhadoras;
- receio quanto a temas como assiduidade ao trabalho ou algo que se poderia reunir sob o quesito disciplina/responsabilidade da trabalhadora doméstica;
- diferenças entre diaristas e mensalistas em termos de contratos e benefícios.

Em relação aos custos associados à contratação formal, as empregadoras levantaram objeções face ao fornecimento de refeições, banho e outros itens às trabalhadoras, ao baixo poder aquisitivo ou à perda de poder aquisitivo da classe média *vis a vis* os salários das domésticas; à mudança de situação ocupacional da empregadora como aposentadoria, por exemplo; ao valor desses encargos quando comparados com os planos de assistência médica privada que as pessoas pagam.

Algumas falas consideraram que as trabalhadoras são prejudicadas pelo excesso de exigências legais. E outra pessoa manifestou seu desconforto em relação ao não reconhecimento do vínculo empregatício.

*“Prejudicou porque muita gente que tinha uma empregada uma diarista () porque não vai poder pagar porque como a aposentadoria em geral é um salário, é pequeno, é baixo () não vai ter condições de pagar uma pessoa, uma diarista na sua casa com ela com todos esses direitos senão você vai trabalhar*

*pra ela, você trabalha pra sobreviver ou você trabalha pra pagar a empregada, você tem que dar um jeito na sua vida e manter ela na sua casa.” Salvador*

*“(...) e aí como é que fica se a pessoa não tem condição de pagar e uma pessoa às vezes também não tem condições de fazer um outro tipo de serviço, como é que fica essa pessoa? Mais um desempregado, porque se você não pode pagar um salário mínimo pra uma pessoa, aí você faz uma proposta a ela de trabalhar meio turno e pagar meio salário mínimo a ela, mas aí você corre o risco, porque tem outras coisas por aí em jogo. E aí, como é que fica essa pessoa? É melhor ela ter R\$ 250,00 do que ela não ter nada, melhor ela ter R\$ 300,00 do que ela não ter nada, é válido?” Salvador*

*“(...) o que eu percebo de amigas que eu converso sobre essa questão é que realmente as pessoas têm medo de duas coisas: daquilo que eu me referi de muitas faltas, muitas ausências quando o emprego está formalizado e de outro lado, o nível econômico da classe média brasileira, da maioria, ele não anda tão elevado assim, os serviços domésticos passaram a ser, tiveram uma aceleração em sua remuneração depois do plano real, como todos os serviços pessoais tiveram, que passaram a tomar uma parcela maior dos nossos salários” São Paulo*

*“Todos esses direitos eu concordo pra esse trabalhador () a começar pela minha aposentadoria, mas todos esses direitos pelo poder aquisitivo, como ela falou aí, veio a prejudicar a própria trabalhadora principalmente porque ela não tem tanta classificação assim pra fazer jus a esses direitos todos.” Salvador*

*“(...) eu não acho que eu estou realmente correta com isso, eu não me sinto realmente correta, eu acho que o correto seria registrar e pagar o que fosse de direito, mas eu não estou tendo condição de fazer isso e também não posso ficar sozinha, então é aquela coisa que você dá um jeito intermediário no negócio pra você poder dar um jeito na coisa.” São Paulo*

Os motivos mencionados acima, além de possíveis extensões, como a obrigatoriedade do recolhimento do FGTS, ou a continuidade da valorização do salário mínimo, são motivos para a mudança de modalidade de contratação, ausência de registro em carteira, recusa ao pagamento do novo benefício ou mesmo a avaliação da possibilidade de dispensa dos serviços. Há também a combinação de pagar alguns direitos e não registrar em carteira.

*“Eu não teria muito problema assim de não ter, eu já estou até pensando quando esse salário mínimo aumentar se eu vou continuar () ela vai me por na justiça. Há um tempo que eu estou sem por ela pra assinar os recibos.” Salvador*

*“(...) ela falou – olha estão vendo sobre fundo de garantia, da gente ter fundo de garantia. Eu fui assim sincera pra ela – eu não vou pagar fundo de garantia pra você, só se for realmente obrigada por lei porque eu não tenho aqui na minha casa, você não faz uma atividade produtiva que eu pego o seu trabalho, vendo e faço alguma coisa, eu não tenho de onde tirar esse fundo de garantia, como eu vou fazer isso? Então assim, é justo pra elas? Acho que é, mas da onde eu vou tirar? O salário dela eu pago com o que eu ganho, eu vou tirar de onde isso?” São Paulo*

*“A última pessoa que eu tive lá em casa fixa ficou de 2003 até o ano passado, até novembro do ano passado, eu não registrei, eu tive várias mudanças com ela assim de comportamento em casa, ela começou como mensalista depois eu fui mudando pra dias da semana e fazendo pacote de salário fixo, mas essa coisa que pagar pra ela 13º e férias, eu fui a primeira pessoa que fez isso na vida dela inteira e ela está com 49 anos, eu fui a primeira, eu falei – eu não vou te registrar, mas eu vou te dar os teus direitos.” São Paulo*

*“Aí a pessoa pensa: vou ter que pagar 13º, vou ter que pagar férias, vou ter que pagar INSS, a pessoa põe isso na ponta do lápis e às vezes fica complicado tanto que você vê que começa a proliferar como eu, por exemplo, eu sempre tive minhas empregadas registradas, mesmo na época que não era obrigação, elas receberam férias, 13º, se sou que mando embora sempre calculei direitos ou eu mesma ajudei a providenciar outro trabalho, mas as pessoas partem pra esses acordos, tipo três dias por semana...” São Paulo*

Uma outra menção foi ao tema da recusa das próprias trabalhadoras para o registro em carteira – por vergonha da atividade, por não quererem tornar-se mensalistas. Em adição aos outros motivos, esta seria também uma das causas da baixa formalização do trabalho doméstico.

*“Mas, tem essa coisa da empregada não querer ser empregada na carteira profissional.” São Paulo*

*“(...) essa menina está comigo há 13 anos, ela trabalha três dias na minha casa, dois dias em outra casa e trabalhava aos sábados e agora ela deixou (). Então, por várias vezes eu já propus a ela, ela trabalhar só lá em casa, eu assinar a carteira, ela não quer e ela diz porquê – eu não quero porque eu como empregada doméstica só numa casa eu ganho um salário mínimo e trabalhando em várias casas eu tiro dois.” Salvador*

*“(...) sempre partiu de mim por quê? Porque ela realmente não gosta e só acabam, muitas vezes aceitando de bom grado porque senão não vão ter o emprego ou quando você diz – vamos pensar os meses, elas acabam pedindo*

*pra você registrar porque ela vai fazer uma compra e ela precisa pra liberar um crediário, uma coisa assim, aí elas falam, mas elas já falam – depois eu vou tirar outra carteira.” São Paulo*

Há uma demanda por um trabalho mais qualificado, às vezes ambígua – porque sua ausência é utilizada para justificar o não reconhecimento do vínculo empregatício. Em outros momentos, a necessidade de capacitação profissional foi mencionada como forma de resolver conflitos. Mas também foi entendida em uma das falas como uma possibilidade para a modernização das relações entre trabalhadoras e empregadoras, via um relacionamento mais profissional, menos pessoal e com uma prestação de serviços mais eficaz.

*“Agora, uma coisa que é necessária e que precisariam as entidades que cuidam, seja: sindicatos, profissionalizar essas relações. Então, você vai faltar, telefona, mas não, telefona 5 minutos antes da hora de chegar. Se você já sabe que amanhã você não vai, liga ontem, () em geral telefona na hora que deveria estar chegando, (). Então, eu acho que essa parte de educação, de responsabilidade de trabalho, tem que fazer parte do ideário de quem está trabalhando e da dona de casa.” Salvador*

*“Essa questão de valorização do serviço, eu acho que faz parte da qualificação. Agora, a qualificação da doméstica se iguala quase a todo problema da educação, passa pela educação da população brasileira no mesmo nível das outras profissões. Então, passa por essa educação do ensino básico, da educação de toda a população, é um problema assim geral do país. O problema geral é falta de qualificação profissional.” São Paulo*

*“Se essas profissionais fossem, de fato, mais profissionais, se treinadas por entidades ou entidades de classe ou programa do governo ou algum outro tipo, poderia ser feito como se faz na Europa e nos Estados Unidos que é um serviço remunerado por hora, você trabalha por hora, mas você trabalha por hora. Uma empregada na Europa tem quatro horas de trabalho, ela limpa um apartamento de três quartos, ela não vai passar a tua roupa, ela não vai lavar, não vai cozinhar, mas ela deixa a tua casa um brinco em quatro horas. Ela não espera tomar café na tua casa, ela não vai tomar lanche e não vai bater muito papo não, ela vai e trabalha das 8 ao meio-dia, é esse horário e você vai pagar tanto por hora, ela recebe, vai embora e pega mais uma casa e trabalha mais duas horas, mas é de uma eficiência impar.” São Paulo*

*“(…) falta é treinamento, acho que se elas tivessem mais treinamento antes, porque há uma necessidade de conhecer também as necessidades da criação, a formação, como disse aqui a (...), o que é passado pra essa classe, essas*

*mulheres que poderiam ter um pouco mais de cultura, alguma coisa mais sólida, alguma coisa que as ajudasse.” Salvador*

*“A pessoa tem receio de ser cobrada no trabalho/hora, na tarefa/hora, mas no frigar dos ovos, a classe toda sai prejudicada porque acaba sendo mais explorada de várias formas. Então, eu acho que a questão da formação, do treinamento, da conscientização é muito importante e do lado do empregador também, aquela pessoa não te pertence, ela vem pra fazer um trabalho e ela vai fazer esse trabalho dentro dessas condições e nesse horário.” São Paulo*

Embora muitas das empregadoras presentes aos grupos mencionassem a legislação e os direitos das trabalhadoras domésticas, há um grande nível de dúvidas – particularmente em relação às diferenças entre diaristas e mensalistas. Sobre toda a questão legal – de direitos e deveres de ambas as partes, há também uma grande dose de desinformação, pois muitas das afirmações feitas a esse respeito são imprecisas, quando não equivocadas.

Assim, foi colocada a necessidade de melhorar os conhecimentos de empregadoras e trabalhadoras a esse respeito.

*“Eu acho que você está equivocada, a gente não pode mais descontar nada da empregada doméstica, café da manhã, almoço, nada.” Salvador*

*“(…) eu acho que o que falta também, como eu disse, é ainda um processo em formação a questão da legislação com relação a empregada doméstica que é uma legislação até esparsa, não faz parte da CLT, então seria interessante melhorar essas informações tanto pra quem emprega quanto pras empregadas.” São Paulo*

*“A faxineira por que tem que ter o mesmo valor da diarista? O que é definido pra uma diarista fazer, pra uma faxineira fazer ” Salvador*

Quanto às sugestões de políticas ou medidas, as empregadoras reconhecem a necessidade de estabelecer uma jornada de trabalho, mas elaboram propostas em desacordo com a legislação, como a de proporcionalidade do pagamento do salário mínimo conforme os dias trabalhados na semana.

*“Pode ser estabelecido uma jornada, claro () esse negócio da empregada não ter um horário como todo ser humano tem, todo trabalhador tem, isso é uma falha (), mas deveria ser determinado sim.” Salvador*

*“No meu caso mesmo, que são três vezes, eu sugeriria assim...Três dias na semana já é vínculo. Aí eu sugeriria assim, se são três dias, o salário mínimo é tanto, faria uma porcentagem de três dias e eu assinaria a carteira numa boa,*

*assinaria com o INSS e tudo, mas que fosse só os três dias em relação ao salário mínimo, proporcional, ia ser muito melhor desse jeito.” Salvador*

Várias empregadoras sugeriram uma campanha de valorização do trabalho doméstico, como forma de promover a auto estima das mulheres ocupadas nesta profissão, valorizar o trabalho doméstico na sociedade e fomentar o registro em carteira tanto entre as trabalhadoras como entre as empregadoras.

*“Acho que pra você ter uma formalização, você tem que ter primeiro uma valorização, eu acho que isso a Secretaria pode fazer, acho que é uma coisa interessante a ser feita e sempre levantar essas questões que o estado não cuida de um velho e criança também não tem creche suficiente. Então, além do serviço que todas elas fazem, esses dois pelo menos, eles estão ocupando um espaço que o estado não faz e a mãe também vai ter que batalhar dinheiro fora.” São Paulo*

*“Eu acho que o governo poderia fazer uma campanha de valorização da auto-estima e da importância do trabalho doméstico, isso não é difícil, pra acabar com esse negócio de sujar a carteira, eu acho que isso é possível ser feito, não é tão difícil assim. Você faz campanhas institucionais, se você colocar essa questão pelo menos ela é discutida e colocar a importância do registro da empregada e a importância dela numa casa, na economia de uma casa.” São Paulo*

*“ (...) a gente está falando em conscientizar as empregadas domésticas, tudo isso, mas eu acho que os empregadores também, porque, claro, é um direito você registrar tudo isso, mas o que os empregadores às vezes não percebem ou não levam em conta, se houver um acidente de trabalho, a indenização, o risco que o empregador corre é muito alto.” São Paulo*

*“Então, eu acho que a doméstica, a empregada não tem a noção do trabalho que ela faz, ela não sabe bem pra que o trabalho dela serve porque não foi talvez por nossa culpa até, não foi explicado que às vezes é necessário parar de trabalhar pra tomar conta de uma criança e se for deixar com uma empregada tem que ser com uma pessoa qualificada que é a grande dúvida da maioria de todos nós. E outra coisa, é ter orgulho desse trabalho, o orgulho de ter o nome na carteira, se ela é ridicularizada – ah empregada doméstica, se está na carteira, elas dizem mesmo que vai sujar a carteira, é um absurdo. Eu não sei, eu acho que esse é um outro problema a ser resolvido também juntamente com esta segurança, toda esta estabilidade que ela deve ter.” São Paulo*

Dentre as sugestões e comentários, duas menções foram feitas a medidas recentes de proteção legal e social. Uma das empregadoras mencionou sua concordância com a Lei 11.324/2006, que facultou o desconto da parte relativa ao empregador no Imposto de Renda da Pessoa Física no pagamento do INSS de uma trabalhadora doméstica.

Um último tema tratado foi sobre a organização das empregadoras de trabalhadoras domésticas. Duas das pessoas presentes conheciam alguma associação ou já haviam utilizado seus serviços.

*“Conheço a associação dos empregadores, qualquer serviço é uma taxa muito alta, mas eles trabalham e trabalham acho que melhor do que, claro pelo próprio nível e cobrança tudo isso, de serem mais bem informados, eu acho que trabalham melhor que o sindicato das empregadas, que às vezes causa uma celeuma muito grande, também já tive contato com eles.” São Paulo*

*“Numa ação trabalhista ela agiria ou seria o apoio da empregadora, seria como o sindicato patronal, é um sindicato patronal, não é sindicato, mas tem essa função. Então, é como a empregada, vamos supor você é um mau patrão, a empregada pode recorrer ao sindicato delas e como o empregador também, aí há uma conciliação de partes, então serviria pra isso, pra alertar sobre a legislação, pra repassar quais são os direitos da empregada, mas também as suas obrigações, então isso é importante também ter.” São Paulo*

É interessante notar que foi também discutido o sindicato das trabalhadoras e sua relação com ele. No que se refere aos direitos das trabalhadoras, uma pessoa lembrou a importância da organização sindical nessas conquistas, mencionando as dificuldades das trabalhadoras domésticas nesse aspecto.

*“(...) eu acho que em geral, não sabem que tem um sindicato de classe, não sabem, acho que à maioria não sabe e também não contam com isso pra sua vida, mesmo que saibam, não sabe qual é o papel disso na vida delas, que poderia fazer por elas, nem nada.” São Paulo*

*“(...) também não sei como que está essa coisa do sindicato, como é que está atuando na vida delas, eu realmente não sei, mas eu acho que se tivesse que haver a qualificação, acho que teria que partir lá deles essa qualificação, de promover uma qualificação profissionalizante, promover, eu acho que seria muito legal, eu acho que seria legal pra elas, seria legal também pros empregadores (...).” São Paulo*

*“Eu acho que todas as atividades de trabalho hoje elas estão de uma certa forma disciplinadas pela lei porque houve todo um processo de evolução, reivindicações, mobilização nesse sentido e por elas exercerem, acredito eu,*

*um trabalho isolado, solitário, faltou esse aspecto de mobilizar como uma categoria fazendo melhores reivindicações.” São Paulo*

#### **2.4.4 AVALIAÇÃO**

Em todos os grupos, para o encerramento dos trabalhos, pedia-se às participantes que avaliassem a atividade realizada. Nos grupos das empregadoras, a atividade foi bem avaliada, e uma das participantes mencionou a importância que tinha, a seu ver, um espaço para ser ouvida.

*“Eu acho interessante que pela primeira vez a gente teve a oportunidade de colocar o nosso ponto de vista em relação à empregada doméstica ou diarista, as dúvidas e as dificuldades que a gente tem pra lidar com elas. E eu espero realmente que seja elaborado um projeto que melhore a nossa relação pra elas e pra gente também.” Salvador*

**CAPÍTULO 3****MULHERES DEDICADAS AOS AFAZERES DOMÉSTICOS: QUEM CUIDA DAS DONAS DE CASA?**

Esta pesquisa tem seu foco no trabalho doméstico tanto remunerado como não remunerado. Como já bastante enfatizado, as tarefas domésticas são usualmente executadas pelas mulheres – estejam elas no mercado de trabalho ou não, recebam por estes serviços ou não.

No capítulo anterior, a discussão esteve focalizada no trabalho doméstico remunerado e foram ouvidas as mulheres que o realizam e as mulheres que contratam outras pessoas para esta atividade profissional.

Há, no entanto, um terceiro grupo – o das mulheres dedicadas aos afazeres domésticos e que não possuem inserção no mercado de trabalho. Por estranho que pareça, as donas de casa são talvez o grupo mais desconhecido entre estes.

Estar em casa cuidando da família e dos seus afazeres é um papel tradicional das mulheres – com o qual romperam quando - em número crescente – dirigiram-se ao mercado de trabalho. No entanto, muitas mulheres ali permaneceram – por escolha ou por falta de opção, ou a ele retornaram – pelo desemprego, para cuidar dos filhos, entre outras razões.

Uma vez dedicadas ao trabalho reprodutivo, imergem neste espaço de invisibilidade e passam também a ser definidas pela negativa. As donas de casa são as que “não trabalham” ou não exercem atividade produtiva ou não estão no mercado de trabalho.

Desde o ponto de vista clássico da inserção nas atividades econômicas, as donas de casa pertencem ao conjunto dos inativos, isto é, das pessoas em idade de trabalhar que não se dirigiram ao mercado para buscar um posto de trabalho ou dedicar-se a uma ocupação.

**Inativas?**

Nos anos recentes, estudos preocuparam-se com esta noção, particularmente para definir melhor o que significa estar ocupada em um mercado de trabalho heterogêneo (com carteira, sem carteira, como autônoma etc, há muitas possibilidades) e em situações continuadas de crise do emprego, quando a dificuldade de encontrar um posto de trabalho conduz a trabalhos precários e inconstantes ou ao desalento com a cessação da busca por emprego.<sup>19</sup>

Parte das mulheres que permanecem no cuidado dos lares certamente estarão descritas pelas situações previstas nestes conceitos. Mas há outras dimensões a serem avaliadas, que dizem respeito ao ciclo de vida – mulheres com idade mais avançada, mulheres com filhos que retornam à casa. Mulheres que cuidam das outras mulheres e homens que estão no mercado de trabalho.

A discussão das redes de cuidado e das dificuldades de conciliação entre trabalho e família também lançaram alguma luz neste espaço: as mulheres que permanecem em casa cumprem um papel crucial na cadeia de cuidado que mantém as necessidades dos indivíduos atendidas.

---

<sup>19</sup> Aquilini e Costa. 2003

As mulheres *inativas*, além de cuidar de sua própria casa, estendem este cuidado a filhos, netos, conhecidos, vizinhos, doentes e outros, preenchendo as lacunas dos serviços públicos.

A situação das donas de casa é a mais dependente (muitas não dispõem de renda própria) sendo também profundamente desprotegidas socialmente.

Para visualizar e dimensionar esse grupo da população, o DIEESE buscou encontrar uma definição que melhor descrevesse o que são e o que fazem. Assim, chegou-se à definição utilizada neste estudo e que permitiu encontrar algumas informações importantes sobre elas nas pesquisas domiciliares realizadas no país – a PED e a PNAD.

Assim, este estudo conceitua como donas de casa as mulheres de 16 anos e mais (a idade legal para o trabalho no Brasil) que se dedicam exclusivamente aos afazeres domésticos. Ou seja, são as mulheres que, ainda que não estejam no mercado de trabalho (donde sua condição de atividade é inativa), realizavam exclusivamente tarefas domésticas. Essa definição exclui as mulheres que são estudantes ou que são inválidas, por exemplo.

Essa definição permitiu encontrar nas pesquisas um conjunto importante de pessoas e algumas de suas principais características no momento considerado pelas estatísticas utilizadas.

Assim, antes da exposição dos resultados dos grupos focais, serão apresentados os dados relativos ao Brasil e às regiões metropolitanas de Salvador e São Paulo.

### **3.1 Características das Donas de Casa no Brasil e nas Regiões Metropolitanas de São Paulo e Salvador**

Para traçar o perfil das donas de casa no Brasil, é importante saber quantas são as mulheres, segundo sua condição de ocupação, que realizam afazeres domésticos.

As mulheres em idade ativa no Brasil (consideradas a partir de 16 anos e mais) eram cerca de 74 milhões, no ano de 2009. Destas, 43,6 milhões eram ativas, isto é, estavam no mercado de trabalho, como ocupadas ou desempregadas (Tabela 24).

Outras 30,5 milhões de mulheres eram inativas, ou seja, não estavam em uma ocupação no mercado de trabalho ou buscando um posto de trabalho.

Cerca de 90% das mulheres realizavam tarefas domésticas. Entre as mulheres inativas, 88,8% realizavam esses afazeres domésticos e, entre as ativas, 90,61% ocupavam-se também das tarefas em casa. Ou seja, continua reforçado o diagnóstico de dupla jornada de trabalho das brasileiras ocupadas no mercado de trabalho e de que as mulheres se ocupam intensamente das tarefas do lar.

Entre as mulheres ativas, cerca de 4,7 milhões estavam desempregadas (desocupadas) e 95% delas realizavam afazeres domésticos. Entre as ocupadas, 38,8 milhões, 90% realizavam afazeres domésticos (Tabela 25). Ou seja, o desemprego se combina a uma intensa jornada doméstica.

Mas, o nosso foco de atenção são as mulheres inativas que realizavam afazeres domésticos – elas são as chamadas donas de casa e somam mais de 27 milhões de mulheres.

**TABELA 24**  
**Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais por condição de atividade e dedicação a afazeres domésticos**  
**Brasil, 2009**

Categoria	2009	
	População	%
<b>Total de mulheres</b>	<b>74.105.985</b>	-
<i>Inativas</i>	30.497.807	100,0
Realizavam afazeres domésticos	27.083.293	88,8
Não realizavam afazeres domésticos	3.414.514	11,2
Ignorado	-	-
<i>Ativas</i>	43.608.178	100,0
Realizavam afazeres domésticos	39.511.847	90,6
Não realizavam afazeres domésticos	4.096.331	9,4
Ignorado	-	-

Fonte: IBGE. PNAD  
 Elaboração: DIEESE

**TABELA 25**  
**Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais por condição de ocupação e dedicação a afazeres domésticos. Brasil, 2009**

Categoria	2009	
	População	%
<b>Total de mulheres</b>	43.608.178	-
<i>Desocupadas</i>	4.747.178	100,0
Realizavam afazeres domésticos	4.518.447	95,2
Não realizavam afazeres domésticos	228.731	4,8
Ignorado	-	-
<i>Ocupadas</i>	38.861.000	100,0
Realizavam afazeres domésticos	34.993.400	90,0
Não realizavam afazeres domésticos	3.867.600	10,0
Ignorado	-	-

Fonte: IBGE. PNAD  
 Elaboração: DIEESE

O tempo dedicado a afazeres domésticos é considerável, qualquer seja a condição das mulheres, como demonstra a Tabela 26.

As donas de casa (inativas com afazeres domésticos) e as mulheres desempregadas têm as maiores jornadas de afazeres domésticos - cerca de 27% das donas de casa utilizam mais de 41 horas semanais de afazeres domésticos e cerca de 24% dispendem entre 21 e 30 horas semanais nas tarefas de casa.

Entre as mulheres ocupadas, 30,3% realizam entre 11 e 20 horas de afazeres domésticos e 26,5% entre 21 e 30 horas semanais, números muito semelhantes aos dados desagregados observados quando se separa a trabalhadora ocupada da trabalhadora desempregada, demonstrando que além das longas jornadas de trabalho já realizadas em sua vida laboral, a

mulher trabalhadora ainda enfrenta outra jornada em seu lar. Entre as desempregadas, mais de 36% dedicavam mais de 30 horas de afazeres domésticos.

**TABELA 26**  
**Distribuição das mulheres de 16 anos ou mais, que cuidavam dos afazeres domésticos, por horas semanais dedicadas ao afazeres domésticos, condição de atividade e ocupação**  
**Brasil, 2009**

<b>Categoria</b>	<b>População</b>	<b>%</b>
<b>Inativas com afazeres domésticos</b>		
Até 10 horas	3.316.354	12,2
Entre 11 e 20 horas	5.234.094	19,3
Entre 21 e 30 horas	6.470.925	23,9
Entre 31 e 40 horas	4.783.462	17,7
41 horas ou mais	7.278.458	26,9
<b>Total</b>	<b>27.083.293</b>	<b>100,0</b>
<b>Ativas com afazeres domésticos</b>		
Até 10 horas	8.969.272	22,7
Entre 11 e 20 horas	11.956.334	30,3
Entre 21 e 30 horas	10.454.172	26,5
Entre 31 e 40 horas	4.253.994	10,8
41 horas ou mais	3.878.075	9,8
<b>Total</b>	<b>39.511.847</b>	<b>100,0</b>
<b>Ocupadas com afazeres domésticos</b>		
Até 10 horas	8.254.234	23,6
Entre 11 e 20 horas	10.950.579	31,3
Entre 21 e 30 horas	9.281.566	26,5
Entre 31 e 40 horas	3.562.799	10,2
41 horas ou mais	2.944.222	8,4
<b>Total</b>	<b>34.993.400</b>	<b>100,0</b>
<b>Desocupadas com afazeres domésticos</b>		
Até 10 horas	715.038	15,8
Entre 11 e 20 horas	1.005.755	22,3
Entre 21 e 30 horas	1.172.606	26,0
Entre 31 e 40 horas	691.195	15,3
41 horas ou mais	933.853	20,7
<b>Total</b>	<b>4.518.447</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. PNAD  
 Elaboração: DIEESE

Do total de donas de casa, cerca de 22 milhões tinham algum tipo de rendimento. Dessas, 82,7% tinham rendimento até um salário mínimo e cerca de 9% tinham rendimento entre 1 e 2 salários mínimos. Esses dados demonstram o baixo patamar de rendimentos, que pode ocasionar forte dependência dessas mulheres em relação às outras rendas familiares (Tabela 27).

A renda familiar *per capita* das donas de casa também não é alta. Cerca de 81% delas estão em famílias com renda *per capita* de até 2 salários mínimos, sendo que a maior concentração, 28,9%, se dá na faixa de meio a 1 salário mínimo. (Tabela 28)

**TABELA 27**  
**Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por faixas de rendimento mensal de todas as fontes**  
**Brasil, 2009**

Categoria	2009	
	População	%
Até 1 SM	22.400.632	82,7
Mais de 1 a 2 SM	2.414.867	8,9
Mais de 2 a 3 SM	821.215	3,0
Mais de 3 a 4 SM	444.516	1,6
Mais de 4 a 5 SM	296.992	1,1
Mais de 5 SM	559.742	2,1
Sem declaração	145.329	0,5
<b>Total</b>	<b>27.083.293</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. PNAD  
 Elaboração: DIEESE

**TABELA 28**  
**Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que se cuidavam dos afazeres domésticos, por faixas de rendimento mensal familiar per capita**  
**Brasil, 2009**

Categoria	2009	
	População	%
Até 1/8 SM	1.611.013	5,9
Entre 1/8 e 1/4 SM	1.664.027	6,1
Entre 1/4 e 1/2 SM	5.065.142	18,7
Entre 1/2 e 1 SM	7.831.897	28,9
Entre 1 e 2 SM	5.940.803	21,9
Entre 2 e 3 SM	1.943.295	7,2
Mais de 3 SM	2.192.924	8,1
Renda não determinada	834.192	3,1
<b>Total</b>	<b>27.083.293</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. PNAD  
 Elaboração: DIEESE

Em relação à cor, a proporção entre brancas e negras é muito semelhante como se observa na Tabela 29, que mostra que 50,4% são brancas e 48,8% são negras. As mulheres indígenas, amarelas e outras não declaradas somavam somente 0,8% das donas de casa. (Tabela 29)

**TABELA 29**  
**Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por cor/raça**  
**Brasil, 2009**

Cor/raça	2009	
	População	%
Branca	13640889	50,4
Negra	13213680	48,8
Outras <sup>(1)</sup>	228724	0,8
<b>Total</b>	<b>27083293</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. PNAD

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A categoria outros inclui amarelas, indígenas e não declarada. Negras inclui pretas e pardas.

Segundo faixa etária, quase um terço das donas de casa (30,1%) se encontra na faixa de 60 anos ou mais. A menor participação é de mulheres entre 25 e 29 anos, com apenas 7,6% do total, provavelmente por sua entrada no mercado de trabalho e o adiamento da maternidade. Há também uma larga faixa de donas de casa de 16 a 24 anos. Todos os problemas que rondam as moças – abandono escolar, gravidez precoce, cuidado de irmãos e irmãs menores ou de pessoa idosa, recomendam melhor compreensão deste ponto em futuros estudos.

**TABELA 30**  
**Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por faixa etária**  
**Brasil, 2009**

Categoria	2009	
	População	%
16 a 24 anos	5.271.974	19,5
25 a 29 anos	2.058.875	7,6
30 a 39 anos	3.564.654	13,2
40 a 49 anos	3.644.010	13,5
50 a 59 anos	4.400.902	16,2
60 anos ou mais	8.142.878	30,1
<b>Total</b>	<b>27.083.293</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. PNAD

Elaboração: DIEESE

As donas de casa estão em maior proporção nas famílias compostas por um casal, cujos filhos têm 14 anos ou mais (correspondem a 23,6% das donas de casa) e nas famílias com um casal que tem todos os filhos menores de 14 anos (18,3%). Há um contingente expressivo das donas de casa (13,8%) vivendo em arranjos domésticos compostos pela mãe com todos os filhos de 14 anos ou mais.

**TABELA 31**  
**Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por tipo de família**  
**Brasil, 2009**

Categoria	2009	
	População	%
Casal sem filhos	4.757.338	17,6
Casal com todos os filhos menores de 14 anos	4.946.139	18,3
Casal com todos os filhos de 14 anos ou mais	6.383.423	23,6
Casal com filhos menores de 14 anos ou de 14 anos ou mais	2.538.913	9,4
Mãe com todos os filhos menores de 14 anos	800.333	3,0
Mãe com todos os filhos de 14 anos ou mais	3.732.414	13,8
Mãe com filhos menores de 14 anos ou de 14 anos ou mais	489.194	1,8
Outros tipos de família	3.435.539	12,7
<b>Total</b>	<b>27.083.293</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. PNAD  
 Elaboração: DIEESE

Outro dado de destaque se refere à escolaridade dessas mulheres. Como se observa na Tabela 32, 41% dessas mulheres têm até o fundamental incompleto, 18,1% possuem o ensino médio completo e 15,6% são sem instrução. Somente 6,6% estão cursando o ensino superior ou já o concluíram.

Os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED, realizada em cinco regiões metropolitanas e também em Brasília, apontam que, em 2009, havia cerca de 6 milhões de mulheres na condição de inativas sendo 2,9 milhões na região metropolitana de São Paulo, 47% do total, e 650 mil na região metropolitana de Salvador, 10% do total.

Segundo a definição adotada, dessas, cerca de 3 milhões ou 48% do total de inativas, realizavam afazeres domésticos. Na região metropolitana de São Paulo, 55% das mulheres inativas ou 1,6 milhões de pessoas, realizavam afazeres domésticos. Na área metropolitana de Salvador, 39% realizavam afazeres domésticos, que correspondia a 254 mil mulheres.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Há uma clara diferença na proporção de donas de casa entre os resultados do país, segundo a PNAD, e as regiões metropolitanas, segundo a PED. Seria importante aprofundar os cortes e métodos para descobrir quais as razões desta diferença – se são critérios metodológicos ou diferenças nos espaços onde ocorrem.

**TABELA 32**  
**Estimativa das mulheres de 16 anos ou mais, inativas, que cuidavam dos afazeres domésticos, por escolaridade**  
**Brasil, 2009**

Categoria	2009	
	População	%
Sem Instrução	4.220.182	15,6
Fundamental incompleto	11.129.572	41,1
Fundamental completo	2.713.459	10,0
Médio incompleto	2.243.660	8,3
Médio completo	4.905.217	18,1
Superior incompleto	646.268	2,4
Superior completo	1.132.355	4,2
Não determinado	92.580	0,3
<b>Total</b>	<b>27.083.293</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE. PNAD  
 Elaboração: DIEESE

**TABELA 33**  
**Estimativa de mulheres inativas, total e com afazeres domésticos na semana de referência, de 16 anos ou mais**  
**Regiões Metropolitanas <sup>(1)</sup> e Regiões Metropolitanas de São Paulo e Salvador – 2009**

Atributos	(em 1.000 pessoas)
	2009
<b>Inativas de 16 anos ou mais</b>	
<b>Regiões Metropolitanas (1)</b>	<b>6.309</b>
<b>Região Metropolitana de São Paulo</b>	<b>2.948</b>
<b>Região Metropolitana de Salvador</b>	<b>650</b>
<b>Com afazeres domésticos</b>	
<b>Regiões Metropolitanas (1)</b>	<b>3.043</b>
<b>Região Metropolitana de São Paulo</b>	<b>1.626</b>
<b>Região Metropolitana de Salvador</b>	<b>251</b>

Fonte: Convênio Dieese – Seade; NITE – FAP e convênios regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

Nota: (1) Correspondem ao total das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e Distrito Federal

Alguns atributos das donas de casa coincidem enquanto outros apresentam diferenças, quando observada a região metropolitana de São Paulo em relação à região metropolitana de Salvador.

Nas duas regiões, preponderam as donas de casa que são cônjuges – elas são 80,2% e 77,5% em São Paulo e Salvador, respectivamente. Entre as donas de casa na região metropolitana de Salvador, o percentual de chefes de famílias é de 12,1%, muito próxima ao de São Paulo, que é de 10,7% e ambos são bem inferiores à média nacional entre todas as mulheres, que se aproxima de 30%.

Em relação à faixa etária, a maior concentração nas duas regiões se dá na faixa de 25 a 39 anos (28,3% das donas de casa em São Paulo e 31,9% em Salvador). A proporção de mulheres com mais de 60 anos é baixa, com apenas 18,9% na região metropolitana de São Paulo e 13,4% na região metropolitana de Salvador.

Quanto ao nível de instrução, na região metropolitana de São Paulo, 43,0% das donas de casa têm o fundamental incompleto e 27,2% completaram o ensino médio ou não completaram um curso de nível universitário. Na região metropolitana de Salvador, são 40,7% as donas de casa com fundamental incompleto e 34,7% têm o ensino médio completo ou superior incompleto. A participação de mulheres com superior completo com afazeres domésticos é bem baixo nas duas regiões.

Na região metropolitana de Salvador, é forte a presença de mulheres negras entre as donas de casa, 87,4%, enquanto na região metropolitana de São Paulo, a maior participação é das mulheres não negras (brancas e amarelas), com 67,2% do total.

Nas duas regiões, é estatisticamente irrelevante a realização de trabalho excepcional por parte das donas de casa.

A renda média mensal familiar é superior na região metropolitana de São Paulo, R\$ 1.939,00 em relação à região de Salvador, que é de R\$ 1.369,00. Os rendimentos pessoais são extraordinariamente baixos nas duas cidades – é possível que a quantidade de mulheres com rendimentos seja muito pequena, defasando assim ainda mais a renda média individual.

**TABELA 34**  
**Distribuição das mulheres inativas de 16 anos ou mais, por atributos pessoais e realização de trabalho excepcional e valores dos rendimentos médios**  
**Regiões Metropolitanas de São Paulo e Salvador - 2009**

Atributos	São Paulo	Salvador
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
<b>Posição no Domicílio</b>		
Chefe	10,7	12,1
Demais	89,3	87,9
Cônjuge	80,2	77,5
Filha	4,7	5,5
Outros	4,4	5,0
<b>Faixa Etária</b>		
16 e 17 Anos	(1)	(1)
18 a 24 Anos	8,8	8,3
25 a 39 Anos	28,6	31,9
40 a 49 Anos	20,9	24,2
50 a 59 Anos	21,8	21,4
60 Anos e Mais	18,9	13,4
<b>Nível de Instrução</b>		
Analfabeta	6,5	4,9
Fundamental Incompleto	43,0	40,7
Fundamental Completo + Médio Incompleto	18,6	17,5
Médio Completo + Superior Incompleto	27,2	34,7
Superior Completo	4,7	(1)
<b>Cor/Raça</b>		
Negras	32,8	87,4
Não-Negras	67,2	12,6
<b>Realização de Trabalho Excepcional</b>		
Fez Trabalho Excepcional	1,3	(1)
Não Fez Trabalho Excepcional	98,7	97,3
<b>Renda média individual (em R\$ de novembro de 2009)</b>	<b>53</b>	<b>8</b>
<b>Renda média familiar (em R\$ de novembro de 2009)</b>	<b>1.939</b>	<b>1.369</b>

Fonte: Convênio Dieese – Seade; MTE – FAT e convênios regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.  
 Nota: (1) a amostra não comporta desagregação para esta categoria.

### **3.2 Características das Mulheres Donas de Casa Presentes aos Grupos Focais em São Paulo e Salvador**

Os dois grupos focais com donas de casa foram realizados em São Paulo e em Salvador, nos dias 23 e 28 de setembro de 2010, respectivamente.

Os grupos focais apresentaram composições relativamente heterogêneas, o que permitiu contar com a necessária diversidade de atributos pessoais.

Em São Paulo, o grupo focal de donas de casa contou com a participação de 10 pessoas e em Salvador, oito mulheres. Desta forma, todos os grupos apresentaram o número considerado satisfatório para a realização da atividade, que situa-se entre 8 a 12 pessoas.

Em São Paulo, o grupo foi composto por mulheres com idade bastante variada, sendo a única concentração mais relevante na faixa acima de 45 anos (três mulheres); as participantes dividiam-se igualmente entre brancas e negras. Cinco delas declararam-se chefes do domicílio.

Das donas de casa presentes ao grupo focal de São Paulo, seis eram casadas ou em união consensual. Nove participantes tinham filhos, a maior parte delas – seis pessoas - com 1 ou 2 filhos. No grupo, a escolaridade das participantes mostrou-se bastante diferenciada, participaram mulheres que tinham desde o fundamental incompleto ao superior incompleto.

Quanto à experiência de trabalho, todas haviam trabalhado anteriormente, sendo sete com carteira assinada por tempo indeterminado, em setores ou funções como administrativo, banco, trabalhadora doméstica, operadora de caixa, cozinheira, vendedora, ajudante geral, analista de crédito, bibliotecária.

Sete mulheres presentes tinham renda pessoal, sendo que cinco recebiam de 1 a 3 salários mínimos. Foram relatados variados tipos de outras rendas, os principais a aposentadoria e trabalhos esporádicos. A renda familiar de quatro participantes esteve entre 1 e 3 salários mínimos e a de três pessoas, até 1 salário mínimo.

**TABELA 35**  
**Características das Donas de Casa que Participaram dos Grupos Focais – São Paulo**

<b>Perguntas</b>	<b>Respostas</b>
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>1. Idade</b>	
1) 16 a 24 anos	2
2) 25 a 31 anos	2
3) 32 a 38 anos	1
4) 39 a 44 anos	2
5) acima de 45 anos	3
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>2. Cor ou raça</b>	
1) Branca	5
2) Preta	3
3) Parda	2
4) Amarela	0
5) Indígena	0
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>3. Situação Conjugal</b>	
1) Solteira	2
2) Casada/ União consensual	6
3) Separada/ Desquitada/ Divorciada	1
4) Viúva	1
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>4. Posição no domicílio</b>	
1) Chefe	5
2) Cônjuge	4
3) Filha	0
4) Outra	1
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>5. Filhos/Filhas</b>	
1) Sim	9
2) Não	1
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>Quantos/as</b>	
de 1 a 2 filhos/filhas	6
de 3 a 4 filhos	2
de 5 a 6 filhos/filhas	1
acima de 6 filhos/filhas	0
<b>6. Moradores no domicílio</b>	
1) 1 a 3 pessoas	7
2) 4 a 6 pessoas	2
3) acima de 6 pessoas	1
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>7. Grau de instrução</b>	
1) Nunca frequentou escola	0
2) Fundamental incompleto	3
3) Fundamental completo	1
4) Médio incompleto	3
5) Médio completo	2
6) Superior incompleto	1
7) Superior completo	0
<b>Total</b>	<b>10</b>

(continua)

**TABELA 35**  
**Características das Donas de Casa que Participaram dos Grupos Focais – São Paulo**

(continuação)

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>10</b>
<b>8. Trabalhou alguma vez</b>	
1) Sim	10
2) Não	0
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>09. Qual tipo de contrato</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	7
2) Carteira assinada por tempo determinado	0
3) Sem carteira assinada	1
4) Autônomo por empresa	2
5) Outro	0
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>10. Procura de emprego nos últimos 30 dias (múltipla escolha)</b>	
1) Procurou empresa, agência ou sindicato	0
2) Procurou o SINE	0
3) Colocou ou respondeu anúncio	0
4) Procurou parentes ou amigos	0
5) Procurou na rua	2
6) Fez contato com possíveis clientes	0
7) Outra providência	0
8) Nada fez/ Não lembra	0
Não	8
<b>11. Renda mensal</b>	
1) Não	3
2) Sim	7
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>Se sim, qual valor</b>	
até 1 salário mínimo	2
de 1 a 3 salários mínimos	5
de 3 a 5 salários mínimos	0
de 5 a 10 salários mínimos	0
acima de 10 salários mínimos	0
NR	3
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>12. Outro tipo de renda</b>	
1) Pensão, aposentadoria	2
2) Aluguel	0
3) Trabalhos esporádicos	3
4) Bolsa família ou outros programas de transferência de renda	1
5) Doação	1
6) Outro	3
<b>Total</b>	<b>10</b>
<b>13. Renda familiar</b>	
até 1 salário mínimo	3
de 1 a 3 salários mínimos	4
de 3 a 5 salários mínimos	1
de 5 a 10 salários mínimos	2
acima de 10 salários mínimos	0
<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: DIEESE

Em Salvador, as donas de casa que participaram do grupo focal tinham, na maioria (quatro mulheres) acima de 45 anos e uma participante estava na faixa de 16 a 24 anos; todas eram negras e seis estavam casadas ou em união consensual. Cinco participantes se declararam cônjuges, e outras três, chefes do domicílio. Das seis pessoas que declararam ter filhos, três tinham entre 1 e 2 filhos e outras três, entre 3 e 4 filhos. A escolaridade situou-se entre o ensino fundamental completo (duas pessoas), médio incompleto (três participantes) e completo (também três participantes).

Sete das mulheres presentes ao grupo já haviam trabalhado antes, sendo quatro com carteira assinada por tempo indeterminado. Os setores ou atividades onde estiveram as donas de casa foram: comércio, prestação de serviços, vendedora, recepcionista, saúde, Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, consultora de moda, programadora visual, administrativo, babá/ cozinheira. Houve relato de busca de emprego através de resposta ou colocação de anúncio e ida a empresa, agência ou sindicato.

Somente uma das participantes tinha renda mensal própria, entre 1 e 3 salários mínimos. A renda familiar média situava-se em até 3 mínimos para cinco pessoas e de 3 a 5 para uma outra.

**TABELA 36**  
**Características das Donas de Casa que Participaram dos Grupos Focais - Salvador**

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>8</b>
<b>1. Idade</b>	
1) 16 a 24 anos	1
2) 25 a 31 anos	0
3) 32 a 38 anos	2
4) 39 a 44 anos	1
5) acima de 45 anos	4
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>2. Cor ou raça</b>	
1) Branca	0
2) Preta	2
3) Parda	6
4) Amarela	0
5) Indígena	0
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>3. Situação Conjugal</b>	
1) Solteira	2
2) Casada/ União consensual	6
3) Separada/ Desquitada/ Divorciada	0
4) Viúva	0
<b>Total</b>	<b>8</b>

(continua)

**TABELA 36**  
**Características das Donas de Casa que Participaram dos Grupos Focais - Salvador**  
(continuação)

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>8</b>
<b>4. Posição no domicílio</b>	
1) Chefe	3
2) Cônjuge	5
3) Filha	0
4) Outra	0
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>5. Filhos/Filhas</b>	
1) Sim	6
2) Não	2
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>Quantos/as</b>	
de 1 a 2 filhos/filhas	3
de 3 a 4 filhos/filhas	3
de 5 a 6 filhos/filhas	0
acima de 6 filhos/filhas	0
<b>6. Moradores no domicílio</b>	
1) 1 a 3 pessoas	6
2) 4 a 6 pessoas	2
3) acima de 6 pessoas	0
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>7. Grau de instrução</b>	
1) Nunca freqüentou escola	0
2) Fundamental incompleto	0
3) Fundamental completo	2
4) Médio incompleto	3
5) Médio completo	3
6) Superior incompleto	0
7) Superior completo	0
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>8. Trabalhou alguma vez</b>	
1) Sim	7
2) Não	1
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>9. Qual tipo de contrato</b>	
1) Carteira assinada por tempo indeterminado	4
2) Carteira assinada por tempo determinado	3
3) Sem carteira assinada	0
4) Autônomo por empresa	0
5) Outro	0
NR	1
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>10. Procura de emprego nos últimos 30 dias (múltipla escolha)</b>	
1) Procurou empresa, agência ou sindicato	1
2) Procurou o SINE	0
3) Colocou ou respondeu anúncio	2
4) Procurou parentes ou amigos	0
5) Procurou na rua	0
6) Fez contato com possíveis clientes	0
7) Outra providência	0
8) Nada fez/ Não lembra	1
Não	6

(continua)

**TABELA 36**  
**Características das Donas de Casa que Participaram dos Grupos Focais - Salvador**  
 (continuação)

Perguntas	Respostas
<b>Nº de participantes</b>	<b>8</b>
<b>11. Renda mensal própria</b>	
1) Não	7
2) Sim	1
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>Se sim, qual valor</b>	
até 1 salário mínimo	0
de 1 a 3 salários mínimos	1
de 3 a 5 salários mínimos	0
de 5 a 10 salários mínimos	0
acima de 10 salários mínimos	0
NR	7
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>12. Outro tipo de renda</b>	
1) Pensão, aposentadoria	0
2) Aluguel	1
3) Trabalhos esporádicos	0
4) Bolsa família ou outros programas de transferência de renda	0
5) Doação	1
6) Outro	0
NR	6
<b>Total</b>	<b>8</b>
<b>13. Renda familiar</b>	
até 1 salário mínimo	2
de 1 a 3 salários mínimos	3
de 3 a 5 salários mínimos	1
de 5 a 10 salários mínimos	0
acima de 10 salários mínimos	0
NR	2
<b>Total</b>	<b>8</b>

Fonte: DIEESE

### 3.3O QUE DISSERAM AS MULHERES DEDICADAS AOS AFAZERES DOMÉSTICOS NOS GRUPOS FOCALIS

Assim como os grupos focais realizados com as trabalhadoras domésticas mensalistas e diaristas e com as mulheres que empregavam trabalhadoras domésticas, os grupos focais com as mulheres dedicadas aos afazeres domésticos em seus domicílios foram também conduzidos da mesma forma em Salvador e em São Paulo, com o mesmo rol de temas e questões propostos para ambos. Como nos anteriores, nestes grupos também se desenvolveu uma dinâmica própria de discussão, conforme o que o grupo considerou importante.

Para o relato deste grupo será seguida a mesma sistemática de exposição já adotada para os resultados dos grupos focais precedentes. Desta forma, também será realizado reagrupamento das falas de acordo com os temas abordados e não considerando a ordem cronológica em que foram feitas. Isso quer dizer que, para o relato dos resultados dos trabalhos, as questões mencionadas pelos participantes foram organizadas por tema e

destacadas de acordo com a importância que lhes foi atribuída em cada grupo, o que significa que poderão diferir de capítulo para capítulo e de grupo para grupo.

Os grupos focais com as donas de casa foram agradáveis e espontâneos. Estes grupos também apresentaram uma resposta muito boa às propostas da mediadora, com participação atenta e cooperativa, o que permitiu recolher informações de excelente qualidade.

### **3.3.1 QUEBRA-GELO**

Estes grupos focais foram igualmente iniciados com a apresentação da pesquisa, das entidades responsáveis e do modo de funcionamento dos grupos focais, além da apresentação da equipe encarregada de sua realização e dos papéis de cada um.

Em seguida, iniciaram-se os grupos com a mesma questão sobre trabalho doméstico como uma atividade introdutória para fazer as apresentações entre as participantes e descontrair o ambiente, explicando mais uma vez que esta seria a única hora em que era esperado que todas as pessoas que se manifestassem.

Assim, nos dois grupos focais de donas de casa foi solicitado que dissessem seu nome, idade e respondessem à seguinte questão: O que você gosta e o que você não gosta no trabalho doméstico?

Também as donas de casa responderam ao quebra-gelo referindo-se muito mais às tarefas domésticas, seja como realização de uma atividade isolada ou um conjunto dessas atividades, à semelhança do que ocorreu em grupos anteriores. Poucos comentários referiram-se a outras dimensões do cuidado doméstico – uma pessoa disse não gostar que bagunçassem o que ela arrumou e outra disse não gostar que não valorizassem seu trabalho.

Igualmente ao que ocorreu com as empregadoras de trabalhadoras domésticas, era plausível esperar a menção a outras facetas do trabalho doméstico como as atividades de cuidado com pessoas ou animais, de abastecimento ou de manutenção fossem mencionadas, uma vez que estas eram as mulheres responsáveis justamente por isso, entre tantas outras coisas.

Entre as tarefas mencionadas, cozinhar foi a atividade mais apreciada nas duas cidades. Em São Paulo, cozinhar foi citada por algumas das participantes como atividade que menos gostavam de fazer. Em Salvador, a mais rechaçada foi passar roupa e ninguém disse não gostar de cozinhar.

Arrumar e limpar a casa também foram atividades citadas pelas participantes nas duas regiões entre as atividades que gostavam ou não de fazer.

**QUADRO 3**  
**Grupos focais de donas de casa em São Paulo e Salvador**

**O que você gosta e o que não gosta no seu trabalho?**

Cidade	Donas de Casa	
	Gosta	Não Gosta
São Paulo	Cozinhar ++ Lavar a louça Limpar a casa Lavar a roupa Deixar a casa organizada	Passar a roupa++ Cozinhar ++ Baguncem o que ela arrumou
Salvador	Cozinhar +++ Arrumar a casa Lavar o quintal	Passar a roupa +++ Lavar prato Arrumar a casa Que não valorizem o trabalho

Fonte: DIEESE

Obs.: (+) Duas pessoas citaram a atividade, (++) Três pessoas citaram a atividade, (+++) quatro pessoas citaram a atividade

Os temas apresentados para discussão estavam organizados em três grandes itens: a identidade das donas de casa, suas considerações sobre o trabalho doméstico remunerado e não remunerado e, por fim, suas sugestões e necessidades em termos de políticas públicas para as donas de casa.

Assim, os temas e itens discutidos com as donas de casa foram os seguintes:

**TEMA I - IDENTIDADE**

*O que significa para você ser dona de casa e estar sem trabalho remunerado fora do domicílio?*

*Já teve trajetória profissional ou algum trabalho remunerado fora de casa?*

*Como você acha que as pessoas vêem o trabalho que as donas de casa realizam e o fato de não possuírem um trabalho remunerado?*

**TEMA II – TRABALHO DOMÉSTICO E TRABALHO REMUNERADO**

*Como se dá a divisão das tarefas domésticas na sua casa?*

*Você considera as tarefas domésticas como um trabalho? Você acha que elas contribuem para a família? Contribuem para o país?*

*Os demais membros da sua família reconhecem o trabalho que você realiza?*

*Você já trabalhou ou gostaria de trabalhar fora?*

### **TEMA III – AUTONOMIA E DIREITOS**

*Você desenvolve alguma atividade ou serviço em casa que propicia renda? Ou tem alguma renda própria? (procurar saber se é uma escolha ser dona de casa e se a pessoa tem alguma renda. Investigar a existência outras rendas como aluguel, aposentadoria ou pensão, doação, ajuda de familiares, bolsa família ou outros).*

*Na sua opinião, as donas de casa têm algum direito? Que direitos deveriam possuir as donas de casa? (aposentadoria, remuneração pública pelo trabalho desenvolvido, serviços públicos: escolas creches, etc.)*

Apresenta-se, a seguir, os resultados destes grupos focais.

#### **3.3.2 IDENTIDADE E TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO**

Para efeitos de exposição, os Temas I e II serão relatados conjuntamente, pois assim correspondem com mais precisão ao formato que tomaram as considerações feitas pelas mulheres que estiveram nos grupos focais nas duas cidades. Também com relação à atividade como donas de casa, poucas diferenças são notadas entre as visões das mulheres nas duas localidades.

Depois do quebra-gelo, foi solicitado às donas de casa presentes que tratassem de como se sentiam e achavam que eram vistas como donas de casa – considerando que a maioria já havia trabalhado fora em algum momento de sua vida.

A avaliação que fazem as mulheres que estão dedicadas ao trabalho em casa é dura. Elas definem esta atividade como algo que exige muito e também que as mulheres tenham muitas habilidades. É necessário não somente saber fazer as tarefas, mas saber como organizá-las e organizar o próprio tempo, para que tudo esteja pronto nos momentos adequados. Além disso, envolve um sentido de administração – do tempo, das necessidades, dos próprios bens existentes no domicílio.

*“Pra mim significa o seguinte: a dona de casa, logo de manhã cedo, ela já começa a se organizar porque se ela não se organizar o dia vai embora e não faz nada. Mas, eu falo ser dona de casa, tem muita coisa pra ela se organizar, a (pensão) do marido, dos filhos é uma coisa muito importante porque se a mãe não se organizar as coisas não andam bem.” São Paulo*

*“Então assim, é você ser uma administradora, você está administrando, você não faz faculdade pra isso, mas você aprende e se você não aprende, alguém te ensina, normalmente a mãe ou a avó. (...) Eu me vejo hoje assim, eu administro*

*tudo tanto a casa como a vida da minha filha e do meu marido, as contas, tudo. Então assim, se você não prestar atenção no que você está fazendo, deixar de pagar uma conta, multa; não se ligou no horário de fazer comida, não tem comida, então assim, é uma administração que você é a dona, é empregada, empregadora, é tudo, é você, você e pronto.” São Paulo*

*“(...) você tem que saber ocupar o tempo que você tem e organizar tudo na casa, você vive não só pra organizar, mas a vida das pessoas que estão na casa também, então você organiza não só o seu mundo como o mundo das pessoas que vivem ali.” São Paulo*

As donas de casa reconhecem a responsabilidade e a dependência em relação ao seu trabalho, assim como o fato de usualmente estarem sozinhas e também de serem avaliadas por isso:

*“As pessoas dependem muito de você, você não pode contar muito, com exceção daquelas que obviamente tem empregada, mas enfim, às que não tem, você é tudo e mais um pouco.” São Paulo*

*“A mulher que está em casa ela é a estrutura do marido e dos filhos principalmente na alimentação, na educação porque hoje em dia muitas estão saindo pra trabalhar fora e estão esquecendo que os seus filhos estão ficando em casa e a educação está péssima, as escolas estão péssimas.” São Paulo*

*“Bem dona de casa é principalmente ser responsável pelo bem estar de todos da casa, cuidar da família, a aparência na casa e também estar aberta ao julgamento de ser uma boa ou uma má dona de casa porque às vezes até a comida, não fez isso, é o julgamento.” Salvador*

E, em alguns momentos, aparece também o discurso tradicional sobre o papel e a obrigação das mulheres:

*“(...) ser dona de casa tem que ser mesmo limpa porque o marido não merece chegar, a casa ainda não está limpa e ele ter que ir pra beira do fogão fazer comida igual acontece com muitas mulheres. Chega cansado, tem que ir pra beira do fogão, tem que ir pra beira do tanque, então a obrigação da mulher é o quê? Casou, tem que ter casa e tem que cuidar da casa, tem que ter higiene.” São Paulo*

Nos grupos focais surgiram também os relatos de situações de extrema dificuldade para a realização de tarefas domésticas, como por exemplo no caso de problemas com a saúde:

*“Eu fico tomando muito remédio, fazer hemodiálise, essas coisas, aí cada um tem um jeito. Eu sou assim, eu faço almoço de manhã, aí, se tem a janta eles vão e fazem porque eu vou pra escola, comecei a estudar agora, aí a gente tem o jeito, eles fazem as coisas, eles me ajudam, eu ajudo eles, só a roupa que a gente não passa, a gente lava. Só que eu falo pra eles – faz porque vocês não vão ter mãe direto, hoje eu estou aqui, amanhã eu não sei se estou ainda, então vocês têm que fazer as coisas, vocês têm que aprender. Por quê? Porque é só eu e eles, se eu estiver internada eles ficam sozinhos, eles se viram do jeito deles. O pai nem vem ver eles, então só tem eu e eles mesmo, então eu falo pra eles, de domingo a gente faz as coisas.” São Paulo*

As donas de casa reconhecem também discriminações e desvalorização de sua atividade, relatando como se sentem discriminadas em relação às mulheres que trabalham fora.

*“Eu como trabalhei, parei recente, eu estou vendo a discriminação é absurda, se você está em casa, eu vou usar uma palavra talvez um pouquinho pesada, você é literalmente vagabunda de estar em casa, desculpe o palavreado, mas eu descubro isso às vezes da própria família. Se você está em casa é como se você estivesse perdendo tempo ou folgada, está descansando, está tirando férias, não faz nada.” São Paulo*

*“Você como está dona de casa, não está participando mais desse meio, você meio que fica de lado, as pessoas não te incluem e te excluem ainda você. Então assim, eu vejo um preconceito muito grande, a gente é literalmente nada, só que a hora que precisa de uma roupa, de alguma coisa relacionada ali, quem é que vai atrás? É a mãe, é a dona de casa. Então assim, eu vejo assim, a gente é totalmente excluída, um preconceito muito grande mesmo.” São Paulo*

*“Homem não dá valor na mulher, por isso que eu prefiro mil vezes trabalhar do que trabalhar em casa porque na casa dos outros, você está recebendo pra você trabalhar, agora em casa, você trabalha de graça e não ganha nem um obrigado.” São Paulo*

Revelam que a opção de ficar em casa para cuidar dos filhos, por exemplo, pode não ser valorizada socialmente:

*“(…) eu optei, na verdade, por ficar em casa pra ficar com a minha filha, a princípio eu pensei em ficar até ela completar um ano e depois voltar a trabalhar, mas depois eu vejo o quanto é importante a minha presença e vejo como faria falta pra ela se eu não estivesse. E vejo o outro lado, vejo na família pessoas que estão na mesma situação que eu e que voltaram a trabalhar e a*

*filha, por exemplo, está largada. E aí as pessoas me olham, tipo – ah eu trabalho, eu estudo, só vê a filha de final de semana; mas é o máximo.” São Paulo*

*“(...) eu sou nova foi uma opção minha por causa da minha filha porque eu também acho que mãe tem que estar presente na educação, pelo menos enquanto é pequena, então foi uma opção minha, mas assim, gostar de ser dona de casa eu acho que ninguém gosta, todo mundo gosta de ser valorizada, quer estar bonita, mas é isso.” São Paulo*

Quando questionadas diretamente sobre a valorização do trabalho doméstico desempenhado por elas, reforçam a mesma tese das empregadas domésticas e das empregadoras, em uma das unanimidades dos grupos focais.

*“Eu acho que não é valorizado, principalmente é visto como obrigatório”  
Salvador*

*“Eu acho que eles não valorizam, não dão a mínima importância, eles valorizam mais o trabalho (fora), o trabalho de dentro de casa eles não valorizam.” Salvador*

*“Eles acham que dona de casa é desocupada. Qualquer coisa pede pra você fazer.” Salvador*

*“É verdade, eles acham que a gente é empregada, a gente não ganha nada, que a gente tem obrigação de fazer aquilo que eles querem. Na verdade não é assim tem que (ser) compartilhado, colocam tudo pra gente, acham que a gente não cansa, que está dentro de casa tem que fazer tudo, tem que estar tudo ali onde eles querem, filho, marido, principalmente filho. É isso mesmo.” Salvador*

*“E meu marido chega vê o prato na pia fala: você não faz nada o dia todo. De qualquer jeito não valorizam o nosso trabalho, não chama nem de dona de casa.” Salvador*

Somente uma das mulheres presentes aos grupos nas duas cidades disse sentir que a família valoriza seu trabalho – coincidentemente, uma ex trabalhadora doméstica.

*“Eu acho que na minha casa todo mundo dá muito valor pro meu serviço porque eu trabalho, sempre trabalhei fora, sempre trabalhei a vida inteira limpando casa dos outros, fazendo faxina, passando roupa que eu não gostava, mas tinha que fazer porque estava ganhando, então tinha que passar roupa. A gente tem muita humilhação nas casas, teve casa que eu tive muita humilhação. Mas, graças a Deus eu estou aposentada agora, graças a Deus, ganho meu*

*dinheirinho e faço o que eu tenho que fazer. A única coisa que eu sinto é que eu dou uma ajeitadinha na minha casa aí eu falo – meu Deus agora que eu parei de trabalhar eu não tenho muita saúde, eu tenho o tendão rompido não dá pra eu fazer aquela faxina, aquela coisa que eu gostava, que eu limpava na casa dos outros.” São Paulo*

Quando indagadas sobre a divisão de responsabilidades nas tarefas da residência, as donas de casa retomam o tema da solidão frente às tarefas e de como estas são definitivamente vistas como somente delas. Ainda assim, há alguns relatos de divisão de tarefas:

*“(...) o trabalho é repetitivo, toda hora você lava um prato, se chega uma pessoa, uma filha, eu tenho uma filha de 17 anos, chega, almoça deixa a louça lá, vai ter que lavar os pratos. O marido chega deixa sapato na sala, são coisas assim que eu acho que deveria ter uma participação da família. Eu tenho isso, eu falo participação, só um dia da semana. O resto da semana eu mesmo estou cansada, estressada, sem vontade de fazer mais nada.” Salvador*

*“Em casa só eu, meu marido e a minha filha tem 1 ano e 9 meses. Meu marido, antes da minha filha nascer, ele ajudava. A gente fazia uma divisão porque eu sempre fui contra a mulher 24 horas em casa, sempre falei direitos iguais a todos, então se eu limpo, você também tem que ajudar, então ele ajudava antes. De um tempo pra cá, até porque o serviço dele está quase 24 horas, ele ajuda mais com a minha filha e não com serviço de casa, mas se puder ajudar é com filho, mas normalmente eu acabo falando pra ele – fica com a Marcela que eu dou um jeito na casa. Até prefiro porque eu sou tão neurótica com algumas coisas...” São Paulo*

*“Com relação à família de quem está morando com a gente, de estar ajudando, a ajuda é muito pouca ainda, eu acho, que a carga maior mesmo vem na mãe.” São Paulo*

*“O que mora comigo solteiro, quando eu estou com muita coisa durante o dia, ele lava louça pra mim, ele passa um pano no chão, se ele vê que eu estou correndo bastante, ele vai lá e me ajuda porque eu sempre ensinei, quem chegar primeiro, vai adiantando porque a casa é nossa, a gente precisa de estar com tudo em ordem.” São Paulo*

*“Na minha casa é assim, eu gosto de tudo arrumadinho. E aí eles encontram tudo arrumadinho, se eu saio quando volto já tem prato sujo. Não é um trabalho valorizado. É eu pra tudo lá em casa.” Salvador*

*“Quando eles fazem, eles falam: não me agradece? Eu pergunto: - você me agradeceu que fiz o almoço?” Salvador*

É interessante frisar que quando indagadas sobre a ajuda que os familiares aportavam à casa, algumas donas de casa referiram-se também ao outro sentido de “ajudar em casa”, referindo-se à contribuição financeira dos filhos, por exemplo.

*“(...) meu filho trabalha não me dá um tostão, como foi que você ensinou ele? – você falou que precisa ajudar em casa, a mãe precisa também de ajuda? Se você fala assim, ele vai trabalhando, chega, recebe no dia aquele ordenado – mãe a senhora precisa de dinheiro? Vou dar um pouco pra senhora, então a gente acostuma a fazer assim porque senão ele vai crescendo e falando – não ajudo, minha mãe não precisa, aí eu faço o que eu quero.” São Paulo*

*“Os meus ajudam, eu não tenho o que reclamar com educação, isso, aquilo, eles são muito bonzinhos. O Willian recebe uma merreca, me dá, a Karen também ajuda porque o que eu recebo também é pouco, eles já compram mistura, eles ajudam, fazem as coisas que tem que fazer.” São Paulo*

As donas de casa presentes aos grupos focais não se sentem confortáveis em sua escolha ou em sua situação. Muitas revelaram o desconforto com a dependência econômica e também relataram como se sentiam melhor – mais realizadas, mais importantes – trabalhando fora. Algumas manifestaram vontade de retornar ao mercado de trabalho, outras, já mais velhas, se arrependem da decisão de permanecer em casa.

É importante ressaltar que algumas donas de casa mencionaram sentimentos negativos em relação à sua condição como de desânimo e mesmo associando o fato de ficar em casa a estar, ou sentir-se, feia.

*“Trabalhar fora de casa e ter sua carteira assinada eu acho que é bem melhor.” Salvador*

*“Porque eu gostaria muito mesmo de estar exercendo a minha profissão que eu adoro cozinhar, em casa realmente eu não posso nem..., tem dia que nem limpar uma casa eu posso fazer. Então, não foi essa vida que eu escolhi pra mim, mas se as consequências causaram isso, eu não posso fazer nada, tem que aceitar, o dia que der eu limpo o dia que não der, eu não limpo.” São Paulo*

*“Eu estou há pouco tempo em casa. Infelizmente, perdi o emprego porque eu descobri que estava gestante, estou gestante, então eu fui dispensada do emprego. Eu sempre trabalhei, sempre fui muito independente, pra mim está sendo muito difícil ser dona de casa. Sempre trabalhei fora, tinha aquela independência, mantinha a casa organizada, mas sempre tinha aquela independência. Hoje eu dependo do meu marido. Então é terrível, assim, eu vou, faço chocolate, mas não é a mesma coisa de você levantar cedo, pegar o metrô, é horrível, mas pelo menos eu me sentia melhor assim.” São Paulo*

*“(...) uma dona de casa ela não pode ter um cartão, ela não pode ter um cheque. Você chega num local, você tem dificuldade. Já aquele que trabalha é diferente, tem cartão, tem isso, tem aquilo. Um rendimento em sua casa talvez, pra se dar roupa, sapato aí você consegue.” Salvador*

*“Eu valorizo muito mais o trabalho fora do que o serviço de casa. Hoje estou afastada, pela necessidade, a gente perde o contato com as pessoas, de vez em quando aparece trabalho, mas você perde o contato, fica mais em casa. Dona de casa não tem mais aquilo de arrumar cabelo, antigamente andava com cabelo (megahair), eu gostava mais de andar de salto. Hoje dentro de casa é aquela roupa simples, sem graça, uma roupa de dormir às vezes. Então você não está bonita nem pra receber uma amiga.” Salvador*

*“Eu me arrependo amargamente de não ter continuado a trabalhar, estudar e ter outro setor. (ficar) dependendo do dinheiro do marido, saber o que vai fazer, dar satisfação, é horrível. É outra cabeça. Eu acho que toda mulher que não trabalha o que pesa mais é ficar dependendo: - dá um dinheiro pro transporte, dinheiro daqui, pra ali.” Salvador*

Possivelmente, a somatória destes fatores levou a que algumas donas de casa se apresentassem, no início do grupo focal, declarando sua (anterior) profissão:

*“Meu nome é XX, tenho três filhos, tenho 35 anos e sou babá.” São Paulo*

*“Eu gosto mais é de cozinhar, fazer chocolate, eu trabalho com chocolate.”  
São Paulo*

Ao serem perguntadas se consideravam que o trabalho doméstico é um trabalho e se ele contribuía para o país, a família e a economia, as donas de casa presentes ao grupo focal de Salvador riram todas e disseram: “Com certeza!” Perguntadas também se este deveria ser remunerado, algumas donas de casa concordaram, embora levantando algumas dúvida sobre as possibilidades de remuneração ser efetivada. De uma maneira muito interessante, relacionaram também a economia à poupança familiar, afirmando que tinham um papel importante neste caso.

*“Contribui muito pra família e deveria mesmo ser remunerado, mas não é e não sei se um dia será.” São Paulo*

*“(...) seria interessante pelo menos aposentadoria já que salário não vem mesmo. Mas uma aposentadoria seria interessante porque é um trabalho, até porque se existe diarista, faxineira, governanta e é o mesmo serviço, então acho que não precisa a dona do lar se auto empregar pra poder receber um salário, uma aposentadoria, deveria sim.” São Paulo*

*“(...) você está trabalhando, está contribuindo na economia porque geralmente (em algo caro), desliga a torneira, apague o chuveiro, é economia material, nas despesas.” Salvador*

A ideia de ter sua própria renda – para sua independência e também para compor o orçamento familiar – resulta no desenvolvimento de atividades aliadas ao trabalho de dona de casa e que são caracterizadas como atividades esporádicas. Algumas falas demonstram, no entanto, que muitas donas de casa desempenham estes “bicos” com uma regularidade que, se não é intensa o suficiente para caracterizar uma ocupação, têm importância no sentido de compor uma faceta importante do modo de vida destas mulheres. Para conhecer um pouco melhor este aspecto, optou-se por perguntar diretamente sobre esta questão: “Vocês desenvolvem alguma atividade em casa aliada ao trabalho de dona de casa que propicie renda pra vocês?”

As donas de casa responderam com suas atividades e também com algumas considerações sobre a importância de renda própria na vida das mulheres. Foram mencionadas atividades de confecção de produtos alimentícios e roupas, venda de lingerie e serviços de faxina.

*“Além de cuidar da casa e das crianças, eu também faço chocolates, pães de mel, as trufas, faço os meus cursos de culinária na hora que dá e eu complemento realmente pra eu ter um dinheiro pra mim.” São Paulo*

*“(...) a mulher, além de fazer as coisas, de cuidar da família, da estrutura familiar ela precisa realmente de uma renda, então algumas já fazem isso complementando como eu fazendo bolo, fazendo chocolate, fazendo as trufas época de Páscoa, época de Natal e aonde eu realmente tento trabalhar dessa forma em casa.” São Paulo*

*“Eu trabalho com a XXXX, sou revendedora XXXX já há 13 anos. Essa venda que eu faço me ajuda bastante de fazer o complemento, a gente pode fazer uma reservazinha tendo assim um bico porque realmente é um bico, mas é muito gostoso trabalhar com a XXXX porque a marca é muito conhecida.” São Paulo*

*“Eu faço faxina na casa de família, quando me chamam eu faço, ajuda.” São Paulo*

*“Antigamente eu fazia bolo, blusas, roupas. Era cansativo, (...) O dinheiro não valia a pena.” Salvador*

*“(...) ele (o marido) me dá o pagamento e fala – você resolve o que precisa fazer, ele confia em mim nessa parte, mas eu não gosto de usar todo o dinheiro dele comigo, fazendo as outras coisas de casa, mas a minha intimidade eu gosto de ter a minha renda, então graças a Deus eu tenho a renda do chocolate que me ajudam e eu não dependo totalmente dele.” São Paulo*

Finalmente, as donas de casa presentes aos grupos focais apresentaram sugestões para benefícios e políticas em seu favor, ponderando, em alguns casos, sobre necessidades e a viabilidade ou conveniência de determinados benefícios.

Foram feitas sugestões no sentido de que as donas de casa pudessem receber alguma remuneração (1 salário mínimo) e aposentadoria (independente da contribuição). Outros temas também foram lembrados como a saúde, o transporte e a oferta de bens e serviços públicos como escola ou lazer.

As donas de casa também reivindicaram férias.

*“Trabalho de dona de casa é mais cansativo e muito maior do que o trabalho fora de casa. Então os mesmos direitos de uma pessoa que trabalha na rua deveria ter uma ajuda.” Salvador*

*“Eu acho que talvez uma aposentadoria, um salário mínimo, uma ajuda de custo. Sim, porque já tem tantos benefícios que o governo tem colocado e a gente já tem visto que eu acho que salário seria pedir demais, mas acho que uma aposentadoria sim é um direito que poderia ser garantido pras mulheres.” São Paulo*

*“Facilitar, o vale transporte, carteirinha.” Salvador*

*“(…) se for dar pra todo mundo que não contribuiu quando é jovem e fica perdendo tempo, não procura trabalhar registrado pra poder contribuir pra ter seus direitos, não adianta só reclamar do governo porque o governo também não tem como dar salário pra todo mundo. Então, cabe a nós fazer a nossa parte porque se a gente não fizer, como que vai querer os direitos?” São Paulo*

*“Saúde, aposentadoria, e um salário. Em hospitais você vê lá os corredores cheios, não tem atendimento pra atender a pessoa, fica lá exposto, e quantos morrem assim. É precária a saúde, deveriam olhar mais pra isso também.” Salvador*

*“Eu acho que tem que ter salário mínimo, ter férias, aposentadoria. Trabalho de casa não tem horário pra começar e nem pra terminar e é trabalho pesado: é lavar roupa, é trabalho pesado e porque não ter um salário mínimo, não ter férias. Se trabalha o ano inteiro tem que parar também.” Salvador*

*“Abrir novas oportunidades, criar mais oportunidades, dá um salário mínimo, um lugar certo, se for lugar longe não é perto do bairro que você mora, aí tem que deslocar gastar com transporte. Então, eu acho que pra melhorar um pouco deveria investir em educação também, em casa tem alguns que pararam de estudar, dar oportunidade pra que você tenha uma condição realizar algum esporte, chegar à noite por exemplo.” Salvador*

### 3.3.3 AVALIAÇÃO

Como encerramento dos trabalhos, solicitou-se àquelas que assim o desejassem que deixassem sua opinião sobre a atividade.

*“Eu agradeço a todas vocês pela atenção que tiveram com a gente, foi muito gostoso participar desta reunião. Muito obrigada.” São Paulo*

*“Gostei muito, agradeço a vocês a oportunidade, foi muito gratificante pra eu participar.” Salvador*

**CAPÍTULO 4****PRINCIPAIS CONCLUSÕES**

As atividades realizadas nos grupos focais contaram com a participação de um total de oitenta e uma mulheres nas duas cidades e possibilitaram coletar informações relevantes sobre os problemas relacionados ao trabalho doméstico remunerado e não remunerado em suas múltiplas dimensões.

Foi possível estabelecer diálogos sobre como as mulheres que são profissionais na realização do trabalho doméstico enfrentam cotidianamente o exercício do trabalho, sua visão acerca das atividades que desempenham, e suas percepções, opiniões e expectativas em relação às suas condições de vida, ao sindicato e às políticas públicas.

As mulheres que são as empregadoras de trabalhadoras domésticas agregaram a visão sobre esse trabalho e suas dificuldades, suas estratégias pessoais de conciliação entre trabalho e tarefas domésticas e suas opiniões e comportamentos em relação aos direitos no trabalho das trabalhadoras domésticas.

As donas de casa mostraram como se combinam e coexistem os universos tradicionais das mulheres que permaneceram cuidando de seus lares e famílias durante a vida e os novos horizontes das mulheres mais novas que, por escolha ou por desalento face às condições do mercado de trabalho, seguem dedicando-se às tarefas do lar.

As reflexões das participantes e a profundidade com que abordaram muitas das questões propostas superaram as expectativas e forneceram um excelente material para subsidiar a Secretaria de Políticas para as Mulheres na definição de suas estratégias e políticas dirigidas às trabalhadoras domésticas e donas de casa, mas também às mulheres em geral.

É um rico material também para o movimento sindical brasileiro, especialmente para os Sindicatos de trabalhadoras domésticas e a FENATRAD, pois, além de seu interesse para a ação sindical e interessa também a todos que trabalham os temas da igualdade no movimento sindical.

As questões aqui tratadas extrapolam o mundo do trabalho e avançam sobre todos os temas estratégicos da sociedade brasileira: o combate à pobreza, à exclusão e à discriminação, a construção da igualdade, a ampliação e reforço aos direitos do trabalho e à proteção social, ao aprofundamento das políticas públicas de conciliação entre trabalho, vida pessoal e família com corresponsabilidade entre homens e mulheres.

Além disso, esse trabalho proporcionou elementos para o desenvolvimento da segunda linha do Convênio de Cooperação Técnica entre o DIEESE e a SPM, que consiste na elaboração do Anuário temático sobre as mulheres. Os resultados alcançados auxiliarão na seleção dos temas a serem abordados e na elaboração das séries que irão compor a publicação.

Como é próprio da técnica de grupo focal, cada grupo realizado - embora todos tenham sido conduzidos da mesma maneira e obedecido ao mesmo roteiro de questões, introduzidas na mesma sequência - imprimiu uma dinâmica particular à atividade e criou uma situação única, que não pode ser generalizada para o conjunto das trabalhadoras, das empregadoras de trabalhadoras domésticas ou das donas de casa, nem mesmo para o conjunto dos participantes das atividades.

A seleção e hierarquização das questões relativas aos temas debatidos, o tempo que levavam para emergir, o peso que lhes foi conferido, a frequência com que foram mencionadas e o nível de aprofundamento da discussão de cada uma delas apresentaram diferenças significativas de grupo para grupo. Não obstante, com maior ou menor ênfase, todos os grupos trataram de todas as questões que constavam do roteiro e muitos dos problemas, preocupações, opiniões e sugestões foram comuns a todos eles.

Neste capítulo, buscar-se-á expor as principais questões tratadas, com particular ênfase nas sugestões de políticas, visando atender à necessidade concreta colocada pela SPM quando da solicitação do trabalho ao DIEESE.

A sistematização das informações aportadas pelos grupos focais é apenas um recurso expositivo que procura resumir o conteúdo dos capítulos anteriores. Sua leitura não deve, portanto, substituir a leitura do trabalho ora apresentado.

#### **4.1 ALGUMAS QUESTÕES DE EXPRESSÃO**

As mulheres que participaram dos grupos focais trouxeram o rico relato de suas vidas para esta pesquisa. E de uma forma generosa, pois contaram precisamente como são as coisas não somente no seu trabalho, mas nas suas relações e também na esfera privada, falando de suas casas, suas famílias, suas esperanças e sentimentos.

É um universo grande e complexo que se classifica e resume para buscar relatar. Particularmente, quando são as mulheres falando, a tarefa é delicada - as mulheres falam por histórias e pensam as coisas articuladas umas com as outras - é raro que hajam fatos isolados em suas considerações.

Os cortes e classificações são sempre arbitrários e é um fato que será sempre possível retrabalhar o material original e nele encontrar outras contribuições além daquelas aqui relatadas.

Para manter o máximo possível não somente das opiniões, mas também respeitando a forma de pensá-las e expressá-las é que se optou, muitas vezes, pela citação de falas mais completas e não somente de frases. Como se fala e onde a questão aparece são pistas fundamentais para a compreensão do que está sendo transmitido.

Ainda sobre o falar, é importante registrar algumas particularidades que foi possível observar ao longo da pesquisa.

Durante a realização dos grupos focais, em especial nos de trabalhadoras domésticas e de empregadoras, houve referências de parte a parte todo o tempo.

Com muita frequência, as trabalhadoras em São Paulo referem-se às suas empregadoras como Ela: “ela diz como quer, ela reclama...”. Em Salvador, porém, surgiu o masculino Ele ou às vezes no plural, Eles – referidos a patrão, usados algumas vezes em lugar do Ela.

Já as empregadoras, nas duas cidades, se referem a Elas, quase sempre no plural. “Elas querem, elas fazem...”

#### **4.2 AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS**

As trabalhadoras domésticas valorizam seu trabalho e gostariam que ele também fosse mais valorizado. Esta valorização se alcança não apenas pela mudança do olhar em relação ao trabalho e à pessoa que o executa, mas também pelo cumprimento dos direitos do trabalho existentes e pela sua extensão, igualando o tratamento das trabalhadoras domésticas àquele dado pela lei ao conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras.

De forma geral, são as dificuldades no decorrer da vida, aliadas à baixa escolaridade, que levam ao trabalho doméstico. Embora muitas trabalhadoras terminem por gostar do que fazem, não foram levadas a isto por uma opção. Muitas afirmaram não querer para suas filhas essa ocupação.

A maioria sofre com determinados aspectos de suas condições de vida – sejam as condições do bairro ou região onde moram, sejam os serviços públicos (em sua disponibilidade e qualidade), sejam os transportes ou a segurança. As escolas e creches são claramente insuficientes e há a questão da segurança pública.

A carência de serviços públicos e a manutenção dos papéis de gênero significam pouco compartilhamento das tarefas domésticas e a recorrência às próprias forças (dupla jornada, dias a menos de trabalho) para conciliar trabalho e família e também a utilização de apoio ou serviços de outras mulheres – mães, filhas, conhecidas, etc mediante a troca de favores ou pagamento.

Em relação às condições de trabalho, as demandas foram bastante objetivas:

- Igualdade de tratamento e cumprimento dos direitos do trabalho;
- Melhoria de seu patamar salarial;
- Jornada de trabalho condizente e respeitada;
- Ampliação do acesso das domésticas à previdência social e fiscalização do seu recolhimento pelos empregadores;
- Obrigatoriedade do recolhimento do FGTS;
- Acesso à capacitação profissional e às possibilidades de elevação de escolaridade;
- Prevenção e tratamento de saúde e acidentes de trabalho.

O assédio moral e sexual de que são vítimas as trabalhadoras domésticas foi extensamente tratado. Os episódios de relatos de assédio e a emoção que desencadeiam mostra não somente a capacidade de solidariedade humana, mas também a persistência das marcas e sofrimentos que causam às suas vítimas.

O preconceito racial é uma constatação das trabalhadoras de Salvador. Em São Paulo, o tema foi apenas mencionado. Como as trabalhadoras domésticas negras são maioria em todo o país (à exceção de algumas regiões), o combate ao racismo é uma ação fundamental para a melhoria das condições de vida e trabalho destas mulheres.

As trabalhadoras reconheceram também a importância da organização sindical para apoiá-las. Em Salvador, estava um grupo com várias pessoas atuantes sindicalmente e este é o mais provável motivo da alta consciência de seus direitos que demonstraram, embora outros traços mais dependentes permaneçam, com destaque para a ação da FENATRADE, que vem fazendo um trabalho importante para que conheçam seus direitos e se enxerguem como categoria.

Já em São Paulo, foi possível notar uma postura profissional mais forte, com o estabelecimento de contratos com as empregadoras mais claros e com melhor definição de direitos e tarefas. No entanto, o grau de sindicalização no grupo era baixo, embora houvessem trabalhadoras atuantes em movimentos sociais, como por exemplo, uma líder da Pastoral da Criança. Foi mencionado que a associação a um sindicato poderia ajudá-las a se enxergar como categoria, além de auxiliá-las em relação a ampliação dos direitos.

Foram lembradas as políticas dirigidas às domésticas: a Lei 11.324/2006, o Programa Trabalho Doméstico Cidadão e o programa de construção de casas para as trabalhadoras domésticas da Bahia.

As sugestões de políticas e ações foram relacionadas aos direitos no trabalho e à ampliação da oferta e da qualidade dos serviços públicos como saúde, escolas e creches.

#### **4.3 EMPREGADORAS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS**

Realizar grupos focais com as empregadoras de trabalhadoras domésticas revelou-se muito importante.

As empregadoras falaram não somente sobre as trabalhadoras domésticas, mas também sobre suas vidas. Assim, foi possível perceber o encontro entre as necessidades das trabalhadoras domésticas e as necessidades das empregadoras, particularmente no diz respeito à conciliação entre trabalho e vida pessoal.

Nas falas da empregadoras, é forte o recurso ao custo da formalização e da falta de capacitação profissional como justificativa para a não contratação com carteira de trabalho assinada. Percebe-se, também, um alto nível de desinformação sobre os direitos das trabalhadoras, o que certamente dificulta o seu cumprimento.

As empregadoras de trabalhadoras domésticas são distintas dos outros empregadores pois, como mesmo foi lembrado nos grupos, não se trata de contratar alguém para gerar um produto que propicie lucro no mercado. No entanto, a simples presença da empregada doméstica é um elemento importante de conforto, diferenciação e status. Por isso, também estas empregadoras possuem uma visão de classe em relação ao trabalho doméstico que aplicam à sua relação com as trabalhadoras.

Há estratégias de diminuição de custos e de contato (este item foi possível notar com intensidade em São Paulo) que apostam no trabalho das diaristas, sublinhado como o que vem imprimindo um caráter mais profissional ao emprego doméstico.

Entre as medidas sugeridas pelas empregadoras, houve ênfase especial em capacitação profissional e em uma campanha de valorização do trabalho doméstico e de informação dirigida a trabalhadoras e empregadoras.

Sobre as medidas recentes, houve uma menção positiva à Lei 11.324/2006, que facultou o desconto da parte relativa ao empregador no Imposto de Renda da pessoa física no pagamento do INSS de uma trabalhadora doméstica.

Esta pesquisa também não pode deixar de apontar a inexistência de dados estatísticos sobre as empregadoras de trabalhadoras domésticas. As pesquisas domiciliares atualmente sendo realizadas no país não captam essa informação, por diversas razões.

Como são feitas nos domicílios, a única maneira de conhecer o perfil das pessoas ou famílias que utilizam trabalhadoras domésticas é através da composição familiar, na qual a empregada que reside no domicílio pode estar informada. Um exercício inicial feito pela equipe do DIEESE com a PNAD mostrou que apenas 0,6% das famílias tinham empregadas domésticas residentes, em 2009. Um conjunto tão reduzido de informações inviabiliza a tentativa de conhecer os e as empregadores (as) brasileiras através desta aproximação. A PED também apresenta o mesmo formato e dimensões para o trabalho doméstico nas regiões metropolitanas.

Seria muito importante para a ampliação do conhecimento hoje existente deste tema no país que fossem produzidos dados. Isso poderia ser obtido tanto através da inserção de questões dirigidas a este tema nos questionários de pesquisa como através da inclusão das empregadoras e empregadores em alguma forma de registro administrativo.

#### **4.4 DONAS DE CASA**

As donas de casa mostraram-se um grupo especial e bastante vulnerável socialmente, em razão da falta de renda e de proteção social que as caracteriza e que tão bem o grupo focal demonstrou.

A caracterização desta ampla parcela da população brasileira através da definição utilizada pelo DIEESE, que considerou como donas de casa as mulheres maiores de 16 anos, que não

se encontravam no mercado de trabalho e que exerciam afazeres domésticos mostrou-se bastante útil, pois permitiu distinguí-las dentre o grupo das mulheres inativas.

Essas mulheres mostraram sua necessidade de apoio social, de abertura de oportunidades de inclusão no mercado de trabalho, de discussões mais intensas sobre as formas de ampliar o baixo nível de proteção social que hoje dispõem.

Neste aspecto, também seria importante dispor de informações mais detalhadas sobre sua participação no sistema previdenciário. Nos registros administrativos do INSS cujos dados, até onde foi possível investigar, não são tabulados rotineiramente a partir deste corte. Através da PNAD, por exemplo, não é possível também saber quantas donas de casa são contribuintes da previdência, pois esta investiga as questões relativas à contribuição previdenciária das pessoas de 10 anos ou mais desde 1983, apenas para quem tem algum trabalho.

Seria especialmente importante melhorar a qualidade das informações disponíveis sobre a cobertura previdenciária das donas de casa, pois este foi o ponto mais forte de suas demandas nos grupos focais.

#### **4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desta pesquisa mostram a importância de desenvolver políticas públicas em direção à igualdade de gênero na sociedade brasileira. Mostram ainda, através dos relatos das mulheres que participaram dos grupos, como esta questão é abrangente e como necessita de políticas articuladas dirigidas simultaneamente ao mundo do trabalho e às condições de vida das mulheres.

Ainda, reforçam a necessidade de ações para a eliminação da discriminação racial e de todas as formas de discriminação, de maneira a construir efetivamente a igualdade.

Neste momento, o Brasil dispõe de suas primeiras medidas de políticas públicas dirigidas às trabalhadoras domésticas: a Lei 11.324, o Programa Trabalho Doméstico Cidadão. Em nível mundial, está em andamento o diálogo entre governos, trabalhadores e empregadores no âmbito da OIT, onde está proposta a criação de um instrumento internacional de proteção ao trabalho doméstico que tome a forma de uma convenção acompanhada de uma recomendação. A decisão quanto ao instrumento será tomada na próxima Conferência Internacional do Trabalho que se realizará em junho de 2011, em Genebra, na Suíça.

Mas, é de fundamental importância ressaltar a contribuição aportada pelas mulheres que participaram dos grupos e ofereceram seus conhecimentos e experiência de vida para contribuir com a melhoria das condições de vida e trabalho das mulheres. Assim, nas palavras das participantes dos grupos focais, é preciso tomar em conta que:

*“Nós já estamos no século XXI, a evolução total, mas muita mente atrasada, muito pensamento atrasado e o pessoal ainda fala em evolução, ainda vendo*

*por esse lado, um lado assim de colocar uma categoria de trabalhadores abaixo do outro. Já não chega nós mulheres sermos desconsideradas por sermos mulher, por ter salário já mais baixo, num serviço como mulheres, mulher ganha menos, mulher não sei o quê. E eu acho que a gente é um chefe de família como qualquer outra pessoa, como um homem, por exemplo. A gente assume muito bem a família da gente, eu assumo muito bem a minha família, governo a minha casa muito bem. Eu só preciso que as autoridades maiores zelem mais pelo trabalho de todas as pessoas que trabalham nessa categoria.”*  
*Trabalhadora doméstica*

*“(...) isso é outro aspecto que é crescente na sociedade brasileira por nós estarmos envelhecendo (...) e isso é uma coisa que passa pela discriminação da mulher na sociedade, isto é um custo social que a sociedade não traz pra si, é um problema das mulheres, é a mulher que cuide, é a filha que cuide, a mãe que cuide, a nora que cuide e isso é uma coisa que eu acho que mereceria também um estudo, um debate, uma questão, (...) mas eu acho porque a empregada doméstica é a explorada das exploradas, jogam tudo nas nossas costas e a gente vai procurar outras que precisam mais ainda pra aliviar essa carga terrível.... esta discussão toda remete àquela outra, qual é o papel da mulher nesta sociedade? Até onde vai isso, porque é sem limite, são as crianças, são os doentes, são os idosos e muitas vezes nas costas de mulheres que já estão chegando ou já chegaram na terceira idade e que não têm pra quem delegar, vai mais essa (...) está sendo jogado em cima da empregada doméstica tarefas que são do estado, que deveriam ser tratadas de outra forma, pras quais elas não têm competências, mas que é chamada, é terrível isso.”*  
*Empregadora*

*“Obrigada também a todas, as mulheres são muito guerreiras, sempre, sempre a mulher é uma estrutura familiar é a pilastra do prédio inteiro dentro de casa, então se ela cai o prédio não fica em pé. Então, a gente tem que estar sempre unida, tem que estar sempre buscando o melhor e estar participando realmente desses movimentos pra mulher pra melhorar a condição de vida e melhorar a situação da mulher hoje... Parabéns a todas nós.”*  
*Dona de casa*

*“Eu gostei, fiquei feliz em estar contribuindo, a gente estar aqui representando milhares e milhares de donas de casa, espero que isso possa fazer diferença.”*  
*Dona de casa*

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

- 1) Aquilini, Guiomar H. e Costa, Patrícia L. *O sobre emprego e a inatividades das mulheres na metrópole paulista*. São Paulo, USP: Revista de Estudos Avançados 17 (49), 2003.
- 2) Ávila, Maria Betania M. O tempo do trabalho das empregadas domésticas: tensões entre dominação/exploração e resistência. Recife:Ed. Universitária da UFPE, 2009. (Teses e Dissertações)
- 3) Ávila, Maria Betania; Prado, Milena; Souza, Tereza; Soares, Vera (orgs.) Reflexões feministas sobre informalidade e trabalho doméstico. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2008.
- 4) CINTERFOR. El acoso sexual: un problema de relaciones de poder. Disponível em: [http://www.ilo.org/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/gender/doc/cinter/pacto/cue\\_gen/aco\\_sex.htm](http://www.ilo.org/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/gender/doc/cinter/pacto/cue_gen/aco_sex.htm). Consultado em 24/11/2010
- 5) Costanzi, Rogerio Nagamine, Ribeiro, Helio Vinicius Moreira. *A difícil luta pelos direitos trabalhistas dos trabalhadores domésticos*. Texto apresentado à ABET, em 2007. (mimeo.)
- 6) DIEESE. *Medida Provisória 284: impactos para empregados domésticos e para empregadores*. São Paulo: DIEESE. Nota Técnica – nº 27, julho 2006.
- 7) DIEESE/OIT. O emprego doméstico: uma ocupação tipicamente feminina. Brasília: OIT, 2006 (Cadernos GRPE n.3)
- 8) Gondim, Sônia Maria Guedes. “Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos”. *Paidéia*, v. 12, n. 24, 2002, pp. 149-162. [disponível em <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/24/03.doc>]
- 9) Guimarães, Monica Cabañas. Políticas para a expansão da cobertura dos trabalhadores e trabalhadoras domésticas: a experiência do Brasil. Brasília: MPS, 2008.
- 10) Hirata, Helena. *Trabalho e afetos: o que move à servidão doméstica?* Original: *Travail et affects. Les ressorts de la servitude domestique*, in *Travailler*, nº 8, 2002, p. 13-26. (Tradução para o português pela Coordenadoria das Mulheres da Prefeitura de São Paulo, publicado em 2003.)
- 11) IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. IBGE, Rio de Janeiro: 2010.
- 12) \_\_\_\_\_. *Tempo, trabalho e afazeres domésticos*. IBGE, Rio de Janeiro: 2007
- 13) Melo, Hildete Pereira. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. Rio de Janeiro: IPEA, junho de 1998. (texto para discussão nº 565)
- 14) \_\_\_\_\_. *Trabalhadoras domésticas: o eterno lugar feminino*. Brasília: IPEA, OIT, s.d. (Estratégias para combater o trabalho infantil no serviço doméstico). mimeo.
- 15) \_\_\_\_\_.; Considera, Claudio Monteiro; Di Sabbato, Alberto. Os afazeres domésticos contam. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Economia, setembro 2005. (textos para discussão nº 177)

- 16) OIT, PNUD, SPM. Trabalho e família: rumo a novas formas de conciliação com corresponsabilidade social. Brasília: OIT, PNUD, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2009.
- 17) OIT. *Notas sobre el Trabajo Doméstico*. Santiago de Chile: 2010
- 18) \_\_\_\_\_. Primeira rodada de discussão sobre tratado internacional de proteção ao trabalho doméstico ocorre na Conferência Internacional do Trabalho de 2010. OIT, Brasília: 2010.
- 19) \_\_\_\_\_. Trabajo Decente para los trabajadores domésticos. Informe IV (1) (OIT, Ginebra: 2009)
- 20) \_\_\_\_\_. Trabajo Decente para los trabajadores domésticos. Informe IV (2) (OIT, Ginebra: 2010)
- 21) \_\_\_\_\_. Conferencia internacional del trabajo, 99ª Reunión 2010. Informe IV (1) – Trabajo decente para los trabajadores domésticos. Ginebra: OIT, 2009.
- 22) \_\_\_\_\_. Fecha, lugar y orden del día de la 99ª Reunión (2010) de la Conferencia Internacional del Trabajo. Consejo de Administración. Ginebra: OIT, marzo 2008.
- 23) Pinheiro, Luana [et all]. Retrato das desigualdades de gênero e raça. Brasília: IPEA, SPM, UNIFEM, 2008. 3ª ed.
- 24) Rosa, Sales V G. *Assédio moral no trabalho: conceito, possibilidades e natureza*. S.d.s.e. Disponível em <http://www.sindppd-rs.org.br/files/assediomoral.pdf>. Consultado em 15/10/2010
- 25) Sanches, Solange. *O trabalho doméstico no Brasil*. Brasília: OIT, 2010.
- 26) Sistema PED. *O emprego doméstico no período de 2000 a 2009 na Região Metropolitana de São Paulo*. Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e entidades regionais, março de 2010.
- 27) \_\_\_\_\_. *As características do trabalho doméstico remunerado nos mercados de trabalho metropolitanos*. Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e entidades regionais, março de 2010.
- 28) SPM, IPEA, OIT, IBGE, UFF. *A crise econômica internacional e os (possíveis) impactos sobre a vida das mulheres*. SPM: Brasília, 2009 (Boletim Mulher e Trabalho, edição especial).
- 29) Tribunal Superior do Trabalho. Notícias do Tribunal Superior do Trabalho, 28 de abril de 2009. Disponível em <http://www.tst.gov.br>
- 30) Valenzuela, María Elena y Claudia Mora (ed.) Trabajo doméstico: un largo camino hacia el trabajo decente. Santiago: OIT, 2009
- 31) Valenzuela, María Elena. *Trabajo doméstico remunerado en America Latina*. Revista do Observatório Brasil de Igualdade de Gênero, Edição especial, julho de 2010.

## **ANEXOS METODOLÓGICOS**

## **ANEXO METODOLÓGICO 1**

## **AM1) DEFINIÇÃO, ORGANIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS NOS GRUPOS FOCAIS**

Para a realização dos grupos focais, o DIEESE construiu as definições e procedimentos adotados a partir de sua experiência na realização de outras pesquisas dessa mesma natureza com outras categorias de trabalhadores, como, por exemplo, a realizada para o Sindicato dos Empregados nas Empresas de Asseio e Conservação de São Paulo, em 2009/2010.

As definições e orientações foram definidas de comum acordo com a SPM e também através de consulta aos sindicatos de trabalhadoras domésticas das cidades de São Paulo e Salvador. Nesta última, a localização da FENATRAD na cidade foi um ganho adicional, na medida em que se pode contar também com a valiosa experiência e apoio da entidade.

Para a organização dos grupos, foram também contatados os sindicatos de empregadores e associações relacionadas em ambas as cidades, como se descreverá no item sobre a organização, a seguir.

### **AM1.1. O QUE SÃO GRUPOS FOCAIS**

Grupos focais são instrumentos de pesquisa qualitativa utilizados para a obtenção de informações em profundidade junto aos atores que se quer estudar. Essa dinâmica consiste na composição de grupos nos quais os participantes são estimulados a expressar suas opiniões, percepções e experiências sobre temas previamente selecionados.

O bom desempenho dessa técnica depende de diversos fatores, em especial da composição dos grupos, que devem contemplar as visões e posições do conjunto de pessoas a ser examinado e, ao mesmo tempo, captar a heterogeneidade presente no universo. Assim, tanto a definição da quantidade e dos tipos de grupos a serem formados quanto a escolha dos participantes devem ser orientadas pelas características e situações que provoquem – ou possam provocar – posicionamentos distintos em relação às questões investigadas.

Para a fixação do número e dos tipos de grupos focais deve-se, portanto, identificar a característica principal a ser representada, ou seja, a variável que diferencia os diversos subconjuntos que compõem o universo. Já os participantes de cada um desses subconjuntos devem ser selecionados através das características secundárias, que são seus diferentes atributos pessoais e profissionais.

É importante esclarecer que essa técnica de pesquisa é utilizada com fins exploratórios e não tem a finalidade de mensurar ou generalizar resultados. Dessa forma, não é necessário que a representação das características eleitas – principais e secundárias – guarde proporcionalidade com o universo investigado; basta que cada uma delas esteja presente em, pelo menos, um indivíduo participante.

### **AM1.2. DEFINIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS, EMPREGADORAS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E DONAS DE CASA**

Para esta pesquisa, o DIEESE definiu, em consulta à SPM, pela realização de grupos focais organizados de acordo com a inserção das mulheres que se objetivava ouvir. As cidades de Salvador e São Paulo foram definidas no projeto de pesquisa como as regiões a serem pesquisadas a partir de critérios de representação da categoria, representação regional,

presença de organização sindical e possibilidades de agregação de dados estatísticos à pesquisa qualitativa através das bases de informação da PED e PNAD.

Assim, foram definidos três grupos básicos, de acordo com as características principais que se buscava para cada um dos grupos: de mulheres que fossem trabalhadoras domésticas, de mulheres que fossem empregadoras de trabalhadoras domésticas e de mulheres que fossem donas de casa.

Para o grupo das trabalhadoras domésticas seria necessário contar com mulheres cujas características secundárias fossem a de trabalhar como mensalistas e como diaristas e que trabalhassem há pelo menos um ano na profissão. Posteriormente, na discussão dos temas a serem tratados, definiu-se que seriam dois grupos focais diferentes: os compostos por trabalhadoras domésticas mensalistas e trabalhadoras domésticas diaristas. Assim, as trabalhadoras domésticas formaram dois grupos distintos. Para as mensalistas, foi considerado como necessária a presença de trabalhadoras com e sem carteira de trabalho assinada pelo empregador ou empregadora. O critério da sindicalização das trabalhadoras foi considerado, mas não adotado, face às dificuldades de organização da categoria. Definiu-se também que não seriam usados como critério a localização do trabalho segundo regiões de ambas as cidades, horários de trabalho e, no caso das diaristas, a quantidade de dias de trabalho na semana.

Para outras características secundárias, relativas aos atributos pessoais, definiu-se que seria recomendável, mas não imprescindível, dada a dificuldade de localização das trabalhadoras, que os dois grupos fossem compostos por pessoas segundo:

- a) faixas etárias diferenciadas (até 24 anos, de 25 a 35 anos, de 36 a 45 anos, mais de 45 anos) para abranger as diferentes fases do ciclo de vida das mulheres;
- b) cor/raça (pretas, pardas, brancas, amarelas e indígenas), para refletir o mais próximo possível a composição racial das pessoas no exercício desta ocupação efetivamente existente no país;
- c) situação conjugal (solteiras, casadas, separadas, viúvas) e com presença ou não de filhos: para refletir os diferentes arranjos familiares;

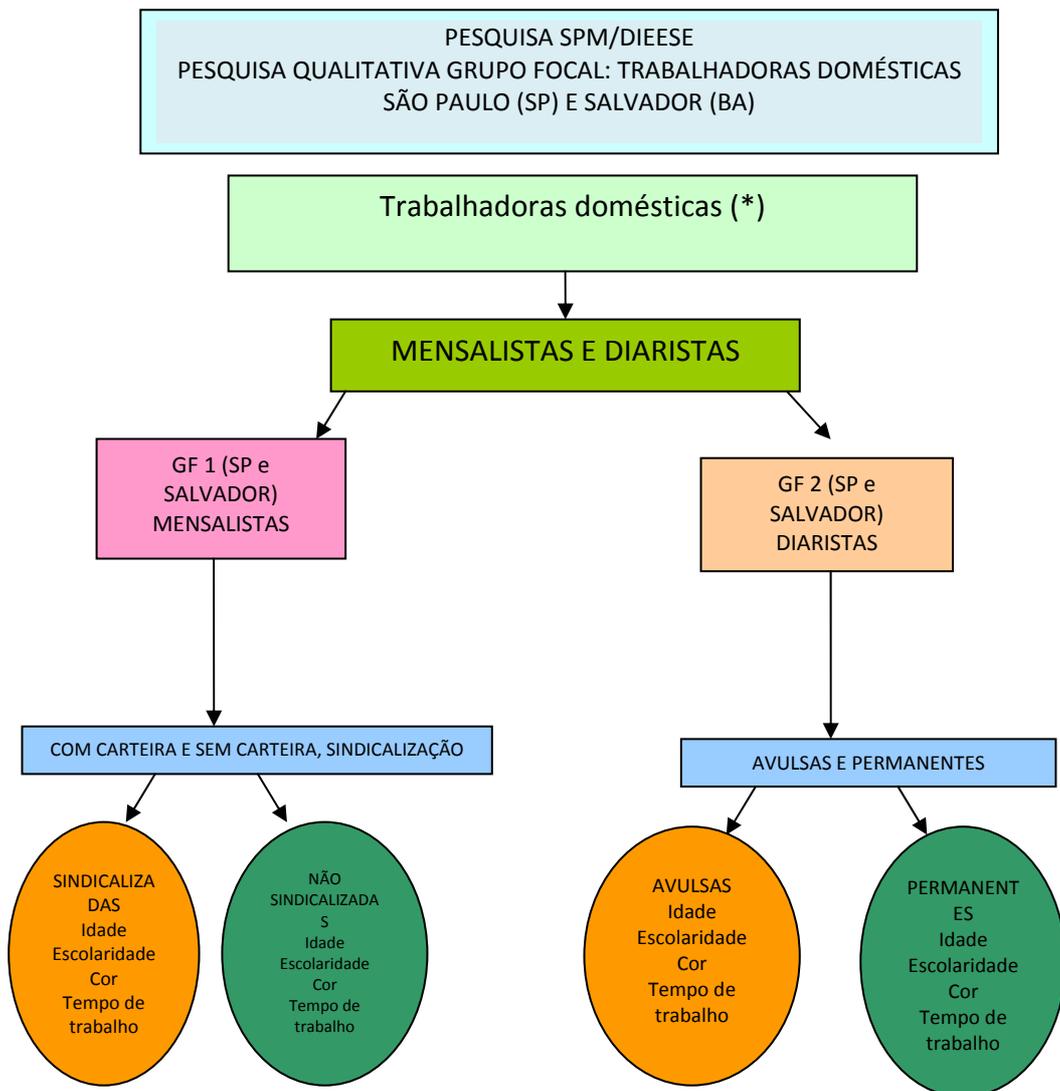
Para o grupo focal das empregadoras, definiu-se também que seriam mulheres cuja característica fundamental fosse a presença de uma ou mais empregada(s) doméstica(s) (diaristas ou mensalistas) em seu domicílio, sem limite de tempo, neste caso. Como característica secundária importante, estabeleceu-se a escolaridade das empregadoras, de forma a refletir a inserção no mercado de trabalho. Ou seja, quanto maior a escolaridade das mulheres, mais intensa sua participação no mercado de trabalho e, portanto, maior a possibilidade de recorrência aos ofícios de trabalhadoras domésticas. A distribuição das participantes segundo outras características pessoais como local de domicílio, idade, cor/raça e situação conjugal também foram estabelecidas como desejáveis, mas não imprescindíveis para a formação do grupo.

Para o grupo focal das donas de casa, foi necessário, inicialmente, definir o que seria entendido como dona de casa, uma vez que a realização de tarefas domésticas é uma atividade desempenhada pela imensa maioria das mulheres. Assim, definiu-se como dona de casa as mulheres de 16 anos e mais de idade, que realizavam tarefas domésticas sem inserção no mercado de trabalho (exceto por trabalhos ocasionais e sem regularidade) e que não contavam com trabalhadoras domésticas remuneradas para essas tarefas. A presença no grupo de participantes segundo outras características pessoais como local de domicílio,

idade, cor/raça e situação conjugal também foram estabelecidas como desejáveis, mas não imprescindíveis para a formação do grupo.

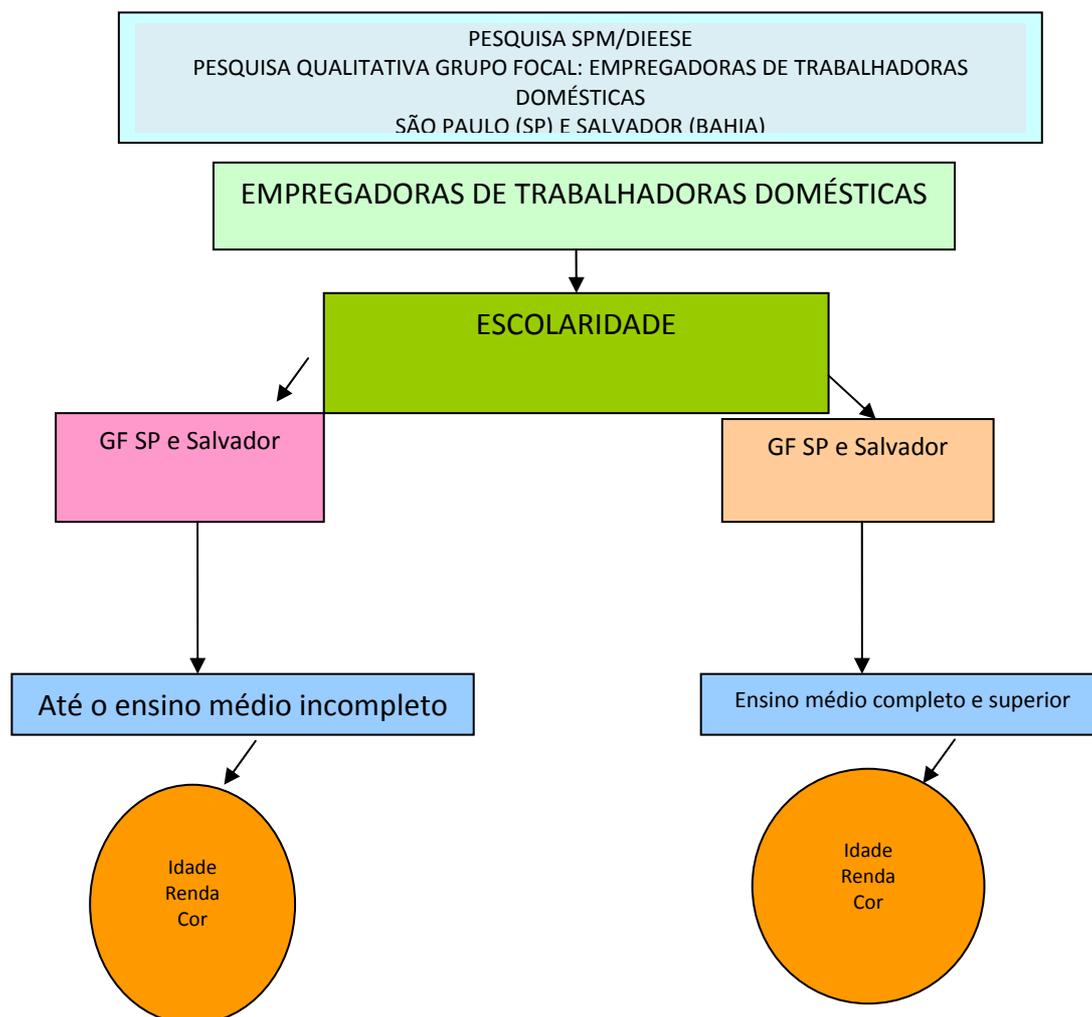
A seguir, é apresentada a estrutura definida para a composição dos Grupos Focais, bem como as características principais e secundárias contempladas.

**QUADRO 4**  
**Estrutura dos Grupos Focais de Trabalhadoras Domésticas**

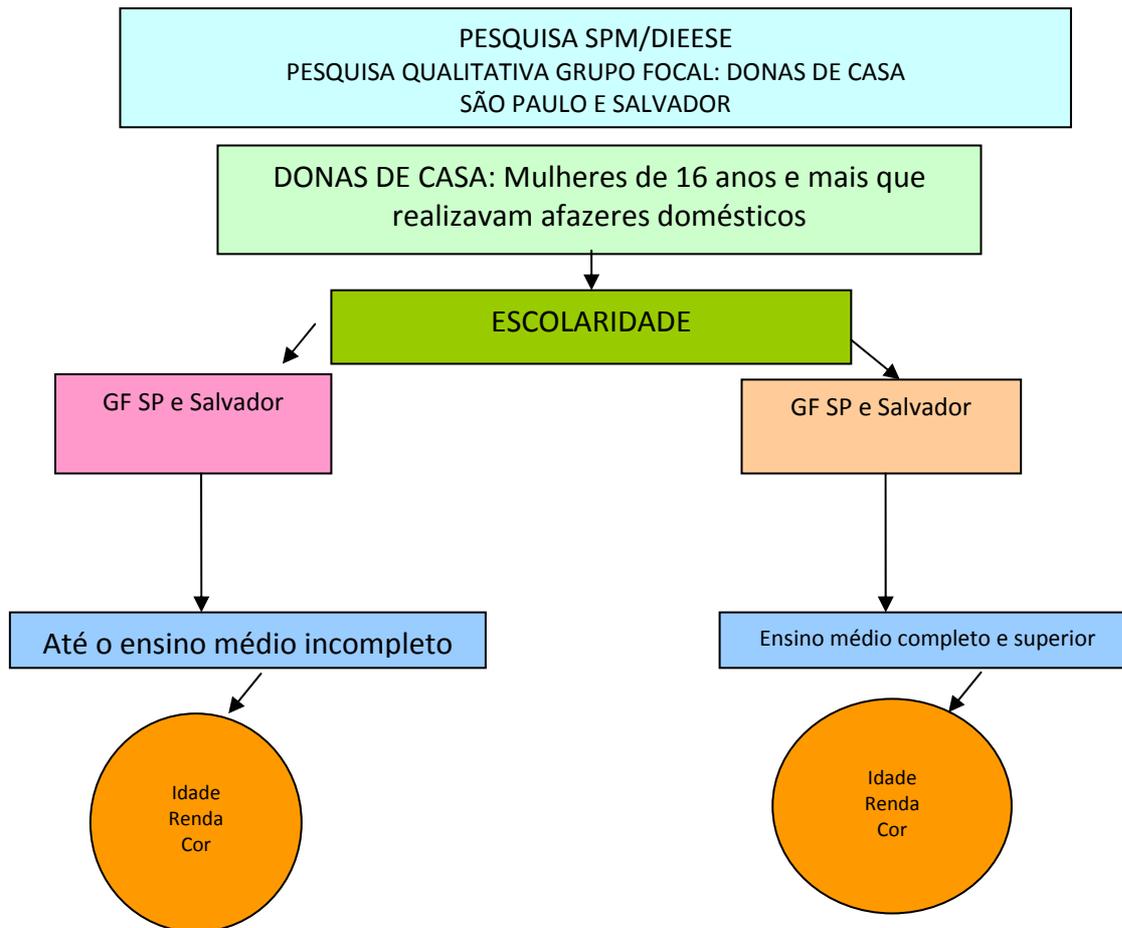


(\*) Tempo de emprego: pelo menos 1 ano

**QUADRO 5**  
**Estrutura dos Grupos Focais de Empregadoras de Trabalhadoras Domésticas**



**QUADRO 6**  
**Estrutura dos Grupos Focais de Donas de Casa**



**AM1.3 PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS**

O processo de estruturação e organização dos Grupos Focais foi realizado nas duas cidades previstas conforme se descreve a seguir, mantendo-se os mesmos critérios gerais, já mencionados, para ambas.

**São Paulo**

Para construir os grupos focais de **trabalhadoras domésticas diaristas e mensalistas**, foi feito contato com o Sindicato das Empregadas e Trabalhadores Domésticos da Grande São Paulo (SINDOMÉSTICAS), sede situada Avenida Cásper Líbero, 343, sala 31, 3º andar, no bairro Santa Ifigênia, na cidade de São Paulo, representado pela presidente Senhora Eliana Menezes. Esse contato foi feito no dia 13 de setembro de 2010, a fim de solicitar indicações de trabalhadoras em exercício para compor os grupos focais.

O Sindicato enviou ao DIEESE uma lista com 113 nomes de trabalhadoras. Foram feitas 57 ligações, com sete confirmações para participação do grupo focal. Dentre estas: uma pessoa era diarista e seis, mensalistas. O motivo para a recusa em participar do grupo de discussão foi variado:

- Estariam em horário de trabalho no dia da reunião e no dia do contato;
- Afastada do trabalho devido à licença maternidade e saúde;
- Falta de interesse sobre o tema;
- Problemas particulares;
- Mudança de profissão;
- Telefone inexistente.

Para completar a composição dos grupos focais foram solicitadas indicações das próprias trabalhadoras contatadas da lista do sindicato e indicações externas (de ex-trabalhadoras e recomendações delas – dos profissionais do DIEESE). Dentre essas indicações, foram 15 contatos de trabalhadoras diaristas, com confirmação de 11 participantes e 11 contatos de trabalhadoras mensalistas, com seis confirmações de participantes.

Para a construção do grupo focal das **empregadoras**, foi feito contato, no dia 13 de setembro de 2010, com o Sindicato dos Empregadores Domésticos do Estado de São Paulo (SEDESP), sede situada à Rua Teodoro Sampaio, 352, 8º andar, conjunto 82, no bairro Jardim Paulista, na cidade de São Paulo, representado pela fundadora e presidente Senhora Margareth Galvão Carbinato, a fim de solicitar indicações de empregadoras de trabalhadoras domésticas. No entanto, não se obteve retorno.

Em razão disso, foi solicitada a colaboração dos profissionais do DIEESE com intuito de indicarem familiares e/ou conhecidos que fossem empregadores ou pudessem contribuir com indicações, excetuados os próprios funcionários. Esse procedimento resultou em um total de 19 contatos, ao qual se acresceu mais 1 contato que estava na lista do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de São Paulo. Apesar do interesse no tema, foram obtidas 10 confirmações. Os motivos mencionados para a recusa em participar no grupo focal foram a indisponibilidade de tempo, devido ao fato de a reunião ser no horário de trabalho e problemas de saúde.

O processo para a construção do grupo das **donas de casa** foi semelhante ao grupo focal das empregadoras. Obteve-se, assim, um total de 33 indicações e 1 contato que estava na lista do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas. Foram selecionadas e contatadas 12 participantes de acordo com as seguintes características: idade, estado civil e escolaridade.

Os contatos para a montagem dos grupos focais foram mais diversificados, mas não resultaram em aceitação para participar da pesquisa.

Para o recrutamento das trabalhadoras domésticas para os grupos focais foram contatadas agências empregadoras de trabalhadoras domésticas. O processo de seleção dessas agências foi feito via web por pesquisa e o contato foi com: Agência Central Home, Agência Doce Lar, Agência Domestic Center, Agência Qualyf Domésticas, Agência Única Profissionais, Caprichos do Sul, Dona do Lar, Happy Home Agências de Empregos Domésticos, Lisboa Recrutamento de Profissionais, Meta Colocações de Profissionais Domésticos e Profissionais do Lar. Delas, seis se interessaram pelo tema e solicitaram o contato por e-mail. Foi enviada carta-convite e, posteriormente, feito contato telefônico com Agência Central Home, Agência Doce Lar, Agência Domestic Center, Agência Dona do Lar, Agência Qualyf Domésticas e Agência Única Profissionais. No entanto, apenas a Agência Única Profissionais contribuiu com três indicações. Destas, uma pessoa era diarista e desistiu de participar do grupo e outras duas trabalhadoras não quiseram participar e não identificaram sua classe (diarista ou mensalista).

Também foi feito contato com a Associação das Donas de Casa, com encaminhamento da carta convite por e-mail. Não houve retorno com indicações.

Assim, no total, foram feitos 145 contatos para a construção dos grupos focais na cidade de São Paulo. Destes, se conseguiu finalizar 117 ligações conversando com as trabalhadoras, empregadoras e donas de casa.

Em São Paulo, foram realizados os grupos focais nos dias 22 e 23 de setembro de 2010, no Hotel Boulevard São Luiz, Av. São Luiz 652.

No dia 22 de setembro pela manhã se realizou o grupo focal com as empregadas domésticas mensalistas no período da manhã, com a presença de 10 pessoas e com as empregadas domésticas diaristas no período da tarde, com a presença também de 10 pessoas.

No dia 23 de setembro no período matutino se realizou o grupo focal com as empregadoras e no período da tarde com as donas de casa. Ambos os grupos contaram também com 10 pessoas.

O horário de realização dos grupos foi de 10:00hs às 12:00hs no período da manhã e de 14:30hs às 16:30hs no período da tarde. Ao encerramento foi oferecido um lanche para todos os grupos.

As participantes receberam, ao final da atividade, um incentivo de R\$50,00 (cinquenta reais) pela participação.

Os nomes das participantes e recibos de pagamento encontram-se no DIEESE, à disposição para todos os efeitos legais cabíveis. Não constam deste relatório face ao compromisso de sigilo estabelecido com as participantes.

### ***Salvador***

Para construir os grupos focais de trabalhadoras domésticas diaristas e mensalistas, foi feito contato com o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Estado da Bahia (SINDOMÉSTICO) situado na Av. Vasco da Gama n. 682, no bairro de Acupe, na cidade de Salvador e com a Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), sede situada na Ladeira de Santana n. 91, Sala 102, Centro, na cidade de Salvador. O contato foi feito com a presidente da FENATRAD, Senhora Maria Creuza Oliveira. O contato foi feito no dia 10 de setembro de 2010, a fim de solicitar indicações de trabalhadoras em exercício para compor os grupos focais. O sindicato e a Federação retornaram com uma lista de 56 nomes de trabalhadoras. Foram realizadas 13 ligações, com 11 confirmações para participação no grupo focal das trabalhadoras mensalistas e 12 confirmações para o grupo focal das diaristas.

Para a construção do grupo focal das empregadoras, foi feito contado também no dia 10 de setembro de 2010, com a Associação do Movimento das Donas de Casa e Consumidor da Bahia (MDCCB/BA), sede situada na Rua Bahia n. 584 - Sala 201 - Pituba, na cidade de Salvador, representado pela presidente Senhora Selma Magnavita, a fim de solicitar indicações de empregadoras de trabalhadoras domésticas. A Associação retornou com a indicação de quatro empregadoras. Em razão disso, solicitou-se novamente a colaboração dos profissionais do DIEESE na região com intuito de indicarem familiares e/ou conhecidos que fossem empregadores ou que pudessem contribuir com indicações. Através deste procedimento foram reunidos mais 16 contatos, dos quais 12 foram confirmações. Os motivos para a recusa em participar do grupo focal foram em razão de indisponibilidade de

tempo, devido a reunião ser no horário de trabalho, problemas de saúde ou compromissos anteriores.

O processo para a construção do grupo das donas de casa foi semelhante ao grupo focal das empregadoras. Foram obtidas um total de 27 indicações, sendo que 15 destas estavam na lista enviada pela FENATRAD e um contato que foi fornecido pela Associação do Movimento das Donas de Casa e dos Consumidores da Bahia. Foram obtidas 12 confirmações de participação neste grupo focal.

Deste modo, foram feitos 99 contatos para a construção dos grupos focais na cidade de Salvador. Destes, foram obtidas 47 confirmações de participação entre trabalhadoras domésticas, empregadoras e donas de casa.

Em Salvador, os grupos focais foram nos dias 26 e 28 de setembro de 2010, no Hotel Monte Pascoal, situado Avenida Oceânica, 591 – Barra.

No dia 26 de setembro pela manhã, realizou-se o grupo focal com as empregadas domésticas mensalistas no período da manhã, com a presença de 10 pessoas e com as empregadas domésticas diaristas no período da tarde, com a presença de 11 pessoas.

No dia 28 de setembro no período matutino, realizou-se o grupo focal com as empregadoras com presença de 12 pessoas e no período da tarde com as donas de casa, contando com oito pessoas.

O horário de realização dos grupos foi de 10:00hs às 12:00hs no período da manhã e de 14:30hs às 16:30hs no período da tarde. Ao encerramento foi oferecido um lanche para todos os grupos.

As participantes receberam, ao final da atividade, um incentivo de R\$50,00 (cinquenta reais) pela participação.

Os nomes das participantes e recibos de pagamento encontram-se no DIEESE, à disposição para todos os efeitos legais cabíveis. Não constam deste relatório face ao compromisso de sigilo estabelecido com as participantes.

#### **AM1.4 DESENVOLVIMENTO E TEMAS DOS GRUPOS FOCALIS**

Para a condução dos grupos focais, o DIEESE trabalhou com uma equipe de cinco pessoas, às quais foram designados os seguintes papéis: facilitação, relato, observação e apoio.

Ao facilitador, cuja função é assegurar as condições para a reflexão e manifestação dos participantes sobre os temas selecionados, cabe, entre outras, as tarefas de colocar as questões a serem discutidas, controlar o tempo, motivar os presentes a intervirem na discussão e avaliar continuamente se os resultados estão sendo alcançados.

Ao relator, é designada a responsabilidade pelo registro de todos os elementos e manifestações não captáveis pela gravação em áudio, o que envolve a descrição de expressões não-verbais (gestos, expressões faciais, posturas corporais) e de ocorrências paralelas às falas. Inclui também anotações sobre o ambiente criado pelos participantes e o clima que se estabelece, bem como suas alterações no decorrer dos trabalhos.

O observador tem o objetivo de registrar suas impressões sobre a discussão e procurar captar subtextos, intenções e atos não explicitados verbalmente.

No apoio, contou-se com duas pessoas. Uma teve a função de levar o microfone a cada um dos participantes que solicitasse a palavra para que fosse garantida a qualidade da gravação e a concentração do facilitador e do grupo. À outra, atribuiu-se o trabalho de gravar a discussão.

Para melhor acolher as participantes e facilitar seu acesso à sala onde ocorreu o evento, um membro da equipe posicionava-se na entrada e a conduzia ao local. Para o início da discussão, esperava-se até a chegada de oito pessoas, número considerado satisfatório para o bom desempenho dos trabalhos.

Antes dos trabalhos, as participantes responderam a um questionário, no qual não se identificavam, e que tinha por finalidade levantar algumas de suas características pessoais e profissionais, de forma a possibilitar o esboço do perfil de cada grupo (ver Anexo *Metodológico 2 - Questionário*).

No horário combinado, o facilitador abria os trabalhos, expondo os objetivos da pesquisa e dos procedimentos necessários para a realização do grupo focal e, em seguida, dava início ao debate, orientado por um roteiro.

Em todos os grupos focais e em ambas as cidades, o trabalho iniciou-se pela apresentação da pesquisa e da entidade solicitante (a SPM), da instituição executora (o DIEESE), dos objetivos e forma de funcionamento do grupo.

Os temas a serem colocados para o debate foram listados e estruturados conforme as características de cada grupo, buscando manter a mesma estrutura temática e lógica, para fins de possibilidade comparação dos resultados. Os temas gerais foram os seguintes:

Trabalhadoras domésticas diaristas e mensalistas	Profissão e identidade
	Condições de vida
	Condições de trabalho
	Direitos sociais
Empregadoras de trabalhadoras domésticas	Trabalho doméstico em sua vida
	Proteção social e legal
	Direitos sociais

---

Donas de casa	Identidade
	Trabalho doméstico e trabalho remunerado
	Autonomia e direitos

---

A seguir, é apresentado o roteiro utilizado na condução de cada um dos quatro diferentes grupos focais:

### ROTEIRO PARA OS GRUPOS FOCALIS

Apresentação da Pesquisa e dos Trabalhos dos Grupos Focais (para todos)

Agradecimentos pela participação

Apresentação do DIEESE – executor da pesquisa: instituição criada pelos trabalhadores e trabalhadoras para:

- produzir estudos sobre as condições de trabalho e de vida de trabalhadores e trabalhadoras pela sua própria visão
- assessorar aos sindicatos que representam os trabalhadores e trabalhadoras

Motivos da realização da pesquisa: interesse da Secretaria de Políticas para as Mulheres em saber:

- o que as trabalhadoras pensam sobre o seu trabalho
- quais são as suas insatisfações
- o que esperam da profissão ou atividade que desenvolvem
- como gostariam que fosse a contratação ou a vida
- quem são as empregadoras de hoje
- o que esperam do emprego doméstico
- o que pode ser melhorado na lei para ajudar a formalização do emprego doméstico

Motivos para que o DIEESE realize a pesquisa com metodologia de grupos focais:

- para que as pessoas possam dizer o que quiserem, sem constrangimento e sem serem identificadas
- o DIEESE irá fazer um relatório sem citar o nome de nenhuma das pessoas presentes – nem a Secretaria de Políticas para as Mulheres, nem outra instituição ou pessoa saberão quem participou da atividade

Participação no grupo focal é voluntária – é muito importante que todas falem, mas ninguém é obrigada a se manifestar

Não existem respostas certas ou erradas, existe o que cada uma pensa.

É muito importante que as diversas opiniões sejam expressas e respeitadas, todas têm o direito de concordar, discordar, mas o importante é que haja respeito

Única regra para o debate: direito a fala de todo mundo e que todas ouçam e respeitem a fala de cada uma.

### Roteiro 1 - TEMAS PARA AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS (diaristas e mensalistas)

Apresentação das participantes e abertura da atividade - único momento em que todas precisam falar.

Atividade de quebra-gelo: Cada uma diz uma coisa que gosta e uma que não gosta no seu trabalho

#### TEMA I - PROFISSÃO - IDENTIDADE

Como você vê o seu trabalho e como você acha que ele é visto pelas outras pessoas? (Em geral, do local de trabalho, da família, dos amigos)

Por que escolheu exercer/desenvolver essa atividade?

#### TEMA II - CONDIÇÕES DE VIDA

Como você avalia que é a sua vida? (Local onde mora, tipo de moradia, acesso a serviços: hospitais, creches e escolas, transporte, etc.)

Como faz para cuidar da casa e da família?

#### TEMA III – CONDIÇÕES DE TRABALHO

Que tipo de coisa poderia melhorar o seu trabalho? (salário, jornada de trabalho, benefícios, tipo de tratamento dado pelas empregadoras, possibilidade de fazer cursos, tempo de deslocamento para o trabalho (transporte), forma de contratação, descanso final de semana).

Explicitar o tema da contratação com carteira, o que cada trabalhadora acha de ter carteira de trabalho assinada.

Você conhece o sindicato/federação de trabalhadoras domésticas? Acha importante? Participaria? O que o sindicato deveria fazer?

Somente para as diaristas: por que você escolheu ser diarista? Há vantagem em ser diarista ao invés de ser mensalista? Destacar o que vê de vantagem e desvantagem)

Somente para as mensalistas: por que você escolheu ser mensalista? Há vantagem em ser mensalista ao invés de ser diarista? Destacar o que vê de vantagem e desvantagem

#### TEMA IV – DIREITOS SOCIAIS

Em sua opinião, o que o governo (federal/estadual) poderia fazer para melhorar suas condições de vida e de trabalho? (Por exemplo, obrigatoriedade de carteira de trabalho

assinada, condições diferenciadas para a moradia, escolas, formação profissional, seguro desemprego, aposentadoria, etc.)

## Roteiro 2 – TEMAS PARA AS DONAS DE CASA

Apresentação das participantes e abertura da atividade - único momento em que todas precisam falar.

Atividade de quebra-gelo: Cada uma diz uma coisa que gosta e uma coisa que nos afazeres domésticos diários.

### TEMA I - IDENTIDADE

O que significa para você ser dona de casa e estar sem trabalho remunerado fora do domicílio?

Já teve trajetória profissional ou algum trabalho remunerado fora de casa?

Como você acha que as pessoas veem o trabalho que as donas de casa realizam e o fato de não possuírem um trabalho remunerado?

### TEMA II – TRABALHO DOMÉSTICO E TRABALHO REMUNERADO

Como se dá a divisão das tarefas domésticas na sua casa?

Você considera as tarefas domésticas como um trabalho? Você acha que elas contribuem para a família? Contribuem para o país?

Os demais membros da sua família reconhecem o trabalho que você realiza?

Você já trabalhou ou gostaria de trabalhar fora?

### TEMA III – AUTONOMIA E DIREITOS

Você desenvolve alguma atividade ou serviço em casa que propicia renda? Ou tem alguma renda própria? (procurar saber se é uma escolha ser dona de casa e se a pessoa tem alguma renda. Investigar a existência outras rendas como aluguel, aposentadoria ou pensão, doação, ajuda de familiares, bolsa família ou outros).

Na sua opinião, as donas de casa têm algum direito? Que direitos deveriam possuir as donas de casa? (aposentadoria, remuneração pública pelo trabalho desenvolvido, serviços públicos: escolas creches, etc.)

## Roteiro 3 - TEMAS PARA AS EMPREGADORAS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

Apresentação das participantes e abertura da atividade - único momento em que todas precisam falar.

Atividade de quebra-gelo: Cada um diz uma coisa que gosta e uma que não gosta no trabalho doméstico.

**TEMA I - O TRABALHO DOMÉSTICO NA SUA VIDA**

Por que você decidiu ter uma pessoa trabalhando como empregada doméstica em sua casa? (tempo que tem empregada, tipo: é diarista ou mensalista?)

Como você vê a profissão de trabalhadora doméstica?

Como você vê a relação de trabalho entre as empregadoras e as trabalhadoras domésticas?

Você se considera bem informada sobre os direitos das trabalhadoras domésticas e das empregadoras? Sabe como fazer - direito a carteira assinada, FGTS, décimo terceiro salário, INSS, férias, folga semanal?

Em sua opinião, quais os motivos para que haja tão pouca formalização (carteira assinada)? Como seria possível aumentar esse número? (no mercado de trabalho, apenas 30% das empregadas domésticas são registradas e contribuem para a previdência e terão direito a aposentadoria).

**TEMA II - PROTEÇÃO SOCIAL E LEGAL**

Existem organizações de empregadoras. Você conhece? Acha importante? Participaria?

Você conhece a lei que permite descontar no Imposto de Renda os valores de INSS pagos a uma trabalhadora doméstica registrada? Se conhece, o que acha da lei? O que o governo federal poderia fazer para melhorar a situação das trabalhadoras e das empregadoras? Que medidas e leis poderiam ser sugeridas?

Para o encerramento dos trabalhos, pedia-se às participantes que avaliassem a atividade realizada. Em seguida, todas recebiam o “incentivo” pela participação e eram convidadas a tomar um lanche, durante o qual a equipe da pesquisa permanecia atenta, pois, muitas vezes, novas informações eram fornecidas neste clima mais informal e com a relação de confiança já estabelecida

**CARTA CONVITE PARA OS GRUPOS FOCAIS  
SÃO PAULO E SALVADOR**

**CARTA CONVITE 1****PESQUISA AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: INFORMAÇÕES QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS****TRABALHADORAS DOMÉSTICAS MENSALISTAS (SÃO PAULO)**

São Paulo, 13 de setembro de 2010.

Prezada Senhora,

O DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos está desenvolvendo uma pesquisa voltada para a produção de informações sobre as mulheres no mercado de trabalho, com foco no levantamento e análise de informações qualitativas sobre trabalhadores domésticos, com a finalidade de subsidiar o debate e as ações políticas do governo federal acerca da formalização do trabalho doméstico no Brasil. Para atender essa finalidade, estamos realizando Grupos Focais em São Paulo e em Salvador com empregadoras e trabalhadoras domésticas e também com mulheres donas de casa, com o objetivo de levantar questões relacionadas às percepções das trabalhadoras e empregadoras acerca da valorização social da ocupação e como estas percebem as medidas já existentes para a formalização do serviço doméstico.

Para a realização dos Grupos Focais estamos convidando trabalhadoras domésticas, empregadoras de trabalhadoras domésticas e donas de casas representando as trabalhadoras inativas que se disponham a participar de um debate durante um período do dia, manhã ou tarde. O processo de recrutamento de pessoas a serem entrevistadas, foram definidos entre os três grupos de interesse listados acima; dentre os quais, este que a senhora representa.

Dessa forma, gostaríamos de convidá-la a participar de uma reunião a ser realizada no dia 22 de setembro de 2010 das 9:00 hs às 12:00 hs (incluído o horário do lanche). A reunião ocorrerá em São Paulo no Hotel Boulevard São Luis, situado à Av. São Luis, 234 – República – São Paulo/SP – Fone: (11) 3638-8500.

É muito importante esclarecer que essa participação é voluntária. Nesta ocasião, serão fornecidos aos participantes: café durante a recepção, um lanche após o evento e um incentivo financeiro no valor de R\$50,00 (cinquenta reais), pagos no dia da atividade.

Destacamos a importância da sua participação para o sucesso da pesquisa e contamos com sua presença no dia e local determinados. Confirmaremos sua participação na semana anterior a realização dos trabalhos, através de contato telefônico.

Esperando contar com sua atenção, colocamo-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, pelo telefone (11) 3874-5409 ou 3874-5377 no horário das 8:00h as 17:00h com Maryon Nastari ou Sirlei Oliveira.

Atenciosamente

Francisco J. C. de Oliveira  
Coordenador de Pesquisas

Sirlei Márcia de Oliveira  
Supervisora Técnica de Projetos

**CARTA CONVITE 2****PESQUISA AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: INFORMAÇÕES QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS****TRABALHADORAS DOMÉSTICAS DIARISTAS (SÃO PAULO)**

São Paulo, 13 de setembro de 2010.

Prezada Senhora,

O DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos está desenvolvendo uma pesquisa voltada para a produção de informações sobre as mulheres no mercado de trabalho, com foco no levantamento e análise de informações qualitativas sobre trabalhadores domésticos, com a finalidade de subsidiar o debate e as ações políticas do governo federal acerca da formalização do trabalho doméstico no Brasil. Para atender essa finalidade, estamos realizando Grupos Focais em São Paulo e em Salvador com empregadoras e trabalhadoras domésticas e também com mulheres donas de casa, com o objetivo de levantar questões relacionadas às percepções das trabalhadoras e empregadoras acerca da valorização social da ocupação e como estas percebem as medidas já existentes para a formalização do serviço doméstico.

Para a realização dos Grupos Focais estamos convidando trabalhadoras domésticas, empregadoras de trabalhadoras domésticas e donas de casas representando as trabalhadoras inativas que se disponham a participar de um debate durante um período do dia, manhã ou tarde. O processo de recrutamento de pessoas a serem entrevistadas, foram definidos entre os três grupos de interesse listados acima; dentre os quais, este que a senhora representa.

Dessa forma, gostaríamos de convidá-la a participar de uma reunião a ser realizada no dia 22 de setembro de 2010 das 14:00 hs às 17:00 hs (incluído o horário do lanche). A reunião ocorrerá em São Paulo no Hotel Boulevard São Luis, situado à Av. São Luis, 234 – República – São Paulo/SP – Fone: (11) 3638-8500.

É muito importante esclarecer que essa participação é voluntária. Nesta ocasião, serão fornecidos aos participantes: café durante a recepção, um lanche após o evento e um incentivo financeiro no valor de R\$50,00 (cinquenta reais), pagos no dia da atividade.

Destacamos a importância da sua participação para o sucesso da pesquisa e contamos com sua presença no dia e local determinados. Confirmaremos sua participação na semana anterior a realização dos trabalhos, através de contato telefônico.

Esperando contar com sua atenção, colocamo-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, pelo telefone (11) 3874-5409 ou 3874-5377 no horário das 8:00h as 17:00h com Maryon Nastari ou Sirlei Oliveira.

Atenciosamente

Francisco J. C. de Oliveira  
Coordenador de Pesquisas

Sirlei Márcia de Oliveira  
Supervisora Técnica de Projetos

**CARTA CONVITE 3****PESQUISA AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: INFORMAÇÕES QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS****EMPREGADORAS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS (SÃO PAULO)**

São Paulo, 13 de setembro de 2010.

Prezada Senhora,

O DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos está desenvolvendo uma pesquisa voltada para a produção de informações sobre as mulheres no mercado de trabalho, com foco no levantamento e análise de informações qualitativas sobre trabalhadores domésticos, com a finalidade de subsidiar o debate e as ações políticas do governo federal acerca da formalização do trabalho doméstico no Brasil. Para atender essa finalidade, estamos realizando Grupos Focais em São Paulo e em Salvador com empregadoras e trabalhadoras domésticas e também com mulheres donas de casa, com o objetivo de levantar questões relacionadas às percepções das trabalhadoras e empregadoras acerca da valorização social da ocupação e como estas percebem as medidas já existentes para a formalização do serviço doméstico.

Para a realização dos Grupos Focais estamos convidando trabalhadoras domésticas, empregadoras de trabalhadoras domésticas e donas de casas representando as trabalhadoras inativas que se disponham a participar de um debate durante um período do dia, manhã ou tarde. O processo de recrutamento de pessoas a serem entrevistadas, foram definidos entre os três grupos de interesse listados acima; dentre os quais, este que a senhora representa.

Dessa forma, gostaríamos de convidá-la a participar de uma reunião a ser realizada no dia 23 de setembro de 2010 das 9:00 hs às 12:00 hs (incluído o horário do lanche). A reunião ocorrerá em São Paulo no Hotel Boulevard São Luis, situado à Av. São Luis, 234 – República – São Paulo/SP – Fone: (11) 3638-8500.

É muito importante esclarecer que essa participação é voluntária. Nesta ocasião, serão fornecidos aos participantes: café durante a recepção, um lanche após o evento e um incentivo financeiro no valor de R\$50,00 (cinquenta reais), pagos no dia da atividade.

Destacamos a importância da sua participação para o sucesso da pesquisa e contamos com sua presença no dia e local determinados. Confirmaremos sua participação na semana anterior a realização dos trabalhos, através de contato telefônico.

Esperando contar com sua atenção, colocamo-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, pelo telefone (11) 3874-5409 ou 3874-5377 no horário das 8:00h as 17:00h com Maryon Nastari ou Sirlei Oliveira.

Atenciosamente

Francisco J. C. de Oliveira  
Coordenador de Pesquisas

Sirlei Márcia de Oliveira  
Supervisora Técnica de Projetos

**CARTA CONVITE 4****PESQUISA AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: INFORMAÇÕES QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS****DONAS DE CASA (SÃO PAULO)**

São Paulo, 13 de setembro de 2010.

Prezada Senhora,

O DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos está desenvolvendo uma pesquisa voltada para a produção de informações sobre as mulheres no mercado de trabalho, com foco no levantamento e análise de informações qualitativas sobre trabalhadores domésticos, com a finalidade de subsidiar o debate e as ações políticas do governo federal acerca da formalização do trabalho doméstico no Brasil. Para atender essa finalidade, estamos realizando Grupos Focais em São Paulo e em Salvador com empregadoras e trabalhadoras domésticas e também com mulheres donas de casa, com o objetivo de levantar questões relacionadas às percepções das trabalhadoras e empregadoras acerca da valorização social da ocupação e como estas percebem as medidas já existentes para a formalização do serviço doméstico.

Para a realização dos Grupos Focais estamos convidando trabalhadoras domésticas, empregadoras de trabalhadoras domésticas e donas de casas representando as trabalhadoras inativas que se disponham a participar de um debate durante um período do dia, manhã ou tarde. O processo de recrutamento de pessoas a serem entrevistadas, foram definidos entre os três grupos de interesse listados acima; dentre os quais, este que a senhora representa.

Dessa forma, gostaríamos de convidá-la a participar de uma reunião a ser realizada no dia 23 de setembro de 2010 das 14:00 hs às 17:00 hs (incluído o horário do lanche). A reunião ocorrerá em São Paulo no Hotel Boulevard São Luis, situado à Av. São Luis, 234 – República – São Paulo/SP – Fone: (11) 3638-8500.

É muito importante esclarecer que essa participação é voluntária. Nesta ocasião, serão fornecidos aos participantes: café durante a recepção, um lanche após o evento e um incentivo financeiro no valor de R\$50,00 (cinquenta reais), pagos no dia da atividade.

Destacamos a importância da sua participação para o sucesso da pesquisa e contamos com sua presença no dia e local determinados. Confirmaremos sua participação na semana anterior a realização dos trabalhos, através de contato telefônico.

Esperando contar com sua atenção, colocamo-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, pelo telefone (11) 3874-5409 ou 3874-5377 no horário das 8:00h as 17:00h com Maryon Nastari ou Sirlei Oliveira.

Atenciosamente

Francisco J. C. de Oliveira  
Coordenador de Pesquisas

Sirlei Márcia de Oliveira  
Supervisora Técnica de Projetos

**CARTA CONVITE 5****PESQUISA AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: INFORMAÇÕES QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS****TRABALHADORAS DOMÉSTICAS MENSALISTAS (SALVADOR)**

São Paulo, 13 de setembro de 2010.

Prezada Senhora,

O DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos está desenvolvendo uma pesquisa voltada para a produção de informações sobre as mulheres no mercado de trabalho, com foco no levantamento e análise de informações qualitativas sobre trabalhadores domésticos, com a finalidade de subsidiar o debate e as ações políticas do governo federal acerca da formalização do trabalho doméstico no Brasil. Para atender essa finalidade estamos realizando Grupos Focais em São Paulo e em Salvador com empregadoras e trabalhadoras domésticas e também com mulheres donas de casa, com o objetivo de levantar questões relacionadas as percepções das trabalhadoras e empregadoras acerca da valorização social da ocupação, e como estas percebem as medidas já existentes para a formalização do serviço doméstico.

Para a realização dos Grupos Focais estamos convidando trabalhadoras domésticas, empregadoras de trabalhadoras domésticas e donas de casas representando as trabalhadoras inativas que se disponham a participar de um debate durante um período do dia, manhã ou tarde. O processo de recrutamento de pessoas a serem entrevistadas, foram definidos entre os três grupos de interesse listados acima; dentre os quais, este no qual a senhora representa.

Dessa forma, gostaríamos de convidá-la a participar de uma reunião a ser realizada no dia 27 de setembro de 2010 das 9:00 hs às 12:00 hs (incluído o horário do lanche). A reunião ocorrerá em Salvador no Hotel Monte Pascoal, Av. Oceânica, 591, Barra, Tel: (71)2103-4000.

É muito importante esclarecer que essa participação é voluntária. Nesta ocasião, serão fornecidos aos participantes: café durante a recepção, um lanche após o evento e um incentivo financeiro no valor de R\$50,00 (cinquenta reais), pagos no dia da atividade.

Destacamos a importância da sua participação para o sucesso da pesquisa e contamos com sua presença no dia e local determinados. Confirmaremos sua participação na semana anterior à realização dos trabalhos, através de contato telefônico.

Esperando contar com sua atenção, colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, pelo telefone (11) 3874-5409 ou 3874-5377 no horário das 8:00 h às 17:00 com Maryon Nastari ou Sirlei Oliveira e no (71) 3242- 7880 no horário de 09:00 h às 18:00 com Maria Luiza ou Ana Georgina.

Atenciosamente

Francisco J. C. de Oliveira - Coordenador de Pesquisas

Ana Georgina - Supervisora Técnica do Escritório Regional da Bahia

Sirlei Márcia de Oliveira - Supervisora Técnica de Projetos

**CARTA CONVITE 6****PESQUISA AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: INFORMAÇÕES QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS****TRABALHADORAS DOMÉSTICAS DIARISTAS (SALVADOR)**

São Paulo, 13 de setembro de 2010.

Prezada Senhora,

O DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos está desenvolvendo uma pesquisa voltada para a produção de informações sobre as mulheres no mercado de trabalho, com foco no levantamento e análise de informações qualitativas sobre trabalhadores domésticos, com a finalidade de subsidiar o debate e as ações políticas do governo federal acerca da formalização do trabalho doméstico no Brasil. Para atender a essa finalidade estamos realizando Grupos Focais em São Paulo e em Salvador com empregadoras e trabalhadoras domésticas e também com mulheres donas de casa, com o objetivo de levantar questões relacionadas às percepções das trabalhadoras e empregadoras acerca da valorização social da ocupação e como estas percebem as medidas já existentes para a formalização do serviço doméstico.

Para a realização dos Grupos Focais estamos convidando trabalhadoras domésticas, empregadoras de trabalhadoras domésticas e donas de casas representando as trabalhadoras inativas que se disponham a participar de um debate durante um período do dia, manhã ou tarde. O processo de recrutamento de pessoas a serem entrevistadas foi definido entre os três grupos de interesse listados acima; dentre os quais, este que a senhora representa.

Dessa forma, gostaríamos de convidá-la a participar de uma reunião a ser realizada no dia 27 de setembro de 2010 das 14:00 hs às 17:00 hs (incluído o horário do lanche). A reunião ocorrerá em Salvador no Hotel Monte Pascoal: Av. Oceânica, 591, Barra - Tel.: ( 71 ) 2103-4000.

É muito importante esclarecer que essa participação é voluntária. Nesta ocasião, serão fornecidos aos participantes: café durante a recepção, um lanche após o evento e um incentivo financeiro no valor de R\$50,00 (cinquenta reais), pagos no dia da atividade.

Destacamos a importância da sua participação para o sucesso da pesquisa e contamos com sua presença no dia e local determinados. Confirmaremos sua participação na semana anterior à realização dos trabalhos, através de contato telefônico.

Esperando contar com sua atenção, colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, pelo telefone (11) 3874-5409 ou 3874-5377 no horário das 8:00 h às 17:00 com Maryon Nastari ou Sirlei Oliveira e no (71) 3242- 7880 no horário de 09:00 h às 18:00 com Maria Luiza ou Ana Georgina.

Atenciosamente

Francisco J. C. de Oliveira - Coordenador de Pesquisas

Ana Georgina - Supervisora Técnica do Escritório Regional da Bahia

Sirlei Márcia de Oliveira - Supervisora Técnica de Projetos

**CARTA CONVITE 7****PESQUISA AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: INFORMAÇÕES QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS****EMPREGADORAS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS (SALVADOR)**

São Paulo, 13 de setembro de 2010.

Prezada Senhora,

O DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos está desenvolvendo uma pesquisa voltada para a produção de informações sobre as mulheres no mercado de trabalho, com foco no levantamento e análise de informações qualitativas sobre trabalhadores domésticos, com a finalidade de subsidiar o debate e as ações políticas do governo federal acerca da formalização do trabalho doméstico no Brasil. Para atender essa finalidade estamos realizando Grupos Focais em São Paulo e em Salvador com empregadoras e trabalhadoras domésticas e também com mulheres donas de casa, com o objetivo de levantar questões relacionadas as percepções das trabalhadoras e empregadoras acerca da valorização social da ocupação, e como estas percebem as medidas já existentes para a formalização do serviço doméstico.

Para a realização dos Grupos Focais estamos convidando trabalhadoras domésticas, empregadoras de trabalhadoras domésticas e donas de casas representando as trabalhadoras inativas que se disponham a participar de um debate durante um período do dia, manhã ou tarde. O processo de recrutamento de pessoas a serem entrevistadas, foram definidos entre os três grupos de interesse listados acima; dentre os quais, este no qual a senhora representa.

Dessa forma, gostaríamos de convidá-la a participar de uma reunião a ser realizada no dia 29 de setembro de 2010 das 9:00 hs às 12:00 hs (incluído o horário do lanche). A reunião ocorrerá em Salvador no Hotel Monte Pascoal. : Av. Oceânica, 591, Barra - Tel.: ( 71 ) 2103-4000.

É muito importante esclarecer que essa participação é voluntária. Nesta ocasião, serão fornecidos aos participantes: café durante a recepção, um lanche após o evento e um incentivo financeiro no valor de R\$50,00 (cinquenta reais), pagos no dia da atividade.

Destacamos a importância da sua participação para o sucesso da pesquisa e contamos com sua presença no dia e local determinados. Confirmaremos sua participação na semana anterior à realização dos trabalhos, através de contato telefônico.

Esperando contar com sua atenção, colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, pelo telefone (11) 3874-5409 ou 3874-5377 no horário das 8:00 h às 17:00 com Maryon Nastari ou Sirlei Oliveira e no (71) 3242- 7880 no horário de 09:00 h às 18:00 com Maria Luiza ou Ana Georgina.

Atenciosamente

Francisco J. C. de Oliveira - Coordenador de Pesquisas

Ana Georgina - Supervisora Técnica do Escritório Regional da Bahia

Sirlei Márcia de Oliveira - Supervisora Técnica de Projetos

**CARTA CONVITE 8****PESQUISA AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: INFORMAÇÕES QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS****DONAS DE CASA (SALVADOR)**

São Paulo, 13 de setembro de 2010.  
Prezada Senhora,

O DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos está desenvolvendo uma pesquisa voltada para a produção de informações sobre as mulheres no mercado de trabalho, com foco no levantamento e análise de informações qualitativas sobre trabalhadores domésticos, com a finalidade de subsidiar o debate e as ações políticas do governo federal acerca da formalização do trabalho doméstico no Brasil. Para atender essa finalidade estamos realizando Grupos Focais em São Paulo e em Salvador com empregadoras e trabalhadoras domésticas e também com mulheres donas de casa, com o objetivo de levantar questões relacionadas as percepções das trabalhadoras e empregadoras acerca da valorização social da ocupação, e como estas percebem as medidas já existentes para a formalização do serviço doméstico.

Para a realização dos Grupos Focais estamos convidando trabalhadoras domésticas, empregadoras de trabalhadoras domésticas e donas de casas representando as trabalhadoras inativas que se disponham a participar de um debate durante um período do dia, manhã ou tarde. O processo de recrutamento de pessoas a serem entrevistadas foram definidos entre os três grupos de interesse listados acima; dentre os quais, este que a senhora representa.

Dessa forma, gostaríamos de convidá-la a participar de uma reunião a ser realizada no dia 28 de setembro de 2010 das 9:00 hs às 12:00 hs (incluído o horário do lanche). A reunião ocorrerá em Salvador no Hotel Monte Pascoal. : Av. Oceânica, 591, Barra - Tel.: (71) 2103-4000.

É muito importante esclarecer que essa participação é voluntária. Nesta ocasião, serão fornecidos aos participantes: café durante a recepção, um lanche após o evento e um incentivo financeiro no valor de R\$50,00 (cinquenta reais), pagos no dia da atividade.

Destacamos a importância da sua participação para o sucesso da pesquisa e contamos com sua presença no dia e local determinados. Confirmaremos sua participação na semana anterior à realização dos trabalhos, através de contato telefônico.

Esperando contar com sua atenção, colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, pelo telefone (11) 3874-5409 ou 3874-5377 no horário das 8:00 h às 17:00 com Maryon Nastari ou Sirlei Oliveira e no (71) 3242- 7880 no horário de 09:00 h às 18:00 com Maria Luiza ou Ana Georgina.

Atenciosamente

Francisco J. C. de Oliveira - Coordenador de Pesquisas  
Ana Georgina - Supervisora Técnica do Escritório Regional da Bahia  
Sirlei Márcia de Oliveira - Supervisora Técnica de Projetos

**ANEXO METODOLÓGICO 2**  
**QUESTIONÁRIOS PARA CARACTERIZAÇÃO DAS**  
**PARTICIPANTES**

Ficha n.º |—|—|—|

Data de preenchimento:

|—|—| |—|—| |—|—|

(dia) (mês) (ano)

**1. Sub-grupos:**

- 1  Empregada mensalista sindicalizada  
2  Empregada mensalista não sindicalizada

**2. Quantos anos você tem?**

|—|—| anos completos

**3. Considerando as alternativas listadas a seguir, qual a sua cor ou raça?**

- 1  Branca  
2  Preta  
3  Parda  
4  Amarela  
5  Indígena

**4. Qual a sua situação conjugal?**

- 1  Solteira  
2  Casada/ União consensual  
3  Separada/ Desquitada/ Divorciada  
4  Viúva

**5. Qual a sua posição no domicílio?**

- 1  Chefe  
2  Cônjuge  
3  Filha  
4  Outra \_\_\_\_\_

**6. Você tem filhos?**

- 1  Sim. Quantos? |—|—|  
2  Não

**7. Total de moradores no domicílio? (incluindo você)**

|—|—| \_\_\_\_\_ moradores

**8. Qual o seu grau de instrução? (registre somente o nível mais alto)**

- 1  Nunca freqüentou escola  
2  Fundamental incompleto (inclui o antigo primário completo)  
3  Fundamental completo (inclui os que concluíram os antigos primário e ginásio)  
4  Médio incompleto  
5  Médio completo (inclui as que concluíram os antigos cursos colegial, técnico, científico, normal e clássico)

6  Curso universitário/ Superior incompleto. Qual? \_\_\_\_\_

7  Curso universitário/ Superior completo. Qual? \_\_\_\_\_

**9. Há quanto tempo está no emprego atual?**

|—|—| anos completos

|—|—| meses

**10. Qual é o tipo de contrato no emprego atual?**

1  Empregada com carteira assinada por tempo indeterminado

2  Empregada com carteira assinada por tempo determinado

3  Empregada sem carteira assinada

4  Autônoma

5  Outro \_\_\_\_\_

**11. No atual emprego, qual a sua jornada semanal (efetiva)?** \_\_\_\_\_

**12. Qual a sua renda pessoal mensal? R\$** \_\_\_\_\_

**13. Qual o total da renda mensal da sua família? R\$** \_\_\_\_\_

**14. Já trabalhou em outro setor de atividade fora do serviço doméstico?**

1  Sim. Em que setor/subsetor de atividade? \_\_\_\_\_ (se sim, vá para a questão 15)

2  Não (se não, vá para a questão 16)

**15. No emprego no outro setor de atividade, qual era o tipo de contrato de trabalho?**

1  Empregada com carteira assinada por tempo indeterminado

2  Empregada com carteira assinada por tempo determinado

3  Empregada sem carteira assinada

4  Autônoma

5  Outro \_\_\_\_\_

**16. Mesmo com atual emprego a Sra procurou trabalho nos últimos 30 dias?**

Não  Sim. Se sim, que providências tomou?

1  Procurou empresa(s), agência(s) ou sindicato(s)

2  Procurou o SINE

3  Colocou ou respondeu anúncio(s)

4  Procurou parente(s), amigo(s) ou conhecidos(s)

5  Procurou na rua

6  Fez contato com possíveis clientes

7  Outra providência. Especifique: \_\_\_\_\_

8  Nada fez/ não lembra

**Nome da entrevistadora:** \_\_\_\_\_

Ficha n.º |—|—|—|

Data de preenchimento:

|—|—| |—|—| |—|—|

(dia) (mês) (ano)

**1. Sub-grupos:**

- 1  Empregada diarista avulsa (trabalha em diferentes casas sem frequência determinada nas casas)  
2  Empregada diarista permanente (de 1 a 3 vezes por semana na mesma casa)

**2. Quantos anos você tem?**

|—|—| anos completos

**3. Considerando as alternativas listadas a seguir, qual a sua cor ou raça?**

- 1  Branca  
2  Preta  
3  Parda  
4  Amarela  
5  Indígena

**4. Qual a sua situação conjugal?**

- 1  Solteira  
2  Casada/ União consensual  
3  Separada/ Desquitada/ Divorciada  
4  Viúva

**5. Qual a sua posição no domicílio?**

- 1  Chefe  
2  Cônjuge  
3  Filha  
4  Outra \_\_\_\_\_

**6. Você tem filhos ou filhas?**

- 1  Sim. Quantos/as? |—|—|  
2  Não

**7. Total de moradores no domicílio? (incluindo você)**

|—|—| \_\_\_\_\_ moradores

**8. Qual o seu grau de instrução? (registre somente o nível mais alto)**

- 1  Nunca frequentou escola  
2  Fundamental incompleto (inclui o antigo primário completo)  
3  Fundamental completo (inclui os que concluíram os antigos primário e ginásio)  
4  Médio incompleto  
5  Médio completo (inclui as que concluíram os antigos cursos colegial, técnico, científico, normal e clássico)

6  Curso universitário/ Superior incompleto. Qual? \_\_\_\_\_

7  Curso universitário/ Superior completo. Qual? \_\_\_\_\_

**9. Sempre foi diarista?**

1  Sim

2  Não

**10. Há quanto tempo é diarista?**

|—|—| anos completos

|—|—| meses

**11. Se é diarista permanente, há quanto tempo trabalha nessa(s) mesma(s) casa(s)? considerar a que está há mais tempo**

|—|—| anos completos

|—|—| meses

**12. Como diarista, a Sra. possui algum tipo de contrato de trabalho?**

1  Empregada com carteira assinada por tempo indeterminado

2  Empregada com carteira assinada por tempo determinado

3  Empregada sem carteira assinada

4  Autônoma

5  Outro \_\_\_\_\_

**13. Qual a jornada média diária em cada casa? \_\_\_\_\_**

**14. Em quantas casas trabalha? \_\_\_\_\_**

**15. Qual a sua jornada semanal (efetiva)? \_\_\_\_\_**

**16. É sindicalizada?**

1  Sim

2  Não

**17. Quanto cobra em média por dia de trabalho? R\$ \_\_\_\_\_**

**18. Qual a sua renda pessoal mensal? R\$ \_\_\_\_\_**

**19. Qual o total da renda mensal da sua família? R\$ \_\_\_\_\_**

**20. Já trabalhou em outro setor de atividade fora do serviço doméstico?**

1  Sim. Em que setor/subsetor de atividade? \_\_\_\_\_ (se sim, vá para a questão 20)

2  Não (se não, vá para a questão 21)

**21. No emprego no outro setor de atividade, qual era o tipo de contrato de trabalho?**

1  Empregada com carteira assinada por tempo indeterminado

2  Empregada com carteira assinada por tempo determinado

3  Empregada sem carteira assinada

4  Autônoma

5  Outro \_\_\_\_\_

**22. Mesmo com o atual emprego, a Sra. procurou trabalho nos últimos 30 dias?**

Não  Sim. **Se sim, que providências tomou?**

1  Procurou empresa(s), agência(s) ou sindicato(s)

2  Procurou o SINE

3  Colocou ou respondeu anúncio(s)

4  Procurou parente(s), amigo(s) ou conhecidos(s)

5  Procurou na rua

6  Fez contato com possíveis clientes

7  Outra providência. Especifique: \_\_\_\_\_

8  Nada fez/não lembra

9  Não

**23. A Sra. possui outras rendas?**

1  Pensão, aposentadoria

2  Aluguel

3  Trabalhos esporádicos (costura, confeitaria, pintura, manicure, cabeleireira)

4  Bolsa família ou outros programas de transferência de renda

5  Doação

6  Outros (qual)? \_\_\_\_\_

**Nome do(a) entrevistador(a):** \_\_\_\_\_

Ficha n.º |—|—|—|

Data de preenchimento:

|—|—| |—|—| |—|—|

(dia) (mês) (ano)

**1. Quantos anos você tem?**

|—|—| anos completos

**2. Considerando as alternativas listadas a seguir, qual a sua cor ou raça?**

- 1  Branca  
2  Preta  
3  Parda  
4  Amarela  
5  Indígena

**3. Qual a sua situação conjugal?**

- 1  Solteira  
2  Casada/União consensual  
3  Separada/ Desquitada/ Divorciada  
4  Viúva

**4. Qual a sua posição no domicílio?**

- 1  Chefe  
2  Cônjuge  
3  Filho(a)  
4  Outra \_\_\_\_\_

**5. Você tem filhos ou filhas?**

- 1  Sim. Quantos/as? |—|—|  
2  Não

**6. Total de moradores no domicílio? (incluindo você)**

|—|—| \_\_\_\_\_ moradores (sem trabalhadora doméstica mensalista)

**7. Qual o seu grau de instrução? (registre somente o nível mais alto)**

- 1  Nunca frequentou escola  
2  Fundamental incompleto (inclui o antigo primário completo)  
3  Fundamental completo (inclui os que concluíram os antigos primário e ginásio)  
4  Médio incompleto  
5  Médio completo (inclui os que concluíram os antigos cursos colegial, técnico, científico, normal e clássico).  
6  Curso universitário/ Superior incompleto. Qual? \_\_\_\_\_  
7  Curso universitário/ Superior completo. Qual? \_\_\_\_\_

**8. Atualmente você trabalha?**

1  Sim (vá para a questão 9)

2  Não (vá para a questão 16)

9. **Qual o setor de atividade e o subsetor do seu emprego atual?** (Se for desempregada ou inativa pular para a questão 16)

1  Indústria/subsetor: \_\_\_\_\_

2  Comércio/subsetor: \_\_\_\_\_

3  Serviços/subsetor: \_\_\_\_\_

10. **Há quanto tempo está no emprego atual?**

|—|—| anos completos

|—|—| meses

11. **Qual é o tipo de contrato no emprego atual?**

1  Empregada com carteira assinada por tempo indeterminado

2  Empregada com carteira assinada por tempo determinado

3  Empregada sem carteira assinada

4  Autônoma

5  Empregadora

6  Outro \_\_\_\_\_

12. **É sindicalizada?**

1  Sim

2  Não

13. **No atual emprego, qual a sua jornada semanal (efetiva)?** \_\_\_\_\_

14. **Qual a sua renda pessoal mensal?** R\$ \_\_\_\_\_

15. **Qual a renda total mensal de sua família?** R\$ \_\_\_\_\_

16. **Já trabalhou alguma vez?**

1  Sim. Em que setor/subsetor de atividade? \_\_\_\_\_ (Sim passar para a 17)

2  Não (Passar para a questão 18).

17. **No seu último emprego, qual era o tipo de contrato de trabalho?**

1  Empregada com carteira assinada por tempo indeterminado

2  Empregada com carteira assinada por tempo determinado

3  Empregada sem carteira assinada

4  Autônoma

5  Empregadora

6  Outro \_\_\_\_\_

18. **A Sra. procurou trabalho nos últimos 30 dias?**

Não  Sim. Se sim, que providências tomou?

1  Procurou empresa(s), agência(s) ou sindicato(s)

2  Procurou o SINE

3  Colocou ou respondeu anúncio(s)

4  Procurou parente(s), amigo(s) ou conhecidos(s)

5  Procurou na rua

6  Fez contato com possíveis clientes

7  Outra providência. Especifique: \_\_\_\_\_

8  Nada fez/não lembra

9  Não

**19. A Sra. possui algum tipo de renda mensal?**

Não  Sim. Se sim, qual a sua renda pessoal mensal? R\$ \_\_\_\_\_

**20. Qual é a fonte da sua renda mensal?**

1  Pensão aposentadoria

2  Aluguel

3  Trabalhos esporádicos (costura, confeitaria, pintura, manicure, cabeleireira)

4  Bolsa família ou outros programas de transferência de renda

5  Doação

6  Outros (qual)? \_\_\_\_\_

**Nome do(a) entrevistador(a):** \_\_\_\_\_

Ficha n.º |—|—|—|

Data de preenchimento:

|—|—| |—|—| |—|—|

(dia) (mês) (ano)

**1. Quantos anos você tem?**

|—|—| anos completos

**2. Considerando as alternativas listadas a seguir, qual a sua cor ou raça?**

- 1  Branca  
2  Preta  
3  Parda  
4  Amarela  
5  Indígena

**3. Qual a sua situação conjugal?**

- 1  Solteira  
2  Casada/União consensual  
3  Separada/ Desquitada/ Divorciada  
4  Viúva

**4. Qual a sua posição no domicílio?**

- 1  Chefe  
2  Cônjuge  
3  Filha  
4  Outra \_\_\_\_\_

**5. Você tem filhos ou filhas?**

- 1  Sim. Quantos/as? |—|—|  
2  Não

**6. Total de moradores no domicílio? (incluindo você)**

|—|—| \_\_\_\_\_ moradores

**7. Qual o seu grau de instrução? (registre somente o nível mais alto)**

- 1  Nunca frequentou escola  
2  Fundamental incompleto (inclui o antigo primário completo)  
3  Fundamental completo (inclui os que concluíram os antigos primário e ginásio)  
4  Médio incompleto  
5  Médio completo (inclui os que concluíram os antigos cursos colegial, técnico, científico, normal e clássico)  
6  Curso universitário/ Superior incompleto. Qual? \_\_\_\_\_  
7  Curso universitário/ Superior completo. Qual? \_\_\_\_\_

**8. Já trabalhou alguma vez?**

- 1  Sim. Em que setor/subsetor de atividade? \_\_\_\_\_
- 2  Não **(Passar para a questão 10)**

**9. No seu último emprego, qual era o tipo de contrato de trabalho?**

- 1  Empregada com carteira assinada por tempo indeterminado
- 2  Empregada com carteira assinada por tempo determinado
- 3  Empregada sem carteira assinada
- 4  Autônoma
- 5  Outro \_\_\_\_\_

**10. A Sra. procurou trabalho nos últimos 30 dias?**

- Não  Sim. **Se sim, que providências tomou?**

- 1  Procurou empresa(s), agência(s) ou sindicato(s)
- 2  Procurou o SINE
- 3  Colocou ou respondeu anúncio(s)
- 4  Procurou parente(s), amigo(s) ou conhecidos(s)
- 5  Procurou na rua
- 6  Fez contato com possíveis clientes
- 7  Outra providência. Especifique: \_\_\_\_\_
- 8  Nada fez/não lembra
- 9  Não

**11. O(a) Sr(a) possui algum tipo de renda mensal?**

- Não  Sim. **Se sim, qual a sua renda mensal pessoal? R\$** \_\_\_\_\_

**12. Qual é a fonte da sua renda mensal?**

- 1  Pensão, aposentadoria
- 2  Aluguel
- 3  Trabalhos esporádicos (costura, confeitaria, pintura, manicure, cabeleireira)
- 4  Bolsa família ou outros programas de transferência de renda
- 5  Doação
- 6  Outros (qual)? \_\_\_\_\_

**13. Qual a renda total mensal de sua família? R\$** \_\_\_\_\_ (por mês)

**Nome do(a) entrevistador(a):** \_\_\_\_\_